

JACQUES BERGIER

O LIVRO DO INEXPLICÁVEL



HEMUS

O LIVRO DO INEXPLICÁVEL

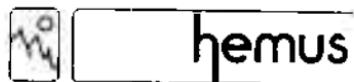
(A VOLTA DOS MÁGICOS)

Jacques Bergier e Grupo INFO

Muitas vezes a ciência não soube absorver e digerir alguns fatos estranhos, quando se tornou possível, isso lhe permitiu progressos consideráveis, assim é que a descoberta das pedras que caem do céu, antes negada, trouxe em seguida dados preciosos sobre a história do sistema solar e levou recentemente à descobertas sensacionais sobre a origem da vida. É o caso das tartarugas gigantes das Ilhas Galápagos, das quais se negava inicialmente a existência e que levaram Charles Darwin a formular a teoria da evolução. Mas, antes que a ciência absorva "o inexplicável", esses fatos negados já tem o poder de fascinar o leitor por sua estranheza e mistério.

Esse livro destaca os fatos mais inexplicáveis descobertos por todo o mundo após a guerra. É obra única no gênero. Entre as pessoas que contribuíram é preciso citar Ronald J. Willis, diretor da revista "Info", especializada nesses estudos, Jacques Bergier, um dos autores de "O Despertar dos Mágicos", e Georges H. Gallet, a quem se deve a introdução da ficção científica na França.

UM LANÇAMENTO INÉDITO



JACQUES BERGIER e GRUPO INFO

O LIVRO DO INEXPLICÁVEL

A VOLTA DOS MÁGICOS

Tradução de:

FRANCISCO DE SOUZA

HEMUS — LIVRARIA EDITORA LTDA.

Do original Francês
LE LIVRE DE L'INEXPLICABLE

© Copyright 1973 by Editions Albin Michel

*Direitos para a língua portuguesa adquiridos pela
HEMUS — LIVRARIA EDITORA LTDA.
que se reserva a propriedade desta publicação*

Capa de:
Equipe Hemus

hemus livraria editora limitada
01510-rua da glória, 312 liberdade
fone 279-9911 pbx
caixa postal 9686 são paulo

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

P R E F Á C I O

Charles Fort está morto, mas sua obra sobrevive. É parodiando um slogan político que se pode definir a influência deste homem extraordinário e singular.

Charles assemelhava-se a uma foca tímida. Possuía os membros redondos e gordos, assim como um ventre forte, não tinha pescoço, uma cabeça grande e semicalva, nariz largo e achatado, óculos de metal e bigodes à Gurdjieff.

Nascido no século XIX, morreu em 1932, deixando quatro livros, inéditos:

- *O livro dos danados*
- *Os talentos selvagens*
- *Eis aí!*
- *Mundos novos.*

Nestes livros, com um prazer malicioso, dedicava-se a coletar fatos que a ciência ortodoxa não queria considerar. Animava-o um espírito de eterno colegial contudo, simultaneamente, produzia um enorme trabalho reestruturando sistematicamente todas as revistas científicas desde o início do século passado.

Esta obra rendeu-lhe um certo número de admiradores. Uma sociedade Charles Fort foi fundada

em 26 de janeiro de 1931. Entre seus fundadores encontravam-se Theodore Dreiser, Booth Tarkington, Ben Hecht, Harry Leon Wilson, John Cowper Powys, Alexander Woollcott, Burton Rascoe, Aaron Sussman e o secretário geral Tiffany Thayer.

A sociedade publicava uma revista trimestral intitulada Doubt (Dúvida), desaparecida em 1950. O trabalho foi retomado alguns anos após por um grupo de jovens americanos, liderados por Paul e Ronald Willis. Este grupo publica uma revista: INFO, isto é, Informações Fortianas.

As edições Albin Michel asseguraram-se da exclusividade mundial da publicação, em livro, dos artigos aparecidos nesta revista. Os mais notáveis dentre eles foram selecionados para integrar o presente volume.

A documentação INFO é sobretudo americana, mas anexei alguns fatos de origem européia.

O conjunto constitui, pela primeira vez, uma sequência digna da obra de Fort.

Este livro almeja um duplo objetivo. Primeiramente, informar os leitores sobre um mundo muito estranho, ao que normalmente eles vivem.

Muito facilmente, a imprensa e os mass media, toda vez que observam eventos que transcendem o ordinário apresentam explicações simplistas.

Assim sendo, ao escrevermos estas linhas, um lobo adulto é capturado perto de Meaux. Prontamente, a imprensa nos explica que ele veio andando desde a Polônia. Entre a Polônia e a França, há fronteiras guarnecidas de cercas eletrificadas, protegidas pelos detectores mais modernos e um animal das dimensões de um lobo não pode absolutamente ultrapassá-las. Encontrar-se-á um dia, pode ser, a explicação para o fato mas, refletindo-se sobre

o problema e não se deixando enganar por explicações realmente impossíveis.

O segundo objetivo desta obra é o de sermos, por nossa vez, reensinados por nossos leitores. Ficaremos felizes se remetessem relatos de eventos extraordinários que observassem; nossa esperança e quase nossa certeza é que haverá suficientes cartas deste gênero para alimentar um segundo livro. Deixo agora convidar o leitor a refletir e maravilhar-se frente a este aspecto extraordinário do universo.

Como dizia Fort: eis o que se pode recolher consultando a imprensa mais séria: "Chuva vermelha em Blankenberghe, em 2 de novembro de 1819, chuva de lama na Tasmânia, em 14 de novembro de 1902. Flocos de neve grandes como pratos em Nashville no dia 24 de janeiro de 1891. Chuva de rãs em Birmingham, em 30 de junho de 1892. Aerólitos. Bolas de fogo. Rastros de um animal fabuloso em Devonshire. Discos voadores. Vestígios de chaminés no alto das montanhas. Engenhos nos céus. Caprichos de cometas. Desaparições estranhas. Cataclismas inexplicáveis. Inscrições em meteoritos. Neve negra. Luares azuis. Sóis verdes. Chuvas de sangue."

Encontra-se tudo isto e muito mais nas revistas científicas e na imprensa cotidiana séria.

Não se pode pesquisar tudo. Mas pode-se selecionar um certo número de casos e estudá-los em profundidade; é o que Georges Gallet e eu fizemos nesta obra.

Podemos tomar, ante os fenômenos que parecem provocar-nos com insolência, diversas atitudes.

Pode-se, é óbvio, negar tudo sistematicamente. É o que fazia Lavoisier diante dos meteoritos, declarando:

"Não é possível cair pedras do céu, porque no céu não há pedras".

Não riamos: os astrônomos modernos observaram, no mesmo setor do céu, uma explosão cujos fragmentos afastaram-se uns dos outros, a uma velocidade superior à da luz. Ora, segundo Einstein, a relatividade exige que a velocidade da luz seja um limite absoluto...

Quer se queira, quer não, existem pedras no céu e parecem existir velocidades superiores à da luz. Não se pode negar sistematicamente tudo que se opõe à ciência oficial. Aliás, a negação não é uma atitude científica. Os próprios sábios o dizem.

Também não se pode aceitar tudo de inicio: é necessário verificar com grande empenho.

Vou apresentar dois exemplos: um clássico, outro bem conhecido e contemporâneo. O primeiro é citado por Fontenelle, do bebê com dente de ouro. Anunciou-se, em fins do século XVII, que havia nascido uma criança com dente de ouro. Perguntou-se se o fato pressagiava o fim do mundo ou simplesmente uma grande revolução na França. Fontenelle teve a curiosidade de ir ver e constatou que se tratava de uma fina película de ouro colocada pelo pai da criança.

Isto não impediu que a Revolução Francesa ocorresse, mas é duvidoso que tenha sido causada por uma criança de dente de ouro... O outro exemplo é muito significativo porque demonstra com que grau de atenção devem-se efetuar as verificações nos casos de fenômenos extraordinários. Há dez anos mais ou menos, encontraram-se, na União Soviética, sob a cidade de Odessa, ossos de animais pré-históricos, principalmente pássaros, em catacumbas.

Esse ossos datam de um milhão de anos, aproximadamente. Ora, examinando-os atentamente encontraram-se incrstações em forma de hélices e, no interior destas, incrstações com traços de ferro e cobalto.

A conclusão mais evidente é que algum visitante extraterrestre tenha deixado aquelas amostras metálicas. Esta conclusão foi anunciada com muita reserva.

Seguiram-se as pesquisas. E encontrou-se um molusco que fazia incrstações helicoidais e que possuía ferro e cobalto no sangue. Esta explicação parece mais simples que a intervenção de extraterrestres e finalmente foi adotada. Mas, se não se houvesse prosseguido nas pesquisas ter-se-ia atribuído a seres extraterrestres com provas evidentemente falsas. A desconfiança impõe-se simultaneamente ao espírito aberto.

Existem muitos fatos que não resistem a semelhante abordagem.

Eles se desvanecem à medida em que a luz da pesquisa os aclara.

É o caso dos discos voadores: pode-se concluir com quase 100% de certeza que não existem.

Assim também as materializações, ectoplasmas e outros prodígios dos médiums, incluindo as mesas semeventes. Filmando-se uma sessão espírita com filme infravermelho, constatam-se os truques.

Mas resta ainda sem explicação uma quantidade de fatos suficiente para fornecer assunto para vários livros como este.

Se não se pode explicá-los, pode-se ao menos classificá-los. Uma primeira classificação, necessariamente simplificada, compreende quatro categorias que são respeitadas neste livro:

1. As civilizações desaparecidas

Precisemos: ninguém nega que civilizações tenham desaparecido. Como dizia Paul Valéry: "As civilizações são mortais".

Mas, o que a ciência oficial nega com veemência é a existência, no passado, de civilizações tão ou mais avançadas tecnicamente que a nossa.

Entretanto, encontram-se constantemente objetos que parecem provir destas civilizações; a primeira parte deste livro lhes é consagrada.

2. Os extraterrestres

A criação de tal categoria, de tal subdivisão, pode parecer contraditória com a afirmação que fizemos anteriormente: não existem discos voadores.

A contradição é apenas aparente.

Se a pesquisa mostra que as aparições de discos voadores são falsas, não impede, entretanto, que seja estatisticamente provável que haja civilizações extraterrestres.

Não se pode excluir que uma ou várias destas civilizações tenham intervindo — ou intervenham — algumas vezes na vida dos terrestres; um certo número destes fenômenos merecem ser descritos.

3. Os animais desconhecidos

A Terra não foi perfeitamente explorada quanto nos querem fazer crer.

Não apenas encontram-se exemplares mortos ou vivos, de espécies dadas como fósseis e desaparecidas há dezenas de milhões de anos, mas ainda encontram-se, de tempos em tempos, vestígios de animais desconhecidos que não podem ser classificados nem entre os fósseis, nem entre as espécies vivas.

4. Intervenções extraordinárias em nossa vida cotidiana

É indiscutível que nossa vida cotidiana seja perturbada por fenômenos estranhos que se denominam freqüentemente de “feitiços”, termo aliás bastante infeliz. Em outros tempos, atribuía-se este gênero de fenômenos aos espíritos dos mortos, aos deuses, aos demônios. Atualmente, não mais se procura explicação, mas procura-se cada vez com mais perfeição, descrevê-los e classificá-los. Um certo número destes fenômenos, escolhidos pela sua autenticidade e dramaticidade, formam a quarta parte do livro.

Como dissemos, esperamos que vários de nossos leitores nos possam informar sobre fatos “inexplicáveis” — ou melhor, inexplicados — que observaram e que possam ser enquadrados em alguma destas categorias. É para nós mais do que simples esperança, é praticamente uma certeza entusiasmante.

JACQUES BERGIER.

Primeira Parte

AS CIVILIZAÇÕES DESAPARECIDAS

AS ESTATUETAS DE ACAMBARO

POR RONALD J. WILLIS

O artigo que vamos ler provocou uma emoção geral no mundo inteiro.

Trata-se de nada menos do que uma reviravolta total em nossas idéias sobre o passado.

Falaremos de estatuetas que parecem ter sido fabricadas há 2 mil anos e que no entanto, representam ao mesmo tempo homens, animais pré-históricos e mesmo animais totalmente desconhecidos.

*Também, ao invés de dar minha opinião pessoal, citarei a opinião do historiador soviético, G. Bouslaëv, que apareceu na revista *Technique et Jeunesse*, n.º 10, 1971, pág. 56, juntamente com um resumo do artigo de Ronald Willis e algumas fotos.*

Meu resumo será fiel, mas deixa de lado a tese do historiador soviético, segundo a qual o regime capitalista é o responsável pela dispersão desta coleção de estatuetas e pelo fechamento de uma porta imensa que se abria para o passado.

Este artigo não é político, de forma que não criarei polêmicas com o Sr. Bouslaëv. Cabe aos mexicanos protestar se seu regime é tratado como capitalista. Lembremo-nos que o México é ao mesmo tempo católico e trotskista, e que na Sexta-feira Santa queimam-se as figuras de Stalin e Judas...

Dito isto, o Sr. Bouslaëv admite a possibilidade de que a coleção de Acambaro seja autêntica, e que uma parte dos animais em questão possa ser inspirada em animais pré-históricos, ainda sobreviventes naquela época, no México.

Outros foram inspirados nos aligatores. Os aligatores como se sabe, são crocodilos americanos. Um culto ao aligator existia no México antigo, e eram aprisionados nos templos da região. Uma mulher cavalgando um aligator parecia ser mais plausível do que uma mulher cavalgando um dinossauro. Nessas condições, as estatuetas de Acambaro seriam recordações transmitidas através das gerações, e constantemente reproduzidas, de um passado muito longínquo, remontado talvez até a 20 mil anos. Tal é a tese do cientista soviético, que me parece bastante interessante.

Em julho de 1945, Waldemar Julsrud, um comerciante de Acambaro (em Guanajato), no México, percorria a cavalo uma colina que domina a cidade, quando notou alguns fragmentos de cerâmica que afloraram durante a estação de chuvas. Interessado em antiguidades mexicanas, pediu a um pedreiro do local, Odilon Tinajero, para ir ver o lugar e trazer-lhe o que encontrasse. Tinajero encontrou aparentemente muitas coisas, pois a coleção feita por Julsrud, de 1945 a 1952, compreende bem mais de 30.000 peças. Praticamente todos os arqueólogos consideravam-nas falsas, ainda que não se encontre

nelas quase nada de valor, senão apenas para se *olhar*. Portanto, há numerosas razões para se pensar que esta coleção seja uma das curiosidades arqueológicas mais extraordinárias do mundo!

As figuras que representam répteis têm desconcertado particularmente alguns arqueólogos que examinaram a coleção. Algumas destas estatuetas assemelham-se a dinossauros e a plesiossauros. Mas visto que, segundo as teorias correntes, estas criaturas desapareceram há 70 milhões de anos, os antigos índios do México não poderiam saber a que elas se assemelhavam. Entenda-se, pessoas de nossa época o saberiam, através de livros e filmes de ficção científica. Os monstros realmente são muito desconcertantes.

No entanto, um dos aspectos mais fantásticos de toda a coleção é a sua extraordinária variedade. Nenhuma duplicata entre mais de 30.000 peças! Algumas são semelhantes, mas não existem idênticas. A imaginação aplicada na produção desses animais "pré-históricos", dessas estatuetas humanóides e de "múmias", de centenas de grupos nos quais os seres humanos e os animais desempenham um papel numa cena, é simplesmente estupenda. A lista dos diferentes tipos de objetos é longa.

Tipos de objetos que se encontram na Coleção Julsrud:

1. Cerâmica tarascana (de tipo conhecido e classificado como cerâmica indígena do México).
2. Pontas de lança e de flecha em obsidiana — provavelmente tarascanas.
3. Dentes encontrados com as estatuetas — identificados como sendo do *Equus Conversidens* Owen, um cavalo extinto do Pleistoceno.

4. Várias centenas de "vasos" — não tarascanos — de um material similar ao das estatuetas de répteis.
5. Uma coleção de máscaras.
6. Numerosos cachimbos — dos quais muitos de modelo fantástico.
7. Grupos mostrando animais e homens representando cena de uma lenda ou relato.
8. Cabeças de cerâmica — não fazendo parte de uma estatueta maior.
9. Serpentes enrodilhadas.
10. Estatuetas de mamíferos, muitas das quais representando animais do pleistoceno, tais como: rinoceronte, tapir, tatu, lhamas extintos etc..
11. Placas gravadas com desenhos de répteis e outros animais.
12. Objetos de cerâmica imitando casca de árvore — mais freqüentemente com desenhos ocultos na textura da casca.
13. Peixes e cavalos-marinhos.
14. Grandes estátuas humanas de 60 a 120 cm de altura.
15. "Múmias" de 15 a 25 cm de altura, não se assemelhando às múmias egípcias.
16. Grandes cabeças de homens ou de animais.
17. Estatuetas talvez "maias".
18. Estatuetas sugerindo contacto com culturas oceânicas.
19. Serpentes ou dragões.
20. Alguns vasos de jade.
21. Estatuetas de répteis — a categoria mais numerosa da coleção (milhares) — das quais muitas *sugerem* répteis do Mesozóico, mas com toda a evidência, não os *reproduzindo*, mais de milhares de objetos variados, que po-

dem ser instrumentos de música etc., e muitos outros que não podemos classificar.

A teoria corrente, segundo a qual, os grandes répteis desapareceram há aproximadamente 70 milhões de anos e que o homem é de origem mais recente, condena automaticamente, para a maioria dos cientistas, as estatuetas e as placas que mostram homens em companhia destas criaturas. E como estes indígenas teriam conhecido o rinoceronte peludo, os cavalos e os camelos americanos etc. que desapareceram no fim da era pleistocênica, cerca de 10000 a 12000 anos? Fora disto, esta coleção representa um conhecimento mais extenso e uma imaginação mais vasta, que todo o conhecimento anterior ao século XIX ou pouco antes. Numerosas culturas produziram obras de arte de uma qualidade e de uma imaginação maravilhosas, mas nenhuma civilização antiga produziu tantas coisas diferentes como a "cultura Julsrud".

A figura 3 é um ótimo exemplo. Vê-se aí, no centro, uma espécie de dinossauro; à esquerda, um plesiossário e, entre os dois, uma máscara que se parece, sob outros aspectos, com as máscaras gregas de Górgonas. Na faixa de cima vêm-se elefantes; à extrema direita, uma figura que evoca o antigo Extremo-Oriente, além de uma fileira de "múmias". A simples descrição da coleção exigiria numerosos volumes e toda uma vida.

Mas se são falsas, porque foram feitas? Foram necessários anos de penoso trabalho para se fazer esta coleção. Dos numerosos trabalhos, tais como as "múmias", os cachimbos etc., são habilmente talhados, gravados e esmaltados, o que demonstra que esta produção vem de um excelente artista. Julsrud

deu a Tinajero um peso para cada estatueta íntegra que ele trouxesse. Por vezes, elas estavam quebradas e coladas. Se ele pagou a Tinajero mais de trinta mil pesos, durante 7 anos de trabalho e, se os objetos fossem falsos, os falsários haviam feito um mau negócio nessa troca. Trinta mil pesos não valem mais do que 18.000 francos, ou seja, pouco mais de 2.500 francos por ano, para os defraudadores interessados! Eles poderiam ter auferido algum lucro, provavelmente, exportando-as simplesmente como curiosidades mexicanas.

Os adversários de Julsrud disseram freqüentemente, aos pesquisadores como, por exemplo, o professor Charles Hapgood, que eles conheciam a família que fabricava os objetos na cidade, mas não forneceram nomes, nem endereço de uma oficina. Esta pareceu ser, entretanto, uma boa ocasião para que desferissem o golpe em Julsrud, porém nenhuma família de super-artistas deste gênero pôde ser encontrada em Acambaro, mesmo após buscas minuciosas. Julsrud declarou que haviam tentado insinuar uma peça, evidentemente falsa, em sua coleção a fim de desacreditá-la.

O professor Hapgood estava presente quando as escavações foram feitas, no local em que uma casa havia sido construída 25 anos atrás. O chefe de polícia de Acambaro residira nesta casa e nada indicava que alguém tivesse oportunidade de ocultar o que quer que fosse, sob a casa, depois de 1930. Quarenta e quatro artefatos do tipo Julsrud foram descobertos desta vez ao lado de outros objetos de origem indígena. Nos dois hectares do terreno (agora largamente ocupado por cabanas de posseiros), outros achados semelhantes àqueles da coleção Juls-

rud foram encontrados tanto na superfície quanto em profundidade.

Em 1950, Charles C. DiPeso, da Fundação Ameríndia do Arizona, deu sua opinião sobre o ocorrido em Acambaro ("Os monstros de argila de Acambaro", na revista *Archeology*, verão de 1953). Ele passou desde o meio-dia até a manhã seguinte nesse local. Viu Tinajero e um ajudante que acabavam de desenterrar alguns objetos e pretende ter descoberto as provas da fraude. Tem-se, todavia, a impressão, em todo o seu artigo, de que ele estava muito decidido a apresentar provas. Por outro lado, as notas de DiPeso foram consideradas como as de "mentiroso ou imbecil". DiPeso pretendia que nenhum dos objetos apresentava sinais que indicassem que haviam sido enterrados há muito tempo. Todavia, o professor Hapgood e Ivã T. Sanderson encontraram objetos e fragmentos de estatuetas que traziam incrustações de terra batida, marcas de pequenas raízes, cavidades cheias de terra e areia, indicando uma permanência no solo durante considerável período de tempo.

O professor Hapgood observou que o costume do escavador de recobrir os depósitos de objetos parcialmente escavados, a fim de impedir que as crianças da vizinhança os roubassem à noite, pode ter induzido DiPeso ao erro. Outros cientistas, entre os quais Raymond C. Barber, do Museu do Condado de Los Angeles e o Dr. Eduardo Nogueira, assistiram à exumação real dos objetos. O primeiro é um mineralogista e o segundo foi diretor do Serviço de Monumentos Pré-Hispânicos no México. Não se encontrou nenhuma prova de fraude até este momento, mas pronunciou-se mais tarde pela frau-

de, em virtude da sua incapacidade de explicar as figuras de répteis ao lado das de homens!

DiPeso utilizou um outro método desagradável e pouco digno para desacreditar a coleção de Acambaro. Seu artigo em *Archeology* começou por dizer “Comentam-se estranhas histórias na pequena cidade da estrada de ferro de Acambaro... Elas falam de uma colina enfeitiçada onde se diz que o diabo deixou numerosas estatuetas de argila tão terríveis quanto bizarras, esparsas sobre o solo como que advertindo os mortais”. Se isto pode ser um excelente ponto de partida para uma história de terror, é sobretudo mau para um artigo que pretende apresentar uma apreciação honesta de uma descoberta científica; nem Hapgood, nem Sanderson fazem menção de rumores a respeito do diabo, nem histórias segundo as quais a colina seria “encantada”. De fato, os aventureiros começaram a se instalar nos locais enquanto se prosseguiam as escavações. O que faz julgar que os camponeses dos arredores não estavam nem um pouco preocupados com o “feitiço” deste lugar. DiPeso não poderia ter feito alusão a essa história da “colina enfeitiçada”, senão para atentar deliberadamente desacreditar toda pesquisa sem consideração da verdade.

DiPeso complica igualmente a questão dizendo: “Estas estatuetas de cerâmica são em forma de brontossauro, tiranossauro Rex, estegossauro, tracodonte, dimetrodonte e outros répteis do Mesozoico...”. Mas o professor Hapgood apresenta fotos de centenas dessas estatuetas de répteis ao Dr. A. S. Romer, professor de Zoologia da Universidade de Harvard. Este declarou que elas não correspondiam a nenhuma espécie de dinossauro. Ele sugeriu que poderiam ter-se inspirado em répteis

vivos da região. Aparentemente DiPeso não sabia reconhecer um tiranossauro.

Mas ainda há um ponto mais importante: recentemente se deu um acontecimento que indica claramente que os objetos de Julsrud sejam de uma antiguidade considerável. O professor Hapgood obteve fragmentos de uma estatueta, na qual partículas de matéria orgânica se encontravam inclusas no momento em que elas foram feitas. Estes fragmentos foram enviados ao Laboratório de Datação através do Rádio-Carbono da Sociedade Isótopos, Inc., em Westwood, Nova Jersey, em setembro de 1968. Chegou-se a um resultado surpreendente: a matéria orgânica datava de 3590 anos, com uma margem de erro de mais ou menos 100 anos! Isto significa que o objeto foi feito lá pelo ano 1600 a.C., ou seja, algum artista indígena mexicano foi tão esperto para incluir um pouco de matéria orgânica muito antiga em algumas estatuetas. Esta segunda hipótese parece ser extremamente duvidosa, principalmente porque o datação pelo rádio-carbono C-14 não foi conseguida a não ser nos últimos anos da década de 1940, e que não tinha sido vulgarizada quando a procura das estatuetas foi suspensa em 1952.

Talvez seja interessante notar que a idade avaliada, pela datação, de 3600 anos, ou seja, 1600 a.C., recai neste estranho período entre 1700 a 1500 a.C. durante o qual tantas coisas aconteceram. Grandes catástrofes fustigaram o Mediterrâneo, a ilha vulcânica de Santorim explodiu, Creta e o Egito decaíram, na Índia a civilização do Vale do Indo desapareceu bruscamente. Numerosas lendas desses acontecimentos chegaram até nós. Se a datação pelo C-14 estiver correta, colocando as estatuetas de

Acambaro nesse período, não haveria alguma relação entre as catástrofes sofridas por outras civilizações e a expansão da cultura Julsrud no México?

Em geral, as estatuetas de animais são frequentemente modeladas com extraordinário senso de movimento, e pode-se habitualmente dizer o que elas estão supostamente representando. Mas os pormenores são raramente especificados. Por exemplo, uma delas representa com muita evidência uma forma de elefante. Parece ser muito semelhante a um elefante da Ásia, mas nenhum dos pormenores são modelados com exatidão. Se ela representa um elefante da Ásia, parece pouco provável que um mexicano da antiguidade possa ter visto um. Será mais provável que ele tenha visto um mamute vivo, mas a estatueta não se assemelha a um mamute. É verdade, todavia, que, em 1931, a cidade de Acambaro tinha em sua praça principal uma fonte encimada por uma grosseira estátua de elefante.

Uma outra curiosidade da coleção, da qual não temos infelizmente boas fotos, provém de animais fabulosos cujas diferentes partes são uma mescla de feitiços muito diversos. Algumas das formas humanóides têm igualmente línguas bifurcadas, mãos e pés como que espalmados etc.. Em resumo, aí vemos a imaginação humana em pleno delírio.

Mr. Julsrud esboçava, por sua vez, a teoria de que esta coleção se achava num museu asteca em Tenochtitlan, e que ela provinha da Atlântida antes de sua destruição. Quando os espanhóis chegaram ao México a coleção foi transferida, supõe-se, para Acambaro e enterrada pelos astecas. A maneira como Tinajero explicou o achado dos objetos foi curiosa. Parecia existir bolsões com numerosas estatuetas, todas elas misturadas. Nenhum jazigo

humano parecia associado a esses bolsões de estatuetas. No entanto, seis crânios humanos foram encontrados nas cercanias e estes pareciam apresentar fortes diferenças de dolicocefalismo (mais longo do que largo) e braquicefalismo (mais largo do que longo); porém é o que se deve esperar entre as civilizações ameríndias. Infelizmente, esses crânios não foram estudados de forma aprofundada até hoje.

Parece que esta pesquisa desordenada de Acambaro não tem fim. O professor Hapgood estava igualmente presente, então, numa escavação da granja do coronel Muzkiz. Daí em diante, algumas pesquisas nesta granja haviam encontrado cerâmicas tarascanas e “um enorme crânio encontrado numa profundidade considerável, junto a uma grande pedra chata”. Pode-se pensar que este crânio era de um mamute pois esses fósseis abundam na região. Com efeito, um esqueleto de mamute foi encontrado perto do local de onde provieram as estatuetas de Acambaro e enviado à cidade do México. A associação do crânio com uma pedra chata faz-nos supor que os homens da região talvez tivessem algo relacionado com o culto do crânio.

O professor Hapgood decidiu reabrir a escavação onde o crânio fora descoberto. Notou que a terra era macia e poeirenta ainda que a escavação tivesse sido coberta 4 ou 5 anos antes. A pedra chata não foi reencontrada, porém encontrou-se algo mais extraordinário: uma escada introduzia-se pelo solo adentro! O coronel lembrou-se de que na escavação precedente havia encontrado vestígios de um subterrâneo escavado na colina. A escada estava recoberta de materiais vulcânicos entulhando-a, e infelizmente, nem o tempo nem os meios permitiram

prosseguir mais longe na escavação. Pode-se perguntar o que se achava no topo da escada que se insinuava numa colina já que essa apresentava tantas coisas estranhas quase à sua superfície!

O professor Hapgood soube que um certo Sr. Ferro, de São Miguel de Allende, encontrou numerosas estatuetas e tinha vendido mais de 1.500 para turistas por muito bom preço. Ele possuía uma lojinha na Escola de Arte Americana da cidade. Julgava distinguir as antiguidades "autênticas" das "falsas". Em suas prateleiras via-se mais de uma dúzia de objetos muito semelhantes aos de Julsrud, e compreendia um fragmento de máscara, uma mulher de pé sobre um lagarto, um gigante com um réptil, uma mulher com cauda de peixe e quatro grupos. Hapgood foi-se, então, com Ferro ao local onde haviam feito as descobertas e constatou que era *nas* pirâmides de São Miguel de Allende! Covas de uma vintena destas pirâmides mostravam onde Ferro havia desenterrado os objetos que vendia e, aí, as estatuetas estavam freqüentemente descobertas nas tumbas, contrariamente a Acambaro. Ali, consequentemente, localizava-se uma outra fonte de estatuetas do tipo Julsrud, mas a maioria delas estava irremediavelmente dispersa entre os numerosos colecionadores americanos. Curiosamente, pelo fato de que algumas falsas estatuetas, tenham sido encontradas nesta região, todos os objetos provenientes da região foram igualmente considerados "falsos" pelas autoridades arqueológicas. O professor Hapgood crê que os achados de São Miguel Allende se propaguem a fim de dar crédito à validade dos objetos de Acambaro.

Deve-se igualmente observar que as figuras bizarras de cerâmica não são limitadas ao México Cen-

tral. Horst Nachtigal apresenta, na sua obra "As culturas megalíticas americanas" (Dietrich Reimer Verlag, Berlim, 1958, fig. 135), uma espécie de lagarto em cerâmica, proveniente de La Plata, que evoca algumas das criaturas fantásticas da coleção de Acambaro.

A qual conclusão poderemos então chegar? Existem muitos dados que provam que as estatuetas de Acambaro podem muito bem ser de uma antiguidade considerável. Entretanto, é difícil admitir que tenha havido uma cultura indígena no México Antigo que tivesse conhecimento extenso dos grandes répteis e dos animais do Pleistoceno, já que estes foram descobertos recentemente, e que esta civilização tivesse produzido objetos tão similares aos de muitas outras culturas. Talvez a aplicação, nestas cerâmicas, de certos testes recentemente descobertos, tais como a fluoroscopia de raios-X ou a termoluminescência, auxiliará a estabelecer a idade aproximada destes objetos. É concebível que alguns dos objetos da coleção pudessem ser falsos, isto é, não datando mais de 100 anos, ao passo que os outros teriam milhares. Portanto, o teste C-14 já indicou uma datação de 3600 anos anteriores à nossa era, que os arqueólogos, pelo que sabe o autor, ignoraram totalmente. Com outros testes teriam melhor sorte?

E o que pensar dos dentes do cavalo extinto do Pleistoceno, *Equus conversidens* Owen? Como se misturaram eles à coleção? O que representam as estatuetas que parecem ser cavalos, talvez cavalos do Pleistoceno? Poderia haver uma relação entre os dentes e as estatuetas de cavalos? Um indígena do México Antigo teria criado o cavalo a partir de

seus dentes? Ou o teria visto vivo? Ou não passa de um exemplo sutil do falso?

Sanderson assim resume sua análise: pode ser que o velho senhor (Julsrud) tenha feito uma das suas maiores descobertas de todos os tempos, por acaso, pode ser que ele tenha sido totalmente logrado durante muitos anos por uma ou várias pessoas que nada mais desejavam que um modesto rendimento...; nossa conclusão não pode mesmo ser se não provisória: na pior das hipóteses temos uma coleção extraordinária de objetos de arte, mas se ela é autenticamente antiga poderia modificar nossas idéias acerca da história e da cultura do México Antigo.

OS MISTERIOSOS MINEIROS DE COBRE DA AMÉRICA DO NORTE

As rotas dos metais sulcam o mundo antigo e mostram um nível de comércio e de circulação de mercadorias que não concorda, em absoluto, com a história clássica. A mais célebre dessas rotas é a rota do estanho, que vai da Cornualha Britânica a Creta, passando por Lyon. Outras rotas nos são menos conhecidas, notadamente a rota do ouro, partindo das minas do rei Salomão, em alguma parte da África até Jerusalém. Existe igualmente uma rota da obsidiana⁽¹⁾ que vai da Armênia à Espanha e tão fantástica quanto possa parecer, uma rota de urânia que vai da Cornualha a Creta. Não me perguntam o que os cretenses faziam com o óxido de urânia, porque não tenho a mínima idéia.

O artigo que segue é uma interessantíssima contribuição ao estudo da rota do cobre.

É difícil admitir que as notáveis minas de cobre, muito extensas na região do Lago Superior (no Canadá), possam ter sido obra de aborígenes americanos. Apesar do extraordinário desenvolvimento dessas minas nada se descobriu que indicasse ser esta região habitada alguma vez por uma população

(1) A obsidiana é um vidro natural, negro, de origem vulcânica, que servia, há 10 mil anos, para fabricar instrumentos cortantes.

fixa... Nenhum vestígio de habitação, nenhum esqueleto, nenhum osso foram encontrados. "Os indígenas não têm nenhuma tradição que se refira a estas minas (American Antiquarian, n.º 25, pág. 258). Julgo que tivemos visitantes e que chegaram até aqui por causa do cobre, por exemplo (Charles Fort, *O Livro dos Danados*)".

Clifford Simak escreve no *Minneapolis Tribune* de 8 de junho de 1969:

Um professor vai pesquisar a fundo o mistério das minas de cobre.

Os navegadores gregos teriam atravessado o Atlântico perto de 5000 ou 6000 anos e, escalado a cadeia dos Grandes Lagos para extrair cobre do Michigan Setentrional? O Dr. Eiler L. Henrickson, professor de geologia no Carleton College (Northfield, Minnesota), parte este mês para a Grécia a fim de passar um ano de licença para pesquisa. Durante esta permanência, ele analisará objetos de bronze e cobre, a fim de tentar determinar a origem geográfica do cobre que eles contêm.

Declarou que não se surpreenderá muito se uma parte deste cobre revelar-se originária da região do Lago Superior. Existem numerosas razões para suspeitar que há 5 ou 6 milênios, pelo menos, uma civilização altamente organizada extraiu daí uma grande quantidade de cobre. A região em questão é a que se chama *Michigan Copper Country* (a terra do cobre) que engloba a península Keweenaw e a Ilha Real. Durante anos, até uma época ainda recente, a região de Keweenaw forneceu ao mundo enorme quantidade deste metal.

A existência de poços de minas primitivas nesta região foi conhecida pouco depois das primeiras incursões que aí fizeram os homens brancos. Esti-

ma-se em pelo menos 5 mil fossas deste tipo. Algumas delas são pequenas. As maiores medem de 10 a 12m de comprimento e pouco menos de 3m de profundidade.

Esta “terra do cobre” é ímpar por ser o único lugar do mundo em que se encontra um grande depósito de cobre nativo, isto é, de pepitas e de grandes pedaços de cobre puro. Em geral, o cobre encontra-se misturado com outros elementos e o material deve ser refinado para separar dele o metal. O cobre nativo é exatamente aquele em que o homem primitivo mais estaria interessado. Não há necessidade de refinar e o cobre pode ser modelado com martelo, em ferramentas e armas ou combinado com estanho para se obter o bronze.

A estimativa da quantidade de cobre extraída das 5000 minas, cuja existência se conhece, varia de 45 mil a 225 mil toneladas. A cifra menor é a de estimativa mais prudente, fundamentada na possibilidade de que o mineiro primitivo se satisfaria com um pequeno rendimento de sua extração. A cifra mais alta fundamenta-se, pelo contrário, na idéia de que nenhum mineiro primitivo teria perdido tempo e a energia exigidos por esta extração se não trabalhasse numa jazida muito rica onde a porcentagem de cobre fosse muito elevada.

Contudo, mesmo a estimativa menor representa muito mais cobre, diz Henrickson, que a América primitiva pudesse absorver. Objetos de cobre foram encontrados amplamente espalhados na América do Norte e, também, em certas regiões da América Central e do Sul; mesmo assim, 45 mil toneladas de cobre seriam muito mais que tudo o que pudesse ser utilizado nas duas Américas.

A extração de tanto cobre indica igualmente que quem o extraiu representava uma sociedade altamente organizada, com muita mão-de-obra que pudesse ser utilizada com eficiência. Henrickson adianta a hipótese de que os homens que extraíam o cobre não fossem indígenas norte-americanos mas que proviessem de outra parte. Esta hipótese, admite, não tem em que se fundar, mas se este trabalho de extração fosse feito por uma civilização americana, deveríamos ter descoberto, agora, testemunhas de uma civilização muito mais avançada do que todas as que se constataram.

O fato de não se ter descoberto sepulturas e não haver vestígios de habitação vem reforçar a idéia de que o cobre não foi extraído por pessoas que vivessem na região do Lago Superior.

Mesmo a extração de 45.000 toneladas de cobre teria exigido ou uma excessiva mão-de-obra utilizada durante um período relativamente curto ou pouca mão-de-obra, mas efetuando o trabalho num período extremamente longo. Tanto num caso como noutro deveria haver aí sepulturas, a menos que os mortos fossem transportados para outros lugares e deveriam também restar alguns vestígios de habitação permanente, se aí houvesse.

A estimativa de 5 mil a 6 mil anos para a época em que foi feita a extração é séria. As cifras são obtidas com a datação pelo radiocarbono de carvão vegetal encontrado nas fossas sob grandes massas de cobre, que foram extraídas da encosta da escavação e sob as quais acendeu-se fogo tentando amolecê-las a fim de poder fragmentá-las.

Se o trabalho de extração não foi feito por indígenas, quem o fez então? É a questão que permanece de pé. A solução mais provável seria os gre-

gos. A Grécia era um país pobre em recursos minerais. Havia muito pouco cobre e não havia estanho. O estanho utilizado no bronze europeu vinha principalmente, nós o sabemos, da Cornualha (Grã-Bretanha). Mas para tornar-se uma potência mundial, a Grécia tinha necessidade de cobre.

De onde veio este cobre? Chipre possui cobre, porém, sob forma mineral. Havia necessidade de refiná-lo para se separar o metal. A África Setentrional poderia fornecê-lo, mas não há nenhuma indicação que isto tenha ocorrido. Seria preciso que os homens da Idade do Bronze possuíssem uma tecnologia mais avançada do que jamais se supôs, ou que tivessem acesso ao cobre nativo. E o único lugar conhecido de onde pudesse se obter grande quantidade de cobre nativo é a região do Lago Superior.

Na Grécia, Henrickson trabalhara ligado a um programa de pesquisas chamado Copper Project (Projeto do Cobre), sob a égide do Laboratório Nacional Argonne, em Lemont, Illinois e do Carleton College, em cooperação com a Universidade de Minnesota e a Comissão de Energia Atômica da Grécia.

Ele estudara objetos postos à sua disposição por diversos museus e grupos científicos gregos. Apenas uma ínfima quantidade do metal destes objetos é necessária à análise, e os objetos não são danificados. Vários métodos altamente aperfeiçoados serão empregados nesta análise, a qual certamente envolverá a utilização de um reator atômico, e aí é que intervém a Comissão de Energia Atômica Grega. O cobre nativo é de uma pureza tal que, em muitos casos, não há senão 1/10.000.^º apenas de outros elementos. E estas impurezas são o fator determinante na identificação do cobre. Este 1/10.000.^º pode ser composto até de 25 elementos

diferentes, e isto é ainda importante na determinação do tipo de cobre.

Sendo dado que cada massa de cobre esteve originalmente depositada num meio químico diferente e num conjunto de situações características, cada depósito tem suas próprias particularidades, no que concerne aos vestígios de elementos em suas impurezas. É por isso que se pode obter o segredo da origem do cobre.

O *Interamerican News Letter* de novembro de 1970 menciona igualmente estas misteriosas minas. Uma quantidade considerável de cobre foi extraída desta região e foram necessários pelo menos 10.000 homens, durante um período de um milhar de anos, para sua extração.

Se o cobre do Michigan revelar-se ter sido espalhado no resto do mundo, isto fará literalmente perder a cabeça todos os difusionistas. Contudo, mesmo se assim ocorrer, permanecerá a questão: quem o extraía? E nós pensamos na civilização antiga de há 5 mil anos que, segundo o professor Hapgood, cartografou o mundo, como uma possibilidade. Mas se, pelo contrário, não se encontrar este cobre em nenhuma parte do mundo? Quem então o levou?... e *para onde?*...

FENÍCIOS NO NOVO MUNDO?

POR RONALD J. WILLIS

A existência da inscrição da Paraíba e seu sentido não deixam mais dúvidas.

Mesmo os arqueólogos mais reacionários o admitem. Ao que parece, os antigos se deslocavam muito mais do que se crê, e exploravam mais do que se pensa. Muito recentemente provou-se que no século XIV da era cristã, uma imensa frota chinesa atingiu a África. A concepção de uma história fragmentada, com civilizações bem separadas, está fadada a desaparecer.

Em 1872, na Paraíba, Brasil, descobriu-se uma pedra que trazia uma inscrição de 8 linhas, cujos caracteres com muita evidência não pertenciam às culturas conhecidas da América do Sul.

Em 1874, a inscrição mereceu a atenção do professor Ladislau Neto, do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Nem o professor Neto nem qualquer outro sábio brasileiro parece ter-lhe concedido uma atenção muito séria. Todavia ela veio a ser conhecida na Europa onde a analisaram infatigáveis eruditos alemães. Foi inicialmente julgada de origem fenícia. Mais tarde, a filologia alemã afastou-a como não-fenícia.

Aparentemente a pedra se perdeu.

Mas a inscrição permanece em cópia. Agora a controvérsia reacendeu-se. Apareceu um novo protagonista sustentando a origem fenícia da inscrição. É o Dr. Cyrus H. Gordon da Universidade Brandeis (de Waltham, Massachusetts).

Dois fatores surgiram para reacender a controvérsia. Um provém de que novas descobertas na escrita fenícia demonstram, segundo o Dr. Gordon, que o uso das palavras na inscrição da pedra da Paraíba está correto, contrariamente aos juízos anteriores menos bem informados. O outro fato foi a descoberta, pelo Dr. Jules Piccus, da Universidade de Massachusetts, em Amherst, de uma caderneta de notas que pertencera a Wilbeforce Eames, um dos administradores (ou conservadores-chefe) da New York Public Library, do século XIX. Nesta caderneta encontrava-se uma carta de 31 de janeiro de 1874, destinada a Mr. Eames pelo professor Neto. O Dr. Piccus mostrou esta carta ao Dr. Gordon. Este concluiu daí que a transcrição dos caracteres na carta era mais plausível que a versão "definitiva" precedente, publicada em 1899.

Enquanto que o professor Frank M. Cross de Harvard continua a estigmatizar a inscrição como uma "falsificação do século XIX", o Dr. Gordon sustenta que o uso de uma terminologia desconhecida dos arqueólogos, no momento de sua descoberta, prova que esta não é uma prova forjada.

A controvérsia prosseguiu, portanto, até o momento, sem prestar atenção visível a outras inscrições tidas por fenícios encontradas no Brasil. Num apanhado geral estas compreendem:

Igualmente em 1872, um engenheiro chamado Francisco Pinto dizia ter descoberto inscrições em

mais de 20 cavernas na selva brasileira; ao todo cerca de 250 inscrições. A convite do governo brasileiro, o filólogo alemão, Ludwig Schoenhagen foi ao Brasil, estudou as inscrições durante 15 anos e declarou-as fenícias. Nos anos de 1880, o francês Ernest Renan afirma ter descoberto outras inscrições fenícias.

No início deste século, um industrial afastado de seus negócios, Bernardo da Silva Ramos, pretendeu ter descoberto mais de 2.800 inscrições em pedras ao longo do curso do Amazonas. Um rabino de Manaus declarou que, em sua opinião, estas inscrições eram fenícias. As obras ou artigos de Ramos a respeito deste assunto parecem, em verdade, ter sido ignoradas.

Considera-se, geralmente, que os fenícios atingiram os Açores. Em Corvo, a mais ocidental destas ilhas, afirma-se que se teriam descoberto moedas cartaginesas (em 1749); rumores persistentes, embora obscuros, da existência de ruínas fenícias; descoberta feita, quando os portugueses aí chegaram, de "uma estátua eqüestre apontando para o Ocidente" a qual, sendo verdadeira, foi destruída após muito tempo.

Consideremos que conviria prestar atenção nestas possíveis confirmações da presença fenícia no Novo Mundo⁽¹⁾.

(1) *Referências* (os títulos seguintes servirão de sugestão para mais amplas informações; a documentação existe em fontes muito esparsas, das quais muitas são difíceis de encontrar e certamente impossíveis de se consultar, mesmo em gigantescas bibliotecas como a do Congresso de Washington).

Atlantic Voyages before Columbus (Viagens pelo Atlântico antes de Colombo), Frederik Pohl, Norton, ed. Nova York, 1961.

They all discovered America (Todos eles descobriram a América), Charles M. Boland, Doubleday ed., Nova York, 1961.

A estes convém acrescentar o recente *Before Columbus* (Antes de Colombo), pelo professor Cyrus H. Gordon, Crown Press, Nova York, 1971.

Algumas notas sobre o texto da Paraíba

Extratos de “A autenticidade do texto fenício da Paraíba”, pelo Dr. Cyrus H. Gordon da Universidade Brandeis, nos Orientalia de Roma, vol. 37 (1968) pág. 75.

As singularidades linguísticas que lançaram dúvidas sobre o texto vêm, pelo contrário, apoiar sua autenticidade. Nenhum falsário conheceria suficientemente as línguas semíticas para compor tal documento, não cometendo erros senão aparentes. Agora que um século se passou, é evidente que o texto é autêntico, porque inscrições fenícias, ugaríticas e em outras línguas semíticas do noroeste, põem-nos frente aos mesmos “erros”.

A ... demonstração da autenticidade da inscrição da Paraíba não significa que todos os problemas estejam resolvidos e que todas as palavras e todas as construções de frases estejam definitiva e perfeitamente interpretadas. Todavia, o texto não é mais difícil nem mais anormal que o resto dos textos fenícios conhecidos.

A importância desta inscrição provém de sua significação histórica. Uma ilustre estudiosa de assuntos pré-colombianos declarou no começo deste século: “[...] o papel dos fenícios como intermediários da civilização antiga foi maior do que se supôs, e [...] a América deve ter sido colonizada intermitentemente por intermédio destes navegadores mediterrânicos” (Zealia Nuttall, “Os princípios fundamentais das civilizações do Antigo e Novo Mundos”, Peabody Museum, Cambridge, Massachusetts, 1901). Em sua obra de mais de 600 páginas, ela nem sequer menciona o texto da Paraíba, que fora condenado como falso. Mas a crescente massa

de provas que confirma esta tese, isolada no ostracismo, não deixa nenhuma dúvida quanto à justeza de sua conclusão, como acabamos de expor. Sua aceitação pelos americanistas e historiadores deverá preceder-se pelo reconhecimento da autenticidade da inscrição da Paraíba pelos semitistas. E tudo o mais se ajustará.

(O Dr. Gordon talvez seja otimista demais quanto a coisas que se ajustam por si mesmas, especialmente se americanistas e historiadores imaginarem-se humilhados por um simples lingüista... infelizmente os ciúmes entre disciplinas diferentes não é desconhecido ... Em todo caso, aguardemos que se ajustem as partes.)

O boletim *New World Antiquity* (Markham House Press Ltd, Brighton, Inglaterra) assinala em seu número de setembro/outubro de 1971, a obra “*The Parayba Phoenician Inscription*, publicado por seu autor, Mr. Joseph Ayoob (Aliquippa, Pa, USA, 1971), que é a tradução em inglês de seu livro intitulado *Sakhrat Barayba*, publicado em Beirute em 1961. Encontra-se aí esta nova tradução da inscrição:

“Demos sepultura (ao) filho de Canaã vindo da SRNM(Surinam), cidade em ruínas e um entreposto abandonado. Não eu, YZD (Yazid), o gravador do meio-dia e dos homens que procuram a melhor de todas as coisas. E assim os nono e décimo anos de HRM (Hiram), nosso rei morreu. (Tínhamos) deixado alegremente ASU (Azion-Geber) numa embarcação no Mar Vermelho e levantamos vela com dez navios. Aí todos desapareceram para mim. De súbito, desapareceram: Hor e Chittim (nomes de navios) foram lançados sobre esta terra

maldita: calor, frio e tempestades de neve. Mir Baal e Lan (navios) que vogavam em comboio, talvez tenham escapado às intempéries. Morreram, vindas KSHN, 6 pessoas de um MBAYH (6 kuchitas de MBEYE), R (Rab, o capitão) e mais 10 pessoas pereceram. As perdas por mim e (mas) porque pelo (meu) camarada HNNA (Hanno)."

Acrescentamos que no número de abril de 1971, o *New World Antiquity* já havia publicado três outras traduções diferentes da inscrição da Paraíba; vêem-se as numerosas armadilhas que espreitam mesmo os tradutores mais experimentados e, também, porque é difícil ter uma completa certeza.

Moedas Romanas na Venezuela

No fim do século XIX um tesouro em peças de moedas romanas foi descoberto na costa da Venezuela. As peças, sem seu receptáculo original, chegaram às mãos de um adido militar americano em Caracas. As moedas estão agora na Instituição Smithsoniana de Washington, D. C.

A respeito destas peças, Frederick J. Pohl indica numa nota de sua obra *Travessias do Atlântico antes de Colombo* (já citado): "Tendo por base que o tesouro comportava numerosas peças em duplicata, presume-se que estas peças não foram reunidas por um colecionador, mas constituíam dinheiro em caixa de um negociante, para suas compras. Como estas peças foram encontradas amontoadas numa jarra e não espalhadas na praia, parece razoável presumir, igualmente, que elas não haviam sido perdidas acidentalmente por alguém,

nem se extraviado na areia, mas que tenham sido lançadas na costa após um naufrágio ou deliberadamente escondidas pelo seu possuidor. Pelo fato de que há moedas de todos os imperadores romanos até a metade do século IV, conhece-se a data aproximada na qual o barco as trouxe.”

A carta abaixo, datada de 7 de maio de 1968, que Paul J. Willis, secretário-geral da INFO (The International Fortean Organization, PO Box 367, em Arlington, Virgínia 22.2210) recebeu de M. L. Peterson, presidente do Departamento de História das Forças Armadas, da Instituição Smithsoniana (Museu Nacional dos EUA, Washington D. C. 20.560), dá os últimos reparos a esse respeito:

“Trabalho no tesouro de moedas romanas mencionadas na sua carta e tenho a intenção de publicar um relatório quando este estiver terminado. Muitas destas peças estão sensivelmente corroídas, e é difícil identificá-las com precisão. Posso dizer, entretanto, que a maioria das peças consiste de moedas romanas com algumas moedas romanas pré-hispânicas. Encontraram-se duas peças mouras no lote — portanto hispano-mourisca, datando do século VIII.

“Até o momento apenas informei, sobre este tesouro, várias pessoas que o tem mencionado em seus escritos; não as estudei completamente e as peças mouras não foram identificadas. Conseqüentemente, estas pessoas podem ser induzidas a uma conclusão errônea na cronologia desta descoberta, mas na época eu lhes dei as informações que possuía em mãos. Havia igualmente explicado que o estudo não estava completo. Infelizmente, o vaso no qual o tesouro foi encontrado tinha sido destruído no momento em que o adido (*militar*) americano de

nossa embaixada em Caracas (proprietário das peças) chegou ao local.

"Considerando o extremo interesse de nossa descoberta, planejo publicar um relatório preliminar, mesmo se algumas das peças não puderem ser identificadas com exatidão."

A presença de peças mouras parece complicar ainda mais as coisas e, certamente, modificar "a data aproximada da viagem", se verdadeiramente elas faziam parte do carregamento de um navio.

O OBJETO DE COSO

POR RONALD J. WILLIS

O objeto de Coso, assim como Louis Pauwels e eu apresentamos no "Homem Eterno" é, talvez, uma prova da existência, no passado, de civilizações de técnicas avançadas.

É, provavelmente, o documento mais importante deste livro, sob o ponto de vista científico.

Em fevereiro de 1961, Mike Mikesell, Wallace A. Lane e Virgínia Maxey colhiam amostras de minerais geodos em particular, a 8 ou 9 km ao norte de Olancha, na Califórnia. Todos os três eram proprietários do LM & V Rockhounds Gem and Gift Shop em Olancha (uma loja de pedras semi-preciosas e presentes). Encontravam freqüentemente amostras interessantes que podiam conter pedras semipreciosas e as traziam à loja para exame.

Num dia qualquer conseguiram um saco de seis quase no topo de uma montanha de 1.300m que se eleva 110m aproximadamente acima do leito seco do Lago Owens . Uma das pedras encontradas foi tomada por um geodo, se bem que ela apresentasse incrustações de conchas ou de fragmentos de conchas fósseis. Os geólogos pensam que há 1.000 anos

atrás o nível do lago chegava até o local onde a amostra foi encontrada.

No dia seguinte, voltando para sua loja, Mike Mikesell partiu o “geodo” em dois com uma serra de diamante de 25cm de diâmetro. Não foi fácil parti-lo e constatou-se que ele havia gasto completamente o corte da serra de diamante que era nova. Não havia cavidade na pedra como se observa em muitos geodos; havia, ao invés, uma secção perfeita circular de um material muito duro de cerâmica ou porcelana, com uma haste de 2mm de diâmetro de metal brilhante no centro.

A figura A (fora do texto) mostra o exterior das duas metades da pedra. Na metade superior, a matéria sombreada à esquerda, com pontos brilhantes, é um tipo de metal opaco.

A figura B (fora do texto) mostra o interior das duas metades. Observa-se que as duas partes redondas centrais parecem ter sido envoltas por qualquer coisa que deixou uma cavidade hexagonal.

Ainda que ela tenha sido classificada de “geodo” pelos seus descobridores e por outros, não é verdadeiramente um geodo. A crosta exterior é formada de argila endurecida com inclusões de seis e conchas fósseis. Na crosta (mas não visíveis nas fotos) encontram-se — diz-se — dois objetos que pareciam não-magnéticos que se assemelhavam a um prego e a um disco.

De início, pensou-se que a matéria que preencha a cavidade hexagonal fosse madeira petrificada. Sugeriu-se que esta madeira fosse moldada nesta forma hexagonal para poder servir como estojo ou capa para o objeto. Não se sabe claramente o que os descobridores pensaram realmente do que poderia ser esta camada do geodo.

Um exame atento da figura B mostra que uma parte da metade inferior, de que se enchia a porção hexagonal do geodo, se perdeu. Que matéria seria esta que parecia mole e quebradiça, se uma parte caiu quando o objeto foi partido em dois.

As figuras C e D (fora do texto) mostram respectivamente as metades inferior e superior, tais como apresenta a figura B. Estas duas figuras são radiografias (frente e perfil) e não mostram nada além do metal no "geodo". Está claro que um objeto da parte metálica estava envolto na pedra e havia sido cortado em dois, restando uma metade mais ou menos embutida em cada uma das duas partes da pedra.

O objeto central é uma haste de metal brilhante de 2mm de diâmetro. Este foi cortado em dois em 1961, porém 5 anos após não apresentava nenhuma mancha. Em torno dela, encontram-se aproximadamente 18mm de uma espécie de cerâmica circundada exteriormente — parece — de uma matéria cuprosa, que é particularmente corrosível. A única parte magnética do objeto seria a haste central de metal brilhante, segundo os descobridores.

Quando se examina este objeto, a primeira idéia que aflora ao espírito, com a justaposição de uma cerâmica de forma regular de uma haste metálica e de um resto de cobre, é que se tratava de um tipo de aparelho elétrico. Se examinarmos as radiografias, constatamos que a haste atravessa todas as partes componentes mostradas pelas fotos; na figura C, parece ter sido corroída na extremidade. Entretanto, na figura D, a haste se acaba, sem dúvida, ao que parece, em uma mola ou espiral de metal. Há três segmentos do objeto sobre a haste e o seg-

mento central em cerâmica, com um pouco de cobre roido, é aquele que é visível e que é cortado em dois.

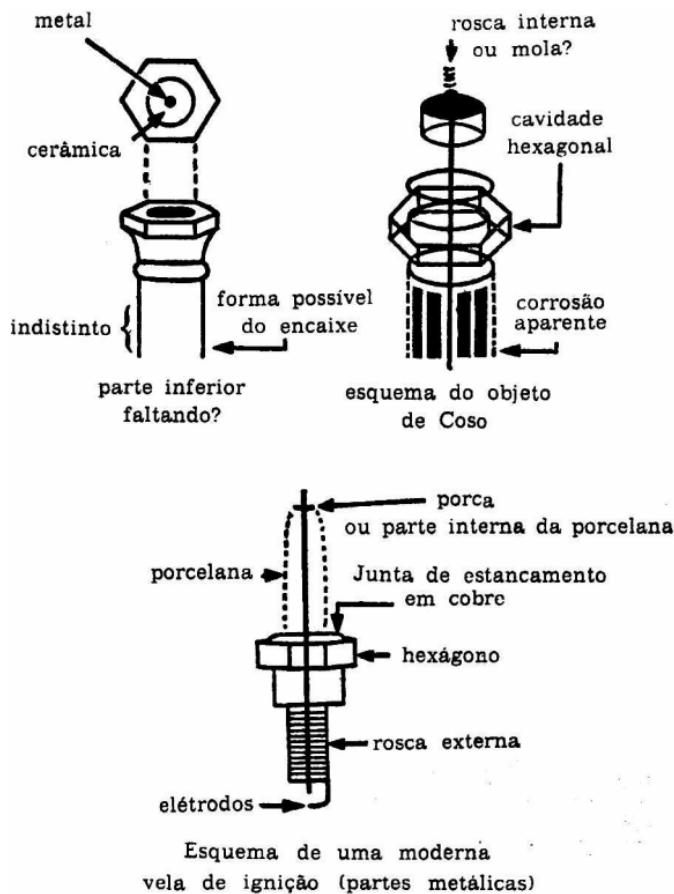


Fig.1 O objeto de Coso comparado a um moderna vela de ignição.

Nada indica pelas fotos (o autor não viu o objeto) que possa ser passível de fraude. Um geólogo (não designado!) teria examinado o objeto e sua ganga, declarando que o nódulo tinha pelo menos 500.000 anos!

Mas, estudando as radiografias do objeto de Coso, o autor pediu a Paul J. Willis que esboçasse um desenho, o mais perfeito possível, em que o objeto revestido na massa pedregosa pudesse assemelhar-se. A figura 2 mostra esboços que resultaram dos esforços que Paul J. Willis fez para "reconstituir" com as radiografias das duas metades. Eis que, após ter compilado o desenho, ele exclamou: "Diga-me, você sabe que isto possui uma parte hexagonal como aquela?... Uma vela de ignição!" Fiquei bestificado, porque bruscamente todas as peças pareciam assemelhar-se. O objeto cortado em dois mostra uma parte hexagonal, um isolante de porcelana ou cerâmica com uma haste central metálica: as principais partes de uma vela de ignição.

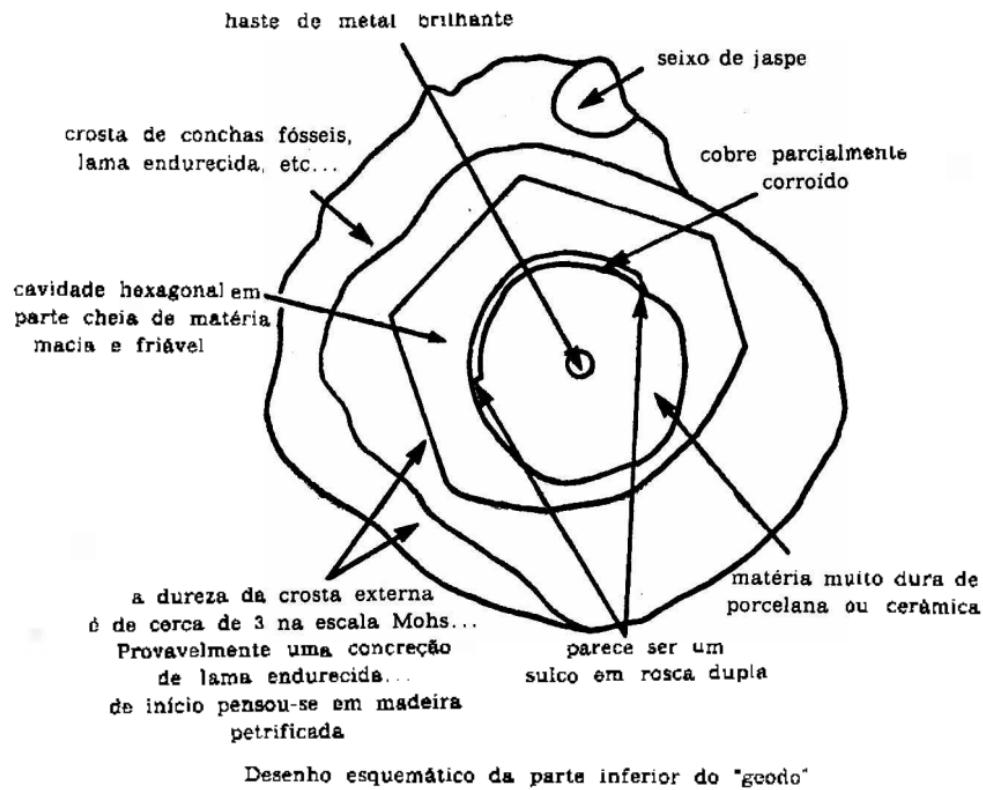


Fig. 2. Estrutura interna do objeto de Coso.

Tentavamos agora serrar em dois uma vela comum, próxima à sua parte hexagonal. A porcelana era, entenda-se, muito dura para uma serra de metal, mas a vela quebrou-se e nós encontramos todos os componentes similares aos do objeto de Coso, com pequenas diferenças. O anel de cobre em torno das duas metades como se vê no objeto, corresponde à junta de estancamento em cobre na parte superior da base de aço, de não importa qual vela. A zona hexagonal cavada na massa é provavelmente feita da ferrugem que ficou desta base de aço. A parte inferior do objeto parece ter sido corroída e não se pode deduzir dela grande coisa.

É necessário notar que a haste central de uma vela é feita de um metal que possui uma tinta ligeiramente cuprosa, o que Mrs. Maxey menciona como uma característica da haste central do objeto.

A parte superior do objeto parece terminar em uma mola em espiral; contudo há alguma possibilidade de que aquilo que se vê na radiografia sejam, na realidade, restos de uma peça metálica filetada que teria se corroído. A peça metálica mais importante do objeto de Coso não parece corresponder a nenhuma parte da vela banal fabricada atualmente. A figura 1 é uma tentativa de apresentar as semelhanças entre o objeto de Coso e uma vela moderna de ignição.

Mas se o objeto de Coso é realmente uma vela de ignição ou coisa parecida, de quando data, de onde vem e que faz envolta no que seus descobridores chamam "uma pedra"? Primeiramente, não se sabe exatamente qual a matéria que envolve o objeto de Coso. Por um lado, Mrs. Maxey fala como sendo de uma "argila endurecida", e este envoltório parece ter recolhido em sua superfície uma coleção

variada de seixos, o "prego" e o "disco" etc.. Se a matéria não é um depósito sedimentário, o objeto é muito mais fácil de se explicar. Isto poderia ser uma vela velha, datando de um relativo número de anos, que teria de uma maneira ou de outra amontoado uma concreção de lama, e esta ter-se-ia endurecido em torno dela. A matéria superficial indica como sendo de uma dureza de 3 mohs, que não é verdadeiramente muito dura⁽¹⁾. A serra diamantada não teve provavelmente dificuldades porque a pessoa que a utilizou inteirou-se da presença de uma matéria tão dura como a porcelana no objeto, portanto normalmente encontram-se cristais de quartzo nos geodos, e o quartzo é um pouco mais duro que a porcelana. Nota-se, segundo uma carta geológica da região, na qual o objeto foi encontrado, que existem numerosos poços de minas e numerosas pequenas minas, das quais uma destas a apenas 3 km do local do achado.

Se este objeto não for produto de nossa tecnologia moderna, representa seguramente um dos mais importantes objetos jamais descobertos. Não imaginamos índios da Califórnia utilizando velas de ignição, bem como certas invenções tecnológicas possam ter aparecido muito cedo e estejam em seguida perdidas, como por exemplo a lente de cristal de Nínive e as baterias elétricas babilônicas.

Por sorte, fizemos apelo a um membro da INFO, sr. Egan, que reside na Califórnia e que fez a viagem para ir ver Mrs. Maxey e Mr. Lane, atualmente proprietário do objeto. Mrs. Maxey agora diz que a haste central do objeto não é magnética como havia declarado num artigo do *Desert Magazine* de

(1) O 3 da escala Mohs (do nome do mineralogista alemão) corresponde à dureza da calcita, depois o talco⁽¹⁾ e o gesso⁽²⁾. O diamante⁽¹⁰⁾ é o máximo.

fevereiro de 1961: "Sozinha, esta haste metálica reagiu a um ímã". Ela está convencida que é esta peça metálica que produziu o objeto tão difícil de ser serrado em dois. Mr. Lane tem o objeto em exposição. Declara que este está à venda por 25 mil dólares; um pouco caro, se aquilo não for em verdade senão uma velha vela de ignição. Diz-se que vários museus se interessaram por esse objeto, notadamente a Smithsoniana⁽¹⁾, mas se isso acontecer, deve ser com a finalidade de a perder em seus arquivos cavernosos, pois é o que acontece com a maioria de suas amostras e espécimes.

Não há indicação de que um convededor profissional tenha examinado seriamente o objeto, de forma que pode ser duvidosa sua origem. O objeto de Coso parece, atualmente, ir de encontro com o clube do objeto de Casper, a múmia do Wyoming, o manuscrito Voynich, bem como outros objetos trancados à chave que seus proprietários se recusam a deixar examinar por qualquer pessoa, sem pagar por uma soma exorbitante.

(1) A instituição Smithsoniana de Washington é uma das mais importantes instituições históricas, científicas e culturais, com efeito, o maior museu do mundo, com 18 milhões de visitantes anuais.

OS OUTEIROS ARTIFICIAIS DE MIMA

POR ELTON CATON

H. P. Lovecraft e outros romancistas de ficção acreditavam na lenda dos outeiros artificiais americanos considerados como entradas de um mundo desconhecido. Sem querer romancear, é interessante notar outeiros semelhantes existentes na Rússia, Mongólia e China. Fenômeno natural geral? Traços de uma civilização mundial? O futuro o indicará.

Próximo ao extremo sul do Puget Sound⁽¹⁾ encontram-se dezenas e dezenas de hectares de outeiros estranhos. Os conhcedores apresentaram muitas explicações:

- a) construídas por homens pré-históricos;
- b) feitas por peixes gigantes num período durante o qual as pradarias estavam submersas;
- c) enormes formigueiros;
- d) favos em bolsões⁽²⁾.

(1) Fiorde da costa do Pacífico, no fundo do qual está situado o porto de Seattle, Estado de Washington.

(2) Roedores serriformes cavadores (*geomyidae*), que se diz terem existido na América do Norte, quando nela não havia nem a vegetação, nem o aspecto, nem mesmo o clima que apresenta hoje.

Se olharmos do alto de um bom ponto de observação, ao redor das pradarias, vêem-se milhares de ousieiros, todos magnificamente simétricos, que emergem do solo como enormes globos semi-enterrados.

Em certos locais, há até 10 mil destes ousieiros sobre 1 km². Os maiores são de 2 a 2,5m de altura e os menores não são senão saliências mal distintas. Elas podem ter de 1,80m até mais de 20 de diâmetro. Ainda mais, quanto maiores mais simétricos parecem ser. Todos os ousieiros de um setor dado são aproximadamente da mesma altura.

Estes ousieiros têm sido uma fonte de perplexidade, depois que a expedição americana de exploração, sob o comando do capitão de fragata Charles Wilkes, entrou no Puget Sound em 1841.

Pensando que se tratava de túmulos funerários antigos, ele mandou escavar um. Contudo nenhum osso foi encontrado. Fez então escavar outros dois mas não se encontrou nenhuma ossada.

Logo após, centenas de ousieiros foram escavados, porém ninguém encontrou o menor vestígio sugerindo que seres humanos tivessem tido a menor participação nessa construção.

O prado sobre o qual estão situados os exemplares mais impressionantes destes ousieiros é chamado Prado Mima, de onde o nome de ousieiros de Mima. A palavra "mima" proveio da linguagem chinook e sua significação se prende à idéia de morte e de sepultura. Entretanto, não se conhece nenhuma lenda índia que desse uma explicação sobre esses ousieiros.

Uma das explicações, a menos provável, foi proposta por um eminente conhecedor, Louis Agassiz. Ele observou um desenho dos ousieiros e ouvia

a descrição, quando bruscamente anunciou que eram ninhos de um peixe (uma espécie de sugador⁽¹⁾) construídos no tempo em que as pradarias eram recobertas por água. Todos os outros absurdos foram abandonados; as pradarias do estado de Washington nunca foram recobertas por água doce e não estiveram sob a água salgada pós-glacial, senão durante um pequeno período.

Por um momento, a teoria dos formigueiros esteve em grande voga. Uma grande formiga preta, denominada *Formica sanguinea*, viveu nos bosquezinhos espalhados de coníferas, próximo às pradarias. Os ninhos que ela construiu são feitos de agulhas de pinho e de raminhos, mas que atingiam, às vezes, 1,50m de altura. Não é difícil imaginar uma espécie de formigas construindo outeiros ainda mais altos, de cascalho e de lodo. Esta teoria se explica muito bem já que seixos e pedras de bom tamanho foram encontrados no interior de muitos outeiros de Mima.

No decorrer dos anos, numerosos indícios geológicos foram descobertos. Ninguém está de acordo totalmente sobre o que significam estes indícios, mas é necessário levá-los em conta. Certas conclusões que se tiraram tem sido expostas por J. Harlan Bretz num boletim do Serviço de Topografia Geológica do Estado de Washington.

Outeiros bem formados não se encontram senão nas planícies de fusão glacial Vashon, que recobria a região a aproximadamente 15.000 anos.

Sobre as pradarias de outeiros o gelo se formou nas gretas. E o gelo, acumulando-se, repeliu ainda o lodo de um grande número de montões de terra

(1) Da família dos Catostomídeos, podendo atingir um porte bastante considerável e muito espalhado na América do Norte.

de forma poligonal e por si mesmas as gretas se alargaram. Finalmente, os blocos de terra gelaram igualmente. Quando se aproximava um grande degelo, o gelo das gretas se transformava em água, deixando de pé os grandes polígonos de terra (que se degelavam mais lentamente que o gelo). As formas arredondadas se explicam pela erosão.

Outros cientistas têm ressaltado as falhas na teoria de Ritchie. Eles contestam que a região havia possuído a espécie de clima que este descreve. Sustentam que a região não era muito mais fria durante o período de formação dos orteiros do que é hoje.

Há também a teoria dos favos em bolsões. Esta teve um primeiro impulso em 1941 por Walter W. Dalquist, que então estabeleceu um inventário de mamíferos do sul do Estado de Washington. Desenvolveu mais tarde esta teoria com Victor Sheffer, um biólogo do Departamento Americano da Pesca e da Fauna.

Salienta que por todo lugar em que se encontram orteiros havia favos em bolsões. Postula que quando a camada de gelo do Vashon recuou e a vegetação estabeleceu seus domínios, os favos em bolsões começaram a se instalar vindos do sul. Finalmente na extremidade meridional do Puget Sound, eles se chocaram com uma floresta nova de coníferas que avançava à medida que o glacial recuava.

Os favos, não gostando de viver à sombra de uma floresta, em lugar de avançar para mais longe, escavavam covas nas pradarias.

Dalquist e Sheffer pretendem que cada orteiro fosse o "território" de uma família de favos e que o orteiro era uma série de galerias exploradoras; as "bases" dos orteiros eram igualmente galerias abandonadas que estavam cheias de lodo.

Os adversários desta teoria salientam que todos os outeiros não têm estas “bases” de lodo. Semelhantemente, um geólogo escreveu: “Após pesquisas minuciosas, mais de 50 seixos foram retirados do interior dos outeiros.

A dimensão destes seixos varia de 5 a 50cm de diâmetro e um grande número dentre eles foi encontrado muito alto, bem acima da base do outeiro”.

Surge a questão: “Como um favo poderia impelir um seixo do tamanho de uma bola de futebol, justamente no topo de seu ninho?”

Para coroar o todo, há aqueles que dizem que os outeiros cresciam. Os lavradores da região falaram nisto há mais de 30 anos...

O Dr. Sheffer, entre outros, toma isto muito seriamente⁽¹⁾.

(1) Cf. “O mistério dos outeiros de Mima”, por Jean Muir, na *Verdade* de janeiro de 1968, pág. 56.

OS MISTERIOSOS "POÇOS EM LUA CRESCENTE"

POR ANTONIN T. HORAK

Se a primavera de Praga houvesse continuado, se as viagens na Checoslováquia não se tornassem cada vez mais difíceis, e mesmo perigosas, eu teria ido lá investigar esta história.

Trata-se da descoberta, durante a resistência checoslovaca, em outubro de 1944, de uma caverna recoberta de metal desconhecido. Amigos checos me confirmaram o essencial desta história que foi revelada em março de 1965. Infelizmente, havia outros problemas naquele momento.

O enigma é tão estranho quanto apaixonante ... Pode-se, evidentemente, pensar numa intervenção de extraterrestres, hipótese que eu prefiro.

Mas pode-se também propor uma explicação natural. A Checoslováquia é rica em urânio e rádio. Talvez um bombardeamento radiativo intenso, proveniente de minerais ricos em rádio, durante milhões de anos, teria transformado um mineral conhecido em uma nova mescla que a ciência atual ignora. Mistura que poderia ter aplicações interessantes ... Desejo que um dia, pesquisas mais precisas, com recursos mais modernos, nos tragam a verdade sobre um enigma que está entre os mais espantosos deste livro e do planeta.

A aventura que se segue, relatada por um capitão da Resistência, durante a sublevação eslovaca no decurso da Segunda Guerra Mundial, ocorreu no transcorrer do mês de outubro de 1944. O Dr. Antonin T. Horak — atualmente lingüista — se esforçou na tentativa de persuadir os espeleólogos a explorarem o que ele considera como um dos mais estranhos mistérios do subsolo — uma espécie de poços de mina muito antigo, que ele descobriu numa lugubre caverna checoslovaca. O relato foi extraído de um diário de campanha escrito nos locais e publicado no número de março de 1965 nos NSS News (boletim da Sociedade Nacional de Espeleologia), com a autorização do autor. A caverna em questão está situada perto das aldeias de Plavince e Lubačna, cerca de 49°2N e 20°7E⁽¹⁾.

RONALD CALAIS.

23 de outubro de 1944: ontem, pela manhã, domingo de outubro, Slavek descobriu uma trincheira e nós nos escondemos nesta gruta. Hoje, ao cair da noite, ele e sua filha Hanka vieram com víveres e medicamentos. Não comíamos desde sexta-feira, e antes, durante os dois últimos combates, comemos apenas pão de milho, que não era muito. Nossa intendência estava, de qualquer forma, no fim das provisões e os abastecedores tinham sido dispersados pela debandada e pelo inimigo.

Sábado, à tarde, o resto de nosso batalhão (184 homens e oficiais, com a quarta parte composta de feridos, dos quais dezesseis em macas) batia em retirada na neve sobre a encosta norte. Minha companhia estava como guarda-costas. Na alvorada de

(1) Na região dos Baixos Tatras.

domingo, dois canhões de 70 milímetros abriram fogo contra nós a 300 metros aproximadamente. Após manter nossa posição durante doze horas, ordenei a suspensão progressiva do combate e o desbandar, mas na nossa trincheira da esquerda alguém não foi tão prudente, o que nos valeu dois tiros diretos de obuses e dois feridos. Chegando lá, deparei-me com o inimigo, recebi um golpe de baioneta e uma bala na palma da mão esquerda, e um golpe na cabeça que me pôs fora de combate. Não fora o gorro de pele e eu teria o crânio fraturado.

Recobrei os sentidos quando alguém me tirou da trincheira; era um camponês. Ele amontoou neve sobre minha mão e cabeça e sorriu. Em seguida esse bom samaritano apanhou Jurek, abaixou-lhe as calças e extraiu-lhe um longo estilhaço de aço da coxa e enfiou as nádegas nuas num monte de neve. Martin, que tinha uma profunda ferida transversal no ventre, foi carinhosamente medicado. Rapidamente, improvisando uma maca, o camponês, apresentou-se como Slavek, um pastor, proprietário de pastagens nos arredores. Com ele, para nos arrastar e nos guiar, foram necessárias quatro horas para se chegar a este abrigo.

Slavek deslocou pedras enormes e desvendou uma fenda bastante estreita, à entrada desta vasta gruta. Depois de ter abrigado Martin em um canto, pasmamo-nos ao ver Slavek num ceremonial: persignou-se e fez o sinal da cruz sobre cada um de nós e, com profunda reverência, sobre a parede do fundo, onde uma cavidade já atraía minha atenção.

Ao deixar-nos, Slavek repetiu os mesmos ritos religiosos e me pediu para não avançar mais longe na caverna. Acompanhei-o para cortar alguns ramos de abeto e ele me disse que viera apenas uma

vez com seu pai e seu avô, nesta caverna, e que era um imenso dédalo, cheio de abismos, com bolsões de ar mefítico e, certamente “assombrado”, que ele jamais tivera vontade de explorar. Voltei para a gruta junto a meus homens quase à meia-noite, exausto, com a cabeça doendo muito e que aliviei com neve. Martin estava inconsciente, Jurek febril. Como desjejum-almoço-jantar, ele e eu bebemos água morna e graças a Deus eu ainda tinha meu cachimbo. Rodeei Martin com pedras aquecidas e foi a Jurek que coube o primeiro turno da guarda.

Noite miserável. Martin ficou momentaneamente consciente; dei-lhe três aspirinas com água morna, sorvida por pequenos goles e misturadas com algumas gotas de *slivovitz*⁽¹⁾. Jurek andava com dificuldade, esfaimado em torno de dois capacetes alemães, nos quais fervia água, à qual juntava gotas de *slivovitz* para nosso café da manhã. Com essa tempestade de neve, avalanches ameaçadoras e esquiadores inimigos saqueando, Slavek deveria retornar até nós com víveres rapidamente. Eu não podia tentar a fuga e deixar rastros na paisagem, com dois homens imobilizados nos braços. Mas tínhamos essa caverna que Slavek conhecia apenas parcialmente; ela poderia possuir outras entradas além da que conhecíamos e até animais em hibernação. Ruminava essas possibilidades enquanto Jurek mascava casca de pinho e, como eu o esperava, implorava-me para que o deixasse caçar na caverna de Slavek, prometendo nada dizer. Eu estava não só faminto como ávido de descobrir o que podia assustar tanto Slavek ao ponto de invocar a divindade. Parti para minha excursão à caverna, com fuzil, lanterna, tocha e picareta. Depois de uma cami-

(1) Aguardente “branca” feita de ameixas.

nhada não muito tortuosa e perigosa e de algumas passagens estreitas, cheguei, ao fim de aproximadamente um hora e meia, a um longo corredor horizontal e, finalmente, a um buraco do tamanho de uma barrica.

Deslizei, e ainda ajoelhado, fiquei paralisado de espanto... pois de lá se divisava alguma coisa, à semelhança de um grande silo negro moldurado de branco. Recobrando o ânimo pensei que aquilo fosse uma parede ou uma escarpa natural, bizarra, de sal negro ou de gelo ou de lava. Todavia vi-me mergulhado na perplexidade de um tipo de temor misterioso, percebi que se tratava de um flanco liso como vidro, de estrutura aparentemente de fabricação humana que se incrustava na rocha, ao redor. Magnificamente encurvada, ela fazia pensar-se em um cilindro enorme de diâmetro aproximado de 25 metros. Espessas stalactites e stalagmites formavam a moldura de um branco fulgurante. A parede era uniformemente negro-azulada. Seu material parecia conter as propriedades do aço, do silex e da borracha. A picareta não deixou marca e saltou vigorosamente. Mesmo a idéia de um artefato do tamanho de uma torre aninhado na rocha, no meio de uma obscura montanha, numa região selvagem, onde nem mesmo a lenda penetrou e recoberta com formações de idade muito antiga, é pasmante; o fato é mesmo de arreppiar. Uma fenda na parede, que não se distinguia imediatamente na parte de baixo, de 20 a 25cm de largura e que ia diminuindo até desaparecer, com uma largura de 2 a 5cm, no teto da caverna. O interior, à direita e à esquerda, é de um negro profundo e marcado por sulcos e cristas agudas, da espessura de um punho. O fundo da fenda, apresenta-se em forma de um cocho muito liso, em

arenito amarelo, afundando-se num forte declive (cerca de 60 graus) na parede. Atirei uma tocha, ela caiu e desapareceu com estalos e silvos, retinindo como se se metesse uma relha de charrua aquecida num balde de água.

Impelido a prosseguir minha exploração e cren-do-me suficientemente magro para poder deslizar por esta cova inclinada, insinuei-me, virando-me de lado, a mão ferida na frente e a cabeça baixa, pois o espaço era muito apertado; ainda bem que o braço direito, que sustinha a lanterna, podia tocar a fenda que se estendia mais longe; esta começou a estreitar-se e a me sufocar tanto que tive que voltar precipitadamente. Não sem me debater. Quando consegui sair, retomei o fôlego, estava muito fascinado por este enigma e disposto a encontrar a solução. No momento eu já havia feito muito e era necessário refletir sobre a tática a utilizar.

Retornei ao local aproximadamente às quatro horas da tarde. Jurek cuidou de Martin e abrigou-o entre as pedras quentes. Eu lhe dei três aspirinas e água morna com *slivovitz*. Expliquei a Jurek que a exploração na caverna exigiria muita fumaça, bastões e uma corda. Graças a Deus, Slavek e Han-ka chegaram com provisões. Quando eles se foram, acompanhei-os a fim de apanhar alguns ramos para fazer tochas e retornoi ao local às duas horas da manhã, exausto de cansaço, mas finalmente havia jantado — Jurek, mais — e eu assumi o segundo turno da guarda.

24 de outubro de 1944 — Noite tranqüila; Martin bebeu um chá febrífugo com mel e espero que possamos tirá-lo de lá. As nádegas de Jurek não estão mais inchadas, mas minha cabeça ainda o está. Retalhei nossos cinturões e tracei oito metros de

corda sólida. Às dez da manhã, já estava junto à parede; amarrei a corda a um bastão e o coloquei transversalmente na fenda; mantendo a corda enrolada em meus ombros, introduzi-me na sinistra goela. Como ontem, mantinha a lâmpada — desta vez de acetileno — na extremidade de um bastão, na fenda adiante de mim. Quando ela o transpôs, caindo e balançando-se livremente lá embaixo, num vazio onde eu não conseguia divisar nada e de onde vinha um ruído semelhante a águas turbulentas. Incapaz de voltar, percebi que ali estava um abismo cheio de água à minha frente e que poderia cair nele de cabeça para baixo.

Retorci-me para trás para poder subir; minhas roupas esfiapavam-se nas asperezas e, levantando meus ombros e minha cabeça, parecia uma rolha. Nos esforços desesperados que se seguiram para me safar, eu praticamente me queimei vivo. Quando consegui me ver livre e novamente de pé, tremia de fadiga e tinha pavorosas visões.

Não havia pedras soltas na parede e eu parti alguns estalagmites em pedaços e fiz rolar pela fenda. Rolaram continuamente, parando afinal com um choque, o que indicou haver um chão sólido com um lugar para voltar. Atirei tochas não acesas, despendo-me, conservando apenas a camisa, tomei o caminho das pedras e das tochas. Conhecendo já as asperezas da fenda, passei com apenas alguns arranhões, sofri uma pequena queda, rolei num declive e fui parar numa parede que me pareceu familiar, lisa como cetim, como aquela de cima.

A lanterna brilhava ainda à minha frente, mas havia ruídos confusos. Acendendo algumas tochas, notei que estava em um vasto poço negro, curvo, formado com paredes a pique que se cortavam e

constituíam um túnel quase vertical — ou antes, uma chaminé — em forma de crescente. Não posso descrever a obscuridade, nem os murmurários, ruídos e nem os ribombos — ecos monstruosos provenientes de minha respiração e de meus movimentos. O piso era o declive sobre o qual eu tinha rolado quando entrei, um “pavimento” de calcário sólido.

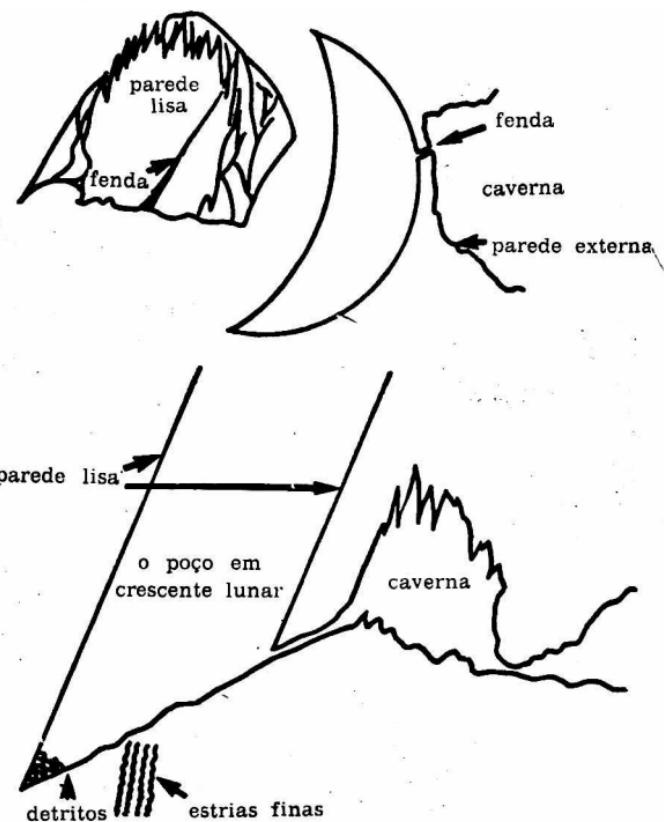


Fig. 3. A misteriosa caverna de metal na Checoslováquia.

Todas as luzes em conjunto não chegavam ao teto, onde as paredes terminavam. A distância horizontal entre o vértice da curva côncava e a pare-

de em frente e a da curva convexa à parede traseira media aproximadamente 25 metros. Para prosseguir a exploração até mais longe, eu precisava de mais luz e da picareta que não passaram pela abertura.

Com a cabeça para cima, desta vez, sem roupas para me incomodar e queimar, passei quase incólume; vesti-me, fumei o cachimbo e retornoi junto a meus homens. Tentei apanhar alguns morcegos, mas não consegui. Jurek cozinhava batatas e carneiro e, estava, por conseguinte, inclinado a perdoar a minha pouca sorte na caçada; deplorou inclusive minhas experiências, quando ocupava-se em besuntar com gordura as arranhaduras de minhas costas e envolvê-las com a camisa.

Martin comeu um pedaço de pão com chá febrífugo e mel. Após as 6 horas da tarde fui procurar um novo carregamento de galhos para fazer tochas e retornoi por volta das 10 horas. Jurek fez os dois turnos da guarda.

25 de outubro de 1944. Passamos uma boa noite. Martin parece restabelecer-se. Estou satisfeito de que a coxa de Jurek não lhe permitirá caçar morcegos comigo. É melhor que ele não saiba nada sobre o segredo da caverna.

Fui diretamente à parede, despi-me como ontem, besuntei-me com gordura de carneiro, fiz passar meus acessórios pela fenda e deslizei-me pelos pés. Mesmo levando a lanterna de acetileno na extremidade de uma vara dupla e com quatro tochas acesas, o alto das paredes permanecia na obscuridade. Atirei duas vezes para cima paralelamente às paredes. As detonações provocaram ribombos comparáveis aos de um trem expresso, mas não percebi

nenhum impacto. Atirei outra vez uma bala em cada parede, mirando-a a uns quinze metros abaixo de mim, produzindo grandes faíscas azuis-esverdeadas, com tal estrondo que tive de apertar minhas orelhas entre os joelhos e vi chamas saltitarem loucamente.

O trabalho da picareta provocava novos ribombos. Sondei o "pavimento" e comecei a perfurar onde o calcário era pouco espesso nas extremidades do crescente. À direita, encontrava-se argila seca; à esquerda encontrei-me a uns 50cm sobre um leito de esmalte constituído de dentes de um grande animal; apanhei um canino e um molar e deixei o resto. Continuando a cavar lá por perto, a parede do fundo apresentava, a uma distância de 1,50 metro do pavimento, um aspecto levemente canelado como que ondulado verticalmente. Esta parte parecia mais quente que a superfície lisa. Tateei-a com os lábios e as orelhas e creio que esta impressão é correta; o meio do pavimento é muito espesso para uma picareta.

Quando as tochas se extinguiram eu estava coberto de suor; deixei o "poço em lua crescente", vesti-me e fui até onde se encontravam os morcegos; abati sete. Jurek recheiou-os com pão e ervas, e eles se transformaram em deliciosos "pombos".

Slavek e Olga, sua outra filha, vieram ao cair da tarde com feno, palha, uma pele de carneiro e outras plantas medicinais — menta de flores azuis e erva-pinheira — grãos de íris, excelentes sucedâneos do café. Acompanhei-os, apanhei alguns ramos de pinheiro para tochas, duas longas varas e retornei por volta da meia-noite. Martin tomou os dois últimos comprimidos de aspirina e água com mel, e Jurek fez novamente os dois turnos da guarda.

26 de outubro de 1944 — A noite foi boa. Retornei ao “poço em lua crescente” a fim de prosseguir minhas experiências. Na extremidade da vara mais alta, a lanterna de acetileno ainda não aclarava o alto das paredes. Havia atirado abaixo da parte aclarada; as balas produziram grandes faíscas e ecos ensurdecedores. Mais horizontalmente, sobre a parede do fundo, com resultados semelhantes — faíscas, ribombos; nada de clarões, porém uma marca longa que produziu um odor acre. Depois disso, concentrei-me e procurei cavar à esquerda e constatei que o aspecto canelado prolongava-se para baixo; mas à direita não constatei esse aspecto.

Deixei o “poço em lua crescente” para sondar a parede exterior e seus arredores. Próximo às estalactites se encontravam algumas manchas que pareciam de esmalte; esmagando-as, elas apresentavam um pó muito fino para ser recolhido sem cola que tentei fazer fervendo as unhas de nossos “pombos”. Quis uma amostra do material estranho das paredes, mas mesmo atirando duas balas nas fendas sobre as asperezas, tive apenas ricochetes e um grande ribombo, sinais e o mesmo odor acre.

Voltando ao pouso, capturei alguns morcegos e comemos novamente “pombos”. Ordenei a Jurek que fizesse desaparecer as sobras e separei as unhas. Os Slavek chegaram, como de hábito, ao cair da noite, trazendo desta vez um quarto de cervo, meio quilo de sal e uma caixa de carbureto. Jurek fez dois turnos da guarda.

27 de outubro de 1944 — Martin morreu durante o sono; Jurek, que conhecia sua família, encarregou-se de seus negócios, incluindo seu porta-notas com 643 coroas, seu relógio com corrente e o certi-

ficado de óbito. Agora podemos ir e nos incorporar ao batalhão que se encontra em qualquer parte a leste de Kosice. Com seu bastão Jurek pode andar dez quilômetros por dia; de qualquer forma devemos marchar com prudência. Partiremos amanhã.

Às 10 horas da manhã eu estava na caverna procurando passagens para contornar o poço por trás; quanto ao gelo e ao ar mefítico de que me havia falado Slavek, não encontrei, embora fosse possível que houvesse. Em seguida, deslizei para o “poço em lua crescente” a fim de desenhar, cavar e raciocinar. Voltei ao acampamento perto das 4 horas da tarde. Ordenei a Jurek que preparasse nossas bagagens, limpasse as armas e organizasse o rancho para sete dias e não dar mais trabalho aos Slavek. O pai chegou com suas duas filhas como se sua família sentisse a morte de Martin. Nós o carregamos na trincheira por entre pinheiros mirrados, onde ele havia recebido o golpe mortal. Cada um de nós tomou sua vez para cavar a sepultura; após orar por intenção dele, enterramo-lo, envolto num cobertor.

28 de outubro de 1944 — Noite repousante. Bom desjejum; gravei meu nome em uma correia de couro, coloquei tampa no meu relógio de ouro. Guardei tudo numa garrafa, depois tamponei com um seixo envolto com argila misturada com carvão vegetal e depositei esse testemunho no “poço em crescente”, sobre as cinzas de minhas tochas. Pode ficar lá durante muito tempo, talvez até que a estrutura desapareça completamente detrás de sua cortina de stalactites e stalagmites. Slavek não tinha filhos a quem pudesse confiar o segredo da caverna; suas filhas não a conheciam e de qualquer maneira as filhas geralmente se casavam em outras cidades. Em algumas dezenas de anos, nin-

guém saberá mais nada se eu não voltar a explorar a caverna.

Eu estava sentado, perto do fogo, interrogando-me: que poderá ser esta estrutura, com paredes de 2 metros de espessura e de uma forma na qual eu não posso imaginar nenhuma utilidade conhecida para nossos dias? Até onde penetra na rocha? Há outra coisa além desse "poço em crescente"? Qual acidente ou quem a fez nesta montanha? Será de construção humana? Haverá alguma verdade nas lendas como a que encontramos em Platão, a respeito de civilizações há muito perdidas, com tecnologia mágica que nossa razão não pode compreender e nem conhecer?

Sou uma pessoa sensata, de formação universitária, mas devo admitir que lá, entre aquelas altas paredes verticais, de curvatura matemática, negras, lisas como cetim, tenho a impressão de estar tomado de um poder extremamente estranho e ameaçador. Compreendo que homens simples, mas inteligentes e de bom senso como Slavek e seus antepassados, tivessem o sentimento de que lá havia bruxaria, oculta nesse "poço em crescente" e acreditassem também que se a sua existência não fosse nunca revelada, não atrairia hordas de turistas e todo o rebuliço de perfurações de galeria, explosões, hotéis e a comercialização que destruiria provavelmente sua vida honesta, ligada à natureza.

No caminho, voltando ao local, tampei e dissimulei os buracos que para lá levavam; a caverna podia ter entradas que Slavek não conhecia e algum curioso poderia se meter a caçar um tesouro, antes que uma equipe científica pudesse examiná-la. Vol-

tei ao acampamento às três horas da tarde e por volta das cinco os Slavek chegaram trazendo alguns ovos. Apanhamos nossas armas e equipamentos e partimos; vimos que Slavek dissimulou a entrada de sua caverna e suas filhas apagavam nossos vestígios. A lua estava brilhante e a neve cintilava.

Nos últimos dias da Segunda Guerra Mundial, na estrada, em direção à Boêmia, visitei novamente o lugar. Os Slavek viviam provisoriamente em Yzdar. Visitei o túmulo de Martin e olhei a entrada da caverna. Eu havia levado os dentes do animal ao Departamento de Paleontologia de Uzhord que os classificou como pertencentes a um urso das cavernas, um *Ursus Spaeleus*, adulto. Por dentro, pensei: a fenda era muito pequena, o bloco de calcário e as stalagmites que estavam na entrada não deixariam passar nada; este urso parece ter caído no “poço em crescente”, o qual poderia, portanto, ter comunicação com a superfície.

Em minha última visita, examinei a superfície do flanco da montanha abaixo da caverna e não encontrei buraco ou qualquer passagem que pudesse ter comunicação com o “poço em crescente”. Desmoronamentos poderiam ter ocultado tal comunicação.

*
* * *

Ronald Calais, que comunicou o relato precedente, deu a seguinte indicação:

“Acrescento um *post-scriptum* interessante. Temos apenas poucas informações sobre esse caso, mas vou dá-los assim mesmo: A uns quinze metros de profundidade, um poço circular foi descoberto

a alguns metros, numa pedreira, perto de McDermott, em Ohio. Parecia ter sido escavado na rocha dura, há muito tempo. Os trabalhadores não prestaram muita atenção e encheram esse ‘poço’ com pedras de pedreira’. (Gostaria de ter mais tempo para coletar detalhes corroborativos e a indicação de fontes exatas sobre esse caso.)

OS MISTERIOSOS CILINDROS DE CIMENTO DA NOVA CALEDÔNIA

POR ANDREW E. ROTHOVIUS

A Austrália, como a Nova Zelândia, é em princípio uma região sem história. Também a descoberta, na Nova Caledônia, de objetos que não são de origem natural nem de origem humana, ou pela menos não se relacionam com nenhuma das peripécias bem conhecidas da ocupação humana da Nova Caledônia, apresenta um interesse considerável.

Os fanáticos do antigo continente de Mu diriam evidentemente que aqueles são vestígios de Mu. O autor deste artigo, M. Andrew E. Rothovius, a quem se deve um interessantíssimo estudo que apareceu na França nos "Cadernos de Herna", sobre H.P. Lovecraft e os megalíticos na Nova Inglaterra, compara esses objetos aos pilares encontrados nas Marianas. Mas, ninguém provou que o continente de Mu existiu. A hipótese "interplanetária" apresentada pelo autor é tão plausível quanto longe da verdade. Neste domínio como em outros, a verdade supera provavelmente a ficção e se encontra no momento fora da compreensão de nossa imaginação. O passado está muito longe das estruturas condensadas que se encontram nos livros de história.

Um dos mistérios mais perturbadores e desconcertantes que chocaram os arqueólogos nestes últimos anos foi a descoberta, na Nova Caledônia e na ilha vizinha dos Pinheiros, de notáveis cilindros em argamassa. Estes não parecem ser de origem natural e sua idade estimativa é muito mais antiga do que todos os cimentos de fabricação humana até agora.

Foram descobertas por L. Chevalier, do Museu da Nova Caledônia em Numéia, capital da ilha; estes cilindros medem de 1 a 1,75m de diâmetro por 1 a 2,50 de altura. São feitos de uma argamassa muito dura e homogênea contendo fragmentos de conchas que dão uma datação ao radiocarbono C 14 entre 5120 a 10950 anos antes de nossa era. Mesmo a data mais próxima é anterior a quase 3000 anos à época em que se crê ter o homem chegado ao Pacífico do Sudoeste, provindo da região da Indonésia. (As argamassas das antigas civilizações mediterrânicas datam de apenas algumas centenas de anos antes de nossa era, quando muito.)

Em sua superfície, esses cilindros estão recobertos de pequenos cascalhos de silício e de ferro que parecem ter sido aderidos na argamassa quando esta estava endurecendo. Esta característica é interessante por aproximá-la a *tumulis* ou montículos de areia e de cascalho nos quais os cilindros foram encontrados e que são tão estranhos como os próprios cilindros.

Existem 400 desses *tumulis* na ilha dos Pinheiros e 17 foram assinalados até o presente na própria Nova Caledônia, próximo de uma localidade chamada Paita. Na ilha dos Pinheiros, esses *tumulis* são amontoados de areia e de cascalho com alto teor de óxido de ferro; os de Paita são feitos de

areia silicosa. Nos dois lugares, os *tumulis* possuem de 2,40 a 2,75m de altura e 90m de diâmetro em média. São desnudos e sem características particulares, com pouca ou nenhuma vegetação, não criando raízes nas areias de que são compostos.

Até agora, apenas 4 desses *tumulis* foram objeto de pesquisas. Nem esqueletos, nem objetos manufaturados, nem carvão vegetal foram encontrados, a despeito de pesquisas minuciosas; entretanto três desses *tumulis* continham, cada um, um cilindro e o quarto possuía dois, lado a lado. Em cada caso, os cilindros estavam colocados no centro dos *tumulis* (que pareciam assemelhar-se a gigantescos casebres) em posição vertical.

M. Chevalier teve a impressão de que a argamassa havia sido vertida nos buracos estreitos, escavados nos topos dos *tumulis* e, que havia endurecido no lugar. Grãos de areia e cascalho compunham os *tumulis*; seriam naturalmente cravados na argamassa, o que explicaria sua presença na superfície dos cilindros.

Mas, todavia, qual razão plausível poderia explicar como foram feitos? A origem natural parece excluída... e no entanto nenhuma prova foi encontrada de intervenção humana, para os cilindros e para os *tumulis*, que são também inexplicáveis como fenômeno natural.

Poder-se-ia imaginar que, talvez, uma nave vindia de um outro mundo teria estacionado nos ares... e enviado ao solo várias centenas de exploradores em pequenos veículos separados, assemelhando-se um pouco ao Lem da cápsula lunar Apolo. Quando esses exploradores necessitaram regressar à nave-mãe, eram necessárias pequenas plataformas de lançamento, que eram feitas misturando-se

a argamassa, e lançando-as nos topo dos *tumulis* de areia e de cascalho que eles amontoavam para este fim.

Fantástico? Concordamos, porque qual poderia ser o sistema de lançamento que não deixasse vestígios no topo dos cilindros? No entanto, a menos que se procure uma solução imaginária no mistério que eles apresentam, há todas as possibilidades para que a ciência ignore os *tumulis* e os cilindros de cimento da Nova Caledônia, enquanto não for encontrada uma solução mais ortodoxa... e eles correm o risco de serem destruídos e esquecidos por ocasião da construção de um aeroporto ou de outros grandes trabalhos que efetuar-se-ão na região. A Nova Caledônia foi uma base militar extremamente importante para as Forças Americanas durante a guerra no Pacífico e sua posição estratégica torna altamente provável o desenvolvimento de instalações aero-portuárias, civis ou militares, num futuro não muito distante.

Talvez possamos fazer um paralelo entre os cilindros da Nova Caledônia, com os estranhos pilares de pedra chapelados da ilha Tinian, nas Marianas, a vários milhares de quilômetros a noroeste. Em abril de 1819, a expedição francesa de exploração comandada pelo capitão Louis Claude de Freycinet, na fragata *Uranie*, visitou em Tinian um curioso local onde, em meio a uma vegetação luxuriante, cercada por vegetação rala, uma dupla fileira de pilares de pedra, com aproximadamente 4,50m de altura, cada um coroadado por um enorme capitel de forma hemisférica, cujo lado arredondado se assentava no topo do pilar. Quando estes ainda estavam em bom estado de conservação, suas faces e seus ângulos retos estavam ligeiramente corroídos, os

grandes capitéis atritavam-se mais ou menos, sendo provavelmente de uma pedra mais macia, embora o relato do capitão Freycinet não nos dê informes sobre este ponto.

Os exploradores franceses se perguntam se os pilares sustentavam, em outra época, um teto ou uma plataforma, mas não encontraram o menor vestígio. O que mais os intrigou foi a aridez do solo e a raridade de erva em torno dos pilares, pois, pelo que puderam precisar, o solo era tão fértil como onde possuía selva luxuriante alguns metros ao redor.

Tinian esteve sucessivamente sob a dominação espanhola, alemã e japonesa até o desembarque dos marinheiros americanos em 1944 e, nenhuma destas administrações encorajou a pesquisa estrangeira. Em todo caso, nenhuma outra indicação desses estranhos pilares de pedra foi encontrada pelo autor, e é provável que se eles ainda existiam em 1944, foram destruídos nos violentos combates que se seguiram ao desembarque americano na ilha que foi conquistada para servir de base, de onde as superfortalezas voadoras B-29 alçavam vôo para seus ataques devastadores contra o Japão.

Fontes e referências:

Revista da Sociedade de Estudos Melanesianos (Numéia, 1964) págs. 24-25.

Radicarbono (publicado pela Universidade de Yale) vol. 8, junho de 1966: Relação das datações pelo carbono-14 pelo Centro das Fracas Radioatividades, do CNRS, em Gif-sur-Yvette, Esonnes.

Freycinet, Louis Claude de: *Viagem ao redor do mundo e Atlas histórico*, Paris, 1825, págs. 279-280.

OS VIKINGS ATINGIRAM A COSTA DO PACÍFICO?

POR ANDREW E. ROTHOVIS

A recente obra: "Norsemen before Columbus" de J. Kr. Tornöe (George Allen & Unwin, Londres, 1965) traz as provas cientificamente indiscutíveis de uma exploração do continente americano pelos Vikings.

A chegada dos vikings até a costa do Pacífico ainda não é admitida pela ciência oficial, porém não tardará a sê-lo.

Com a retomada de interesse, nestes últimos anos, sobre as viagens dos vikings à costa atlântica da América do Norte — interesse que foi suscitado pela descoberta efetuada pela universidade de Yale do mapa da Finlândia e da descoberta de restos autênticos do estabelecimento de normandos na Terra-Nova e ao norte do Labrador — é muito curioso que pouca atenção tenha sido despertada por alguns testemunhos que sugeriam que ao menos uma expedição de vikings, ou talvez várias — teriam contornado todo o norte do continente americano e transposto o estreito de Bering até a costa do Pacífico.

Com efeito, considera-se que, na época de Eric, o Ruivo e de Leif Erieson —nos séculos X e XI— o hemisfério norte gozava de seu período mais quente, depois da última glaciação e que o gelo polar ártico havia de tal modo diminuído, que os navios a vela não teriam, provavelmente, dificuldade de abrir um caminho através do labirinto de ilhas e de braços de mar que formam a passagem do noroeste ao norte do Canadá; não seria muito surpreendente a idéia de que os vikings tivessem procurado descobrir o que havia além dessas passagens. Entretanto, pelo fato de que os ventos dominantes nessas latitudes elevadas venham do leste, seria muito mais difícil fazer a viagem de regresso, e ao que tudo parece indicar, nenhum dos que enfrentaram esta aventura voltou.

A primeira testemunha de uma viagem dos vikings até o Pacífico vem de tradições tribais dos índios Séri, na ilha de Tiburon, no golfo da Califórnia. Agora reduzidos a algumas duas centenas de almas, os Sérí foram outrora uma tribo muito numerosa que dominava todos os outros índios da costa oriental (mexicana) do golfo. Contam a história dos “homens-vindos-de-longe” que “há muito tempo atrás, quando Deus era um menino”, desembarcaram no Tiburon “num longo barco com uma cabeça assemelhando-se a uma serpente”.

Esses estrangeiros, diziam as lendas Sérí, possuíam a barba e os cabelos brancos; e suas mulheres, cabelos vermelhos. Caçaram baleias que abundavam no golfo (foi um terreno de caça favorito dos baleeiros americanos no século XIX), recortaram suas enormes carcaças e visando apenas à carne em conserva — que eles cozeram na praia — guar-

daram-na nos cestos que trançavam com palhas que havia no Tiburon.

Estando assim aprovisionados, os estrangeiros velejaram em seguida na direção sul; estavam eles ainda a uma pequena distância quando o barco encalhou e foi de encontro aos recifes, sendo destruído.

Os sobreviventes do naufrágio reuniram-se na costa, a nado, e foram bem acolhidos pela tribo Mayo, com a qual se ligaram por casamentos. Ainda nos nossos dias, os Mayos dão nascimento, a cada geração, a alguns indivíduos de cabelos louros ou olhos azuis, ou por vezes com as duas características, que eles dizem ter sido dos “homens-vindo-de-longe” e, até 1920, baniam da tribo todos aqueles que se casavam fora dela, a fim de preservar a herança.

Na Conferência Meteorológica de Toronto que teve lugar de 9 a 15 de setembro de 1953, Ronald L. Ives, do Laboratório Aeronáutico Cornell, de Buffalo, Estado de Nova York, pronunciou um discurso sobre “Os Estudos Climatológicos da América do Noroeste”, no qual ele cita essas lendas, que são igualmente mencionadas com mais pormenores na obra de D. e M. R. Coolidge, “*Os Últimos Séris*” (E.P. Dutton, ed. Nova York, 1939), a título de testemuha no apoio da “segunda máxima térmica”, como foi designado tecnicamente o breve período quente no tempo dos Vikings. No entanto, os arqueólogos não prestaram nenhuma atenção a esse relato que ficou desconhecido do grande público até a recente publicação pela World Publishing Co., de Cleveland, Estado de Ohio, do “*Oeste Misterioso*” por Brad William e Choral Pepper.

Nessa obra, os autores não invocam somente as lendas Séris mas fornecem testemunhos suplementares.

mentares a respeito dos barcos vikings que teriam chegado à região do golfo da Califórnia. A viúva ainda viva de um mateiro da Baixa Califórnia, Santiago Socio, assegura que seu marido lhe havia dito ter encontrado o casco de um navio antigo com escudos redondos pendurados nas cintas do costado, no fundo de um desfiladeiro, a uns quarenta quilômetros ao noroeste de Tecate, na fronteira dos Estados Unidos e México, a leste de Tijuana. E em março de 1933, Louis e Myrtle Botts, de Julian, estado da Califórnia, bem conhecidos como investigadores qualificados de antiguidades, descobriram a proa com cabeça de dragão de um navio assemelhando-se a um drakkar (navio de piratas normandos que trazia um dragão na proa), que saía da parede de um desfiladeiro perto de Agua Caliente Springs, na costa americana da fronteira. O forte tremor de terra de Long Beach, no mesmo mês, provocou um deslizamento de rochedos que bloqueou o desfiladeiro antes que pudessem prosseguir as pesquisas.

Uma terceira testemunha foi convocada, um colono de nome Nils Jacobsen, que encontrou os restos de um navio, num deserto, perto de Imperial City, na Califórnia, em 1907, e que os utilizou para construir um chiqueiro de porcos. É possível que aquele fosse um dos navios de Juan de Iturbe que, em 1615, teve sua flotilha bloqueada na baía, hoje desaparecida no fundo do golfo da Califórnia, onde teve que abandoná-la e ir a pé até o México. Ele deu como explicação o fato de que o nível do mar havia subitamente baixado no canal, que os levou para fora da baía, o que impediu esses navios de se despedaçarem.

O relato de Iturbe foi sempre considerado com ceticismo pela maioria das autoridades que acredita que ele deixou seus navios nas mãos dos piratas e forjou esta história a fim de fugir a demandas judiciais por não ter resistido valentemente aos piratas. Pode, no entanto, ter dito a verdade e as repentinas modificações do nível do mar, às quais o fundo do golfo da Califórnia parece estar sujeito, às vezes por atividades sísmicas e por transbordamentos periódicos do rio Colorado, como aquele que criou o mar de Salton no deserto há uns 600 anos, pudessem igualmente ter aprisionado os navios vikings que penetraram, antigamente por estreitos braços de mar e que nada mais são hoje, senão desfiladeiros áridos. Óbvio seria que uma exploração aprofundada da região fosse iniciada, a fim de determinar se os objetos vikings podem ainda ser encontrados, o que forçaria a reconsiderarmos inteiramente nossas idéias sobre o raio de ação desses intrépidos piratas.

Segunda Parte

OS EXTRATERRESTRES ENTRE NÓS

ESTRANHAS LUZES NAS COLÔNIAS AMERICANAS DE S. M. BRITÂNICA NO SÉCULO XVI

Após todas as exumações de antigos relatos de fenômenos similares às visões de objetos voadores não-identificados — ou por outra, dos “discos voadores” — de nossa época, é antes surpreendente o pouco que o autor sabe embora possua um largo conhecimento de toda a literatura ‘disquista’ existente — e que não se faz nunca menção das notáveis observações dos OVNI relatados pelo governador John Winthrop⁽¹⁾ no seu “jornal” da primeira geração da colônia puritana de Boston, do século XVII.

Os relatos de Winthrop são claros, minuciosos e isentos de emoção. Não se pode duvidar que ele tentou deixar uma descrição honesta de acontecimentos de que não se tenha nenhuma dúvida. Eles são, por conseguinte, do mais alto interesse para quem procure uma testemunha autêntica de fenômenos do tipo OVNI durante o período da colonização da América.

(1) Personagem histórica muito importante na América. Ele desembarcou em 1630 na baía de Massachusetts, como responsável por um milhar de “puritanos” ingleses com todo o gado, ferramentas e provisões necessárias para uma colonização em grande escala.

O primeiro caso de OVNI citado por Winthrop verificou-se em meados de março de 1639, nove anos apenas após a instalação da colônia puritana em Boston. James Everell, bem conhecido como "homem sóbrio e prudente" e membro da Primeira Igreja Puritana, desde 1634, atravessava o Muddy River (um rio lamacento) — em que estava então um braço importante do rio Charles, no que é agora o quarteirão de aterros terraplenados da Baía Back, em Boston — com dois outros homens, num bote, lá pelas 10 horas da noite quando, subitamente, uma grande luz cintilou no céu acima deles. Esta luz permaneceu inicialmente estacionada e parecia de forma quadrada, ou mesmo retangular, com aproximadamente 2,50 a 3,00 metros de largura, pelo que Everell pôde julgar.

Repentinamente a luz se deslocou muito rápida acima do rio Charles, na direção de Charlestown, em seguida retornou ao mesmo ponto. Durante duas a três horas ela permaneceu nesse jogo de ziguezague acima do Rio Muddy e do Rio Charles, afastando-se rapidamente, retornando também rápido, permanecendo imóvel um breve instante, depois recomeçando o jogo. Petrificados de pavor, Everell e seus companheiros tremiam, abaixados no fundo do barco, incapazes de remar ou de impeli-lo. Os movimentos da luz ziguezagueante assemelhavam-se “aos movimentos de um porco procurando escapar à captura, correndo daqui para acolá”.

Quando ela desapareceu, finalmente, Everell constatou com sobressalto que se bem que a maré estivesse vazante durante todo tempo, o bote estava de fato mais longe a montante do que quando a luz

lhes apareceu. Aparentemente, alguma influência emanava daquilo que havia impelido o barco contra a corrente. Winthrop não forneceu mais pormenores sobre esta observação, a não ser declarando que a luz foi observada por diversas outras pessoas, a seguir, no mesmo local.

Cinco anos mais tarde, um outro caso de OVNI, ainda mais interessante, reproduziu-se. Na noite de 18 de janeiro de 1644, numerosas pessoas de um quarteirão de Boston, o qual fazia frente para o mar, viram uma luz mais ou menos do tamanho da lua cheia se levantar acima do horizonte, a nordeste, perto das 8 horas da noite. Alguns minutos após, uma outra luz muito similar apareceu vindo do leste e se aproximou da primeira que estava, no momento, acima da ilha de Noddle, no porto de Boston. Iniciou-se, então, uma espécie de brinquedo de gato e rato entre essas duas luzes: “Uma se aproximava da outra, depois se afastava aproximando-se novamente diversas vezes até que, finalmente, elas mergulharam atrás da colina e desapareceram”. Lançavam, a intervalos, pequenas chamas ou faíscas de luz, perseguindo-se uma à outra.

Naquele instante, várias pessoas que estavam na água entre Boston e Dorchester disseram ter ouvido uma voz do céu que dizia “de uma maneira das mais horríveis”, as palavras “pequeno... pequeno... vem... vem...”. Estas pessoas, conhecidas por todos como sendo “sóbrias e piedosas”, afirmavam ter ouvido repetir esses chamados umas vinte vezes, de diversas direções. Se bem que elas fossem incapazes de julgar a distância de onde vinha esta voz, parecia-lhes, todavia, vir de “uma distância longínqua”.

Uma semana mais tarde, estas luzes foram novamente observadas e, sete dias após, a voz celeste repetia seus chamados, desta vez do outro lado do porto, na direção da ilha de Noddle. O único comentário escrito de Winthrop a respeito destes acontecimentos, além de ser um simples relato, foi que o último lugar estava próximo do ponto onde o barco do capitão Chaddock seria destruído algumas semanas mais tarde, por uma explosão de pólvora de canhão no porão. Chaddock declarou estar suspeito de ser versado em necromancia e "de ter feito coisas estranhas virem da Virgínia", onde foi acusado de ter assassinado seu comandante. Os corpos dos homens da tripulação mortos na explosão foram lançados no rio, mas o de Chaddock jamais foi encontrado.

Não encontrei outros casos de OVNI, nos diversos escritores e autores de memórias da época colonial que consultei, mas no "*Life and Times in Hopkington, N. H.*" (A vida cotidiana em Hopkington, New Hampshire), de C. C. Lord, publicado em 1890, apareceu um relato interessante que poderia ser observações de OVNI na colina Putney — conhecida igualmente pelo nome de colina Gould — na região norte desta cidade, fazendo frente ao vale de Contoocook. Um resto de floresta de pinheiros na vertente norte desta colina era famosa por ter sido "um posto de observação indígena", onde sentinelas peles-vermelhas permaneciam na vigilância de inimigos larápios. A partir de uma época situada entre 1750 e 1800 bolas luminosas, flutuando no ar, deslocando-se lentamente, foram vistas muitas vezes acima ou próximo desta floresta de pinheiros, tanto de dia como à noite, porém mais frequentemente à noite,

Por volta de 1820 um jovem que, meio século mais tarde, contou sua aventura ao Sr. Lord, foi acompanhado até sua casa, por mais de três quilômetros por várias dessas bolas luminosas, ao cair da noite. Elas paravam quando ele parava para lançar uma olhada atrás, em direção delas, mas retomavam movimento desde que ele se propusesse a andar; contudo elas não se aproximavam nunca a menos de quinze metros.

Em nenhum desses casos houve indícios de hostilidade da parte desses globos e ninguém sofreu qualquer dano. Na época em que o Sr. Lord escreveu este relato, pelos fins do século XIX, não mais as reviram senão após uma geração, contudo muitas pessoas ainda se recordam delas. A principal reação de quem viu os globos da colina Putney parece ter sido mais de curiosidade e de interesse do que de temor.

OS MISTÉRIOS DA ERA DOS DIRIGÍVEIS

por LYLE GAULDING

Rumores de dirigíveis e de engenhos aéreos bizarros correram em toda a Europa e em toda a América entre 1890 e 1914. Inspiraram livros de ficção científica como "Robur, o Conquistador" de Júlio Verne e "O Perigo Azul" de Maurice Renard. Na Inglaterra, lá por 1910, as testemunhas de sobrevoo de zeppelins foram de tal número que protestos diplomáticos foram feitos à Alemanha. O imperador alemão ordenou uma pesquisa que demonstrou que nenhum zeppelin deixara seu hangar para sobrevoar a Inglaterra. O mistério permaneceu para sempre insolúvel.

Os mistérios — desaparições e acidentes inexplicáveis — referentes a navios e aviões, têm sido relativamente bem estudados e os mais conhecidos, estão convenientemente expostos para quem se interesse por obras como as de Charles Fort, Vincent Gaddis e Harold T. Wilkins. Mas a "grande época dos dirigíveis", digamos de 1900 a 1937, ocasionou igualmente alguns casos perturbadores e inexplicáveis no que concerne às grandes aeronaves "mais leves que o ar" agora virtualmente desaparecidos do nosso mundo.

Alguns casos estranhos que valem a pena ser registrados sobrevieram durante "a era dos balões". Houve casos de desaparecimentos inexplicáveis. Dois famosos balões lançados em Paris durante a década de 1870 não aterrissaram na Europa. Um deles foi levado pelo vento para o oeste, além da Grã-Bretanha. Não se pode duvidar que os dois balões perdidos caíram no mar; porém, porque os pilotos não tentaram aterrissar, ainda permanece um mistério.

Harold Wilkins, no seu "Estranhos Mistérios do Tempo e do Espaço", cita um membro do Parlamento Britânico, Walter Powell, que foi casualmente arrebatado por um balão em Bridgeport, no Dorset, em 1881. Ainda que pesquisas extensas tenham sido feitas, nenhum traço de Powell, nem do balão, foram encontrados. O caso é particularmente notável porque pouco após esse desaparecimento, numerosos OVNI foram observados.

Em 1897, a "grande revoada de aeronaves" se produziu. Um OVNI (ou vários) foi observado em todos os EUA (*e em outras partes*¹). Pelo que eu saiba a "revoada" foi unicamente um fenômeno americano, mas acolherei com prazer toda informação contrária). Pode-se, dificilmente, imaginar que o fenômeno de 1897 era realmente uma nave "mais leve que o ar", assim como o "OVNI ladrão de vacas", relatado por A. Hamilton, de LeRoy, no Kansas, a 21 de abril de 1897, parecia notavelmente assemelhar-se a um dirigível; o testemunho de Hamilton é citado ao mesmo tempo em "*A anatomia de um fenômeno*" de Jacques Vallée(¹) e em "*Os discos voadores... um problema sério*, de Frank Edwards.

(1) Jacques Valée é um jovem pesquisador francês do qual G. H. Gallet publicou o primeiro romance — de ficção científica — "O Subespaço", assinado com o pseudônimo de Jérôme Sériel, em "O raio fantás-

A história mais divertida em relação às observações de 1897 pode ser aquela a que se refere o *Dallas Morning News* de 19 de abril de 1897. Este relato declara que na manhã do dia 17 “a aeronave” foi vista um pouco além de Aurora, no Texas. Ela passou sobre a cidade, chocando-se contra “o moinho de vento do juiz Proctor” e explodiu. A história permaneceu dizendo friamente que o corpo do piloto houvera sido por demais mutilado para poder ser identificado, mas que ele não era, sem dúvida, humano. Foi igualmente descrito que papéis escritos com símbolos desconhecidos foram encontrados e que um oficial do Serviço de Transmissões da Armada Americana acreditava que o piloto proviesse do planeta Marte. E prosseguia o noticiário: “o enterro do piloto terá lugar amanhã ao meio-dia”. Não é inútil anotar que as observações da “aeronave”, incluindo a de Hamilton, sucederam depois do dia 17.

Um outro mistério aéreo de 1897, mais dramático, foi o desaparecimento da expedição, em balão, de Auguste Andrée, perto do Polo Norte. Este mistério foi esclarecido em 1930, quando os restos da expedição foram encontrados na Ilha Branca, no Oceano Ártico.

Os dirigíveis foram utilizados militarmente, pela primeira vez, durante a Primeira Guerra Mundial. As mais impressionantes destas aeronaves foram os zepelins gigantes alemães. O papel militar mais importante dos zepelins foi o reconhecimento

tico” (Hachette, ed.) em 1959. Depois, J. Valé se estabeleceu nos EUA onde publicou diversas obras de grande interesse como “Crônicas dos Discos Voadores” (editado por Denoel).

naval, contudo os grandes dirigíveis atingiram sua maior eficiência efetuando os primeiros grandes reides de bombardeio contra objetos civis. O primeiro reide foi efetuado contra Antuérpia, por um zepelin isolado, em fins de 1914.

Em 1917, o progresso das armas anti-aéreas tornou o ar sobre as cidades aliadas, especialmente a de Londres, deveras perigoso para as aeronaves infladas de hidrogênio. Entretanto, em outubro de 1917, a Marinha alemã decidiu uma última grande tentativa. Em 19 de outubro, onze aeronaves gigantescas, cada uma com 210 metros de comprimento e infladas com 64.500 metros cúbicos de hidrogênio, reuniam-se sobre a costa inglesa no crepúsculo; uma camada de nuvens protegia os zepelins. Durante 5 horas as aeronaves cinzentas cruzaram os Midlands causando, com seu bombardeio, sérios danos. Depois, lá pela meia-noite, uma tempestade desabou, colhendo os dirigíveis sobre o Mancha. Foram atacados também e tiveram que se elevar até 6.000 metros onde sua tripulação foi afetada terrivelmente pelo frio e pela falta de oxigênio. Na aurora, seis zepelins retornaram para a Alemanha, mas cinco ainda estavam à deriva sobre a França. Dois outros foram abatidos e os comandantes das outras duas, na impossibilidade de se manterem a grande altitude, decidiram sacrificar suas aeronaves efetuando uma aterrissagem forçada em território inimigo.

Um único dos cinco permanecia ainda no ar. O L-50 tentava retomar sua base voando a grande altitude. Sobre os Alpes franceses a reserva de oxigênio começou a se esgotar e o comandante deu ordem para descer. Tão logo os picos das montanhas apareceram por entre as nuvens, o coman-

dante deu ordem para parar os motores. Mas os mecânicos encarregados dos motores estavam muito fracos para obedecer as suas ordens. O L-50 chocou-se contra um pico alpino; a naveta de comando e a gôndola do motor traseiro foram arrancados. E enquanto o capitão e seus tripulantes se desvencilhavam dos destroços, viram o L-50, com seus balonetes de gás aparentemente intactos, elevar-se rapidamente aos céus e desaparecer de vista, com alguns membros (quatro, segundo relato) da tripagem ainda a bordo. Não os tornaram a ver nunca mais. Que aconteceu ao zepelim abandonado? Ele certamente não desceu na Europa. Uma aeronave de 210 metros num campo de couves ou mesmo nos Alpes franceses não passa facilmente despercebido. Um dirigível não rígido, com uma carcaça toda de tela, poderia queimar-se totalmente, sem deixar mais que alguns vestígios, mas um zepelim com uma imponente carcaça de alumínio? É possível que o L-50 caísse na água, mas parece que os seus balonetes parcialmente esvaziados teriam permitido que flutuasse por um determinado tempo a menos que a superfície da água se achasse recoberta de detritos flutuantes.

Quando o armistício foi proclamado em novembro de 1918, o enorme zepelim L-72 estava a ponto de ser acabado nas fábricas Zeppelin de Friedrichshafen. Se a guerra tivesse continuado, o L-72 deveria conduzir dois outros grandes dirigíveis aperfeiçoados para um reide de bombardeio sobre Nova York. Na primavera de 1919, o capitão Ernst Lehman (o maior comandante de zepelins, que deveria mais tarde morrer de queimaduras no desastre do *Hindenburg*) preparava a aeronave para a travessia do Atlântico, ida e volta sem escala. O

governo alemão, temendo que os americanos considerassem esse vôo como arrogante ou ameaçador, ordenou o abandono do projeto. Mais tarde, o Tratado de Versailles outorgou o L-72 à França, a título de reparação de guerra.

Nas mãos dos franceses a aeronave, rebatizada com o nome de *Dixmude*, conquistou vários recordes notáveis de resistência. Em 18 de dezembro de 1920, o *Dixmude* partiu para um vôo sobre a África do Norte, a fim de estabelecer novos recordes. Ele era comandado pelo capitão de fragata du Plessis de Grénedan e levava uma equipagem de 40 homens, além de 10 observadores.

A 21 de dezembro o dirigível foi visto sobre Túnis, mas desencadeou-se uma tempestade e o contacto foi perdido durante certo tempo. No dia 24, o governo francês anunciou que uma mensagem de rádio havia sido recebida informando que o *Dixmude* tinha problemas com o motor e o comandante procurava um lugar para descer. No mesmo dia, o dirigível foi novamente visto sobre Túnis. Supunha-se que o combustível estivesse no fim. A 27 de dezembro, o governo mudou a história. O último sinal de *Dixmude* foi recebido no dia 21 e foi no dia 20 que havia sido visto pela última vez, certamente perto de Biskra, no sul argelino, a 400km a sudoeste de Túnis. Dia 26, ele ainda foi visto em In Salah, no Saara, perto do Centro Geográfico dos Territórios Argelinos.

Neste momento, buscas tão completas quanto possíveis estavam em curso tanto no Mediterrâneo como no Saara. As autoridades francesas acreditavam que o *Dixmude* houvesse caído no deserto mas, no dia 29, um novo sinal foi descoberto; pescadores encontraram o corpo do comandante du

Plessis de Grénadan ao largo da Sicília. Seu relógio parou às 2,30 horas. Após essa descoberta um chefe de estação da ilha assegurou ter visto um clarão sobre o mar às 2,30 horas no dia 23 de dezembro. No dia 31, fragmentos carbonizados da naveta de comando foram igualmente encontrados no mar, próximo à Sicília.

Tudo isto é pelo menos perturbador. Supõe-se que o *Dixmude* foi destruído por uma explosão de hidrogênio ou por um incêndio sobre o Mediterrâneo no dia 23 de dezembro, mas as patrulhas navais francesas sulcavam já o mar nesta data. Um único corpo e alguns destroços para um zepelim de 210 metros com 50 homens a bordo, isso parece suficiente. Deveria ter havido mais corpos e alguma quantidade de destroços. Além do mais, algo havia sido visto em In-Salah no dia 27. Se não fosse o *Dixmude*, o que seria então?

Nenhuma teoria proposta parecia concordar com os fatos conhecidos. A melhor idéia que se podia inventar era a seguinte: o *Dixmude*, como o ZR-2 anglo-americano e o *Shenandoah* americano, partiu-se em dois, a parte da frente em chamas e a parte de trás, com a maioria da equipagem a bordo, arribou à deriva sobre a África do Norte e caiu no Saara. Mas mesmo essa hipótese pouco verossímil não é completamente satisfatória.

Em maio de 1926, o dirigível semi-rígido *Norge* (N-1), construído na Itália e pertencente à Noruega, voou sobre o pólo Norte, de Spitzberg a Teller no Alasca. A aeronave era comandada por seu construtor, o general Umberto Nobile, mas os encarregados oficiais da expedição eram Roald Amundsen e Lincoln Ellsworth.

Tanto durante o vôo como depois, os desentendimentos pessoais avolumaram-se entre Amundsen e Nobile, e acentuaram-se a tal ponto de tomar as proporções de uma briga de facas. Nobile, que tinha o sentimento de ter sido despojado da glória deste vôo transpolar, chegou a obter de Mussolini autorização para uma expedição polar inteiramente italiana.

Em maio de 1928, o semi-rígido novo *Itália* (N-4) voou até Spitzberg para começar uma ambiciosa série de voos de exploração científica nas regiões polares. A 23 de maio, o *Itália* partiu para o seu primeiro vôo em direção ao Pólo. Conseguiu sobrevoá-lo, soltando bandeiras (a bandeira italiana e o pavilhão da cidade de Milão que assegurou sua construção) assim como uma cruz benta pelo Papa e efetuando observações científicas. Nobile decidiu voltar a Spitzberg, mas o dirigível teve pela frente golfadas de ventos contrários e turbilhões de nevascas. Na manhã do dia 25, coberto de gelo, com seus comandos de profundidade bloqueados, o *Itália* abateu-se sobre os montes de gelo. A naveta de comando e a gôndola do motor traseiro foram arrebentadas, deixando nove homens sobre o gelo. O balão, com a coxia de quilha e os dois outros motores restantes, carregou os outros homens.

Ao fim de quase um mês sobre o gelo, os sobreviventes da primeira queda conseguiram estabelecer contacto de rádio com seu navio de abastecimento e finalmente nove homens foram resgatados sãos e salvos para a Europa.

Assim que a posição do pequeno grupo da equipagem de Nobile foi estabelecida, Roald Amundsen voou com uma expedição de socorro num grande

hidroavião⁽¹⁾. Sobre o mar de Barents, o aparelho desapareceu e nenhum traço jamais foi encontrado (quando o *Norge* sobrevoava o Pólo, Nobile lançou uma grande bandeira que quase chocou-se com uma hélice e ouviu-se Amundsen dizer “este homem me fará decididamente morrer”). Não se encontrou nunca nem um traço do *Itália* nem dos sete homens que permaneceram a bordo.

No decorrer dos anos de 1930, as catástrofes que ocorreram com o R-101, o *Akron* e o *Macon* provocaram o abandono dos dirigíveis rígidos pela Inglaterra e pelos EUA. Somente os alemães, com o bom e velho *Graf Zeppelin* e o novo *Hindenburg* prosseguiam os voos transatlânticos. Em maio de 1937, o *Hindenburg* foi destruído pelo fogo em Lakehurst, em Nova Jersey. A confiança do público nos dirigíveis ficou definitivamente abalada. Quando começou a Segunda Guerra Mundial, o velho *Graf Zeppelin* e o novo gêmeo do *Hindenburg*, o *Graf Zeppelin II* foram desmontados pelo governo nazista. Somente restaram então os dirigíveis não-rígidos, inflados de hélio (blimps) da Marinha Americana.

No dia 16 de agosto de 1942, o blimp L-8 alçou vôo em Moffett Field, na Califórnia, com uma patrulha anti-submarina. A bordo encontravam-se o tenente Ernst Cody e o sargento Hank Adams, sobrevivente da tragédia do *Macon*. O pequeno dirigível deixara seu mastro de amarração às 6 horas da manhã; às 7.50 Cody assinalou uma mancha de óleo no mar e a seguir, não se recebeu mais nenhu-

(1) Um hidroavião bimotor francês Latham 47, pilotado pelo comandante Guilbaud, com a equipagem Cuverville, Valette e Branzy, mais os noruegueses Amundsen e Dietrichsen os quais desapareceram todos no dia 18 de junho de 1928.

ma mensagem radiofônica do L-8. Aviões foram enviados à sua procura mas foram dificultados por uma camada de nuvens baixas. Às 10,30 horas um avião de transporte viu o blimp na região da baía de São Francisco. Um quarto de hora mais tarde o pequeno dirigível desceu numa praia perto do Forte Funston. Quando os pescadores tentaram amarrá-lo viram que a porta da cabina estava aberta e que não havia ninguém a bordo. Uma rajada de vento colheu o L-8 na praia. Ele se chocou com uma falésia e uma granada anti-submarina explodiu. Impulsionado, o dirigível se elevou de novo e partiu à deriva na direção do sudoeste. Às 11,15 horas, o L-8 pousou docemente em terra ao sul de São Francisco numa rua de Daly City. Foi forçado a pousar em virtude de um rasgão que, aparentemente, se abriu com a colisão na falésia. Os dois membros da equipagem não estavam a bordo, nem os coletes de segurança regulamentares, mas todo o resto do equipamento, compreendendo o material de salvamento e de sobrevivência, estava intacto. Pode-se supor que o dirigível foi abandonado alguns minutos após o assinalamento da mancha de óleo no mar, mas se seus ocupantes tivessem caído nesta direção, eles teriam sido vistos por navios de superfícies que estavam na vizinhança. Se eles tivessem caído mais tarde, os corpos, ou pelo menos os coletes de salvamento, teriam flutuado. Se levarmos em consideração a má visibilidade daquele dia, podemos supor que os aeronautas tivessem pousado voluntariamente o dirigível sobre o mar e desembarcado, mas o que fariam sem lançar mensagens de rádio? Isso exigiria um motivo desconhecido e de mau augúrio. Não se pode supor razoavelmente algum motivo da parte dos dois homens. A Marinha americana não

encontrou uma explicação válida para o desaparecimento da equipagem do L-8. Isto permanece ainda um mistério.

O zepelim é uma espécie desaparecida, o blimp tende a desaparecer. Poderia ocorrer que o dirigível desaparecesse dos ares nos próximos anos. Entretanto, um pequeno dirigível rígido de um novo modelo está em experiência na Nova Jersey e na Alemanha, a idéia do zepelim não desapareceu por completo. O dirigível gigante poderá voar novamente.

O tema do artigo de Lyle Gauding sobre "Os mistérios da era dos dirigíveis" foi retomado em um grande número de comunicações que nos chegaram recentemente. O Sr. Gauding enviou-nos um recorte do Enterprise de Beaumont, Texas, datado de 26 de junho de 1966.

"A presença de OVNI não é novidade no Texas. A primeira em data remonta a 1897. O artigo seguinte reproduz uma descrição do Morning News de Dallas, de 19 de abril de 1897: "Aurora, condado de Wise, dia 17 de abril. Perto das 6 horas da manhã, os madrugadores foram aturdidos pela aparição súbita de uma aeronave que navegava sobre toda a região [...]

"Ela passou diretamente sobre a Praça Central e quando atingia a parte norte da cidade, chocou-se contra um moinho de vento do juiz Proctor e desmembrou-se numa explosão terrível, espalhando destroços sobre vários hectares de terra, danificando o moinho de vento e o reservatório de água, destruindo o jardim de flores do juiz.

Supõe-se que o piloto fosse o único tripulante a bordo da aeronave e se seus restos estão pavoro-

samente desfigurados, encontrou-se o suficiente para mostrar que ele não era um habitante deste planeta.

Mr. T. J. Weems, oficial do Serviço de Transmissões do exército americano para cá destacado e astrônomo autorizado, disse que na sua opinião o piloto era originário do planeta Marte...

"O papéis encontrados [...] são escritos em hieróglifos desconhecidos. Esta nave aérea está muito destruída para que se possa tirar alguma conclusão a respeito de sua construção e energia motriz [...]

A cidade está repleta de pessoas que vieram ver os despojos e colher fragmentos do metal estranho por entre os escombros. O sepultamento do piloto dar-se-á amanhã ao meio-dia."

Não se arriscaria sugerir que qualquer um vá a Aurora para ver o túmulo do piloto, ... sobretudo após a carta que se segue:

"... Eu gostaria de anexar alguns comentários à história da "queda de aeronave" em Aurora, no Texas, a 17 de abril de 1897. Como os senhores sabem, essa descrição interessou grandemente ao Dr. J. Allen Hynek, consultor astronômico da Força Aérea para observações de OVNI. A fim de obter informações suplementares referentes ao incidente, incumbiu um amigo do Texas de constatar a história. Em breve, tudo indicava que o fato era uma mistificação perpetrada por habitante de Aurora. Seu motivo, ainda que não muito louvável, é compreensível. Aurora era uma cidadezinha próspera, quando as estradas de ferro decidiram evitá-la. A fim de obter publicidade da cidade, um negociante de algodão da vizinhança, jornalista nas horas vagas, for-

jou esta história de “queda de aeronave”, baseada sobre observações reais em diversas localidades do Estado, naquela época. Seu plano não surtiu efeito porque hoje existem apenas algumas casas em Aurora. Ainda assim, parece bastante seguro que todo este incidente não passe de invenção. Entretanto, existem observações de aterrissagens e contactos com ocupantes de “naves aéreas” em vários Estados durante abril e maio de 1897. Existem todas as razões para se crer que o famoso caso do “roubo de gado” de LeRoy, no Kansas, realmente se produziu [...]”

LUCIUS FARISH

OBJETOS MISTERIOSOS NO FUNDO DO ATLÂNTICO

Ivā T. Sanderson publicou, recentemente, uma obra: "Invisible Residents" (The World Publishing Company, USA, 1970). Nesta obra, esse conhecedor muito sério admite a possibilidade da existência de seres inteligentes, não-humanos, residentes no oceano.

Pode ser que a estranha fotografia, cuja descrição se segue, seja um sinal de atividade desses seres.

Uma estranha fotografia foi tirada por uma câmera especial, descida a mais de 4.000 metros de profundidade pelo navio oceanográfico *Eltanin*, a 29 de agosto de 1964, a 1.600km a oeste do Cabo Horn. Fizeram-se muitas especulações a respeito do que pudesse ser essa coisa; sugeriu-se até mesmo, que seja uma espécie de máquina ou um dispositivo eletrônico artificial, mas talvez "não de fabricação humana".

Por muito interessante que seja essa teoria, pergunta-se se em realidade isto não seria simplesmente um "novo tipo de animal". Pode-se comparar à *Umbélula*, um pólipo (pennatulide) com uma longa haste nua de aproximadamente um metro de altura,

com um ramalhete de tentáculos assemelhando-se a hidras. A foto em questão foi tirada a 565 km a oeste do cabo da Boa Esperança, pelo navio oceanográfico *Kane* a uma profundidade de 4.850 metros. A *Umbélula* era conhecida antes dessa foto, onde havia sido dragada e é provavelmente luminescente.

As profundezas oceânicas revelam ser muito mais povoadas do que se pensava. Nos meados do século XIX acreditava-se que a enorme pressão impediria toda a possibilidade de vida abaixo de algumas centenas de metros de profundidade, excetuando-se alguns animais microscópicos. Mas, desde a expedição do *Challenger* aquelas que se seguiram, explorando os abismos, fizeram-se cada vez mais descobertas; ficou positivado que existe vida em profundezas tantas quantas se possam explorar. O navio oceânico *John Elliot Pillsburg* fez ascender recentemente da fossa de Porto Rico, de uma profundidade de cerca de 8.000 metros, um peixe do gênero *Bassogigas* (brotulidê).

No “Despertar dos Mágicos”, Pauwels e Bergier assinalam vestígios estranhos, fotografados da nave pelas sondas oceânicas, a 450 metros de profundidade. Nós nos proporcionamos cópias desta fotografia, mas outras tiradas após, demonstraram a criatura que deixa esses traços: um verme do gênero *Balanoglossus* (hemicordato).

Esta coisa bizarra das profundezas do Pacífico poderia ser uma espécie de animal do gênero da *Umbélula*. Mas talvez não... Há outras estranhas histórias de vestígios nas profundezas. No Oceano Ártico, a 650km do pólo, o Dr. Kenneth Hunkins fez descer uma câmera através do gelo até uma profundidade de 2.100 metros e tirou fotos de “pegadas de frango” de cerca de 6cm de comprimento

com um pouco mais de um centímetro de largura (cf. *New York Times* de 24 de fevereiro de 1958). E na fossa de Kermadec, ao norte da Nova Zelândia, Nikita Zenkevitch tirou fotos de um "grande animal marinho desconhecido" a uma profundidade de mais de 9.500 metros (cf. *Manchester Guardian* de 19 de março de 1958).

Esses dois exemplos fazem pensar que seres, de preferência estranhos, devem viver nessas profundezas. E a coisa que está na nossa fotografia pode ser um animal muito mais estranho do que somos capazes de imaginar.

O CASO DO “PAPIRO TULLI”

Este caso permanece para sempre sem explicação. Contrariamente ao que se disse, o príncipe Bóris de Rachewiltz não é um mito; sua filha foi a mulher do célebre traidor e escritor americano Ezra Pound. Este, como se sabe, ganhou o Prêmio Nobel e foi preso por alta traição após a Segunda Guerra Mundial.

No número 41 (1953) de *Doubt* (Dúvida), revista da sociedade forteana (págs. 214-215) Tiffany Thayer publicou uma transcrição e uma tradução de um papiro egípcio datando do reinado de Tutmosis III (XVIII dinastia, Novo Império). O texto aqui reproduzido (ver figura 5) era uma transcrição da escritura hierática em hieróglifos (com a indicação das lacunas).

Teria sido enviado a Thayer pelo príncipe Bóris de Rachewiltz, que escreveu: “A transcrição que envio foi feita de um papiro do Novo Império que encontrei entre outros papéis e documentos do falecido professor Alberto Tulli, antigo diretor do Museu Egípcio do Vaticano. Ele havia restaurado esses documentos do Egito, mas após sua morte eles permaneceram sem tradução nem publicação. É graças à amabilidade de seu irmão, o Monsenhor

Gustave Tulli, dos Arquivos Vaticanos, que tive a possibilidade de traduzi-lo.

"A presente transcrição é uma parte dos Anais Reais da época de Tutmósis III (1504-1450 a.C.) (*sic*) e o original está em péssimo estado. Faltam o começo e o fim, a escrita (em hierático) está pálida e apresenta várias lacunas, que reproduzi na minha transcrição hieroglífica (*sic*) e numeradas... Escolhi no conjunto do papiro (20x18cm), a parte conservada e talvez a mais interessante; porém cabe aos senhores julgar".

Eis a tradução de Rachewiltz: "(lacuna 1...). No 22.^º ano, no terceiro mês do inverno, na 6.^a hora do dia (...2...). Os escribas da Casa da Vida descobriram que era uma bola de fogo que vinha do céu. (Se bem que) ela não possuísse cabeça, o sopro de sua boca (tinha) um odor fétido. Seu corpo, uma vara (cerca de 5 metros) de comprimento e 1 vara de largura. Não falava. Seus corações estremeceram e lançaram-se à terra de bruços (...3...). Eles foram ter com o rei ... (?) para lhe relatar. Sua Majestade ordenou (...4...) foi examinado (...5...) tudo quanto foi escrito na Casa da Vida, Sua Majestade meditou acerca do que chegara. Ora, após alguns dias se passarem essas coisas, eis que elas foram mais numerosas que nunca! Elas brilhavam no céu mais que o sol até os limites de quatro pilares do firmamento (...6...). Poderosa era a posição das bolas de fogo. A armada do rei as observava e o rei encontrava-se no meio dela. Era após a refeição da noite. Sobre esta, elas (as bolas de fogo) se elevaram mais alto em direção ao sul. Peixes e voláteis caíram do céu. (Era) uma maravilha jamais vista desde a fundação deste país! Ela pediu à Sua Majestade que usasse incenso para

apaziguar a Terra (...9... Para escrever?) o que chegou no livro da Casa da Vida (...10... a fim que se guarde a lembrança?) na Eternidade".

Esse texto foi publicado depois nas obras (tais como "*Os Discos Voadores não-identificados*" por Harold T. Wilkins, Londres, 1956) como exemplo de uma relação muito antiga de uma observação de OVNI e/ou de uma "chuva" fortiana.

Agora, o nó da história.

Este papiro existe (ou existiu)? Se existe (ou existiu) onde está agora?

Rachewiltz designou o manuscrito como tendo figurado na coleção do Vaticano.

Verificando este caso, lemos num capítulo do "Os OVNI na História" por Samuel Rosenberg, do *Rapport Condon*: que a resposta a um telegrama ao Departamento Egípcio no Museu do Vaticano foi esta:

"Papiro Tulli não propriedade (/sic/ acrescentado por Rosenberg. Esta pontuação não é maravilhosa?) do Museu do Vaticano. É agora desaparecido, mas passível de recuperação".

*Inspetor do Museu Egípcio do Vaticano
(assinado) Gianfranco Nolli*

Cidade do Vaticano, 25 de julho de 1968.

Mais tarde, o próprio Dr. Condon, pelo que nos disse, escreveu ao Dr. Walter Ramberg, adido da Embaixada dos EUA em Roma.

O Dr. Ramberg respondeu, segundo a citação: "/.../ o atual diretor do Departamento Egípcio do Museu do Vaticano, o Dr. Nolli, declarou que ... o professor Tulli deixara todos seus compromissos pessoais a seu irmão, que era sacerdote no Palácio

de Latrão. Pode-se presumir que o papiro coube a esse sacerdote. Infelizmente este morreu igualmente na época e seus bens pessoais dispersaram-se entre seus herdeiros que podem ter se desembaraçado desse papiro como objeto sem valor.

"O Dr. Nolli deixou claro que o professor Tulli não era senão um "egiptólogo" amador (as aspas estão no texto; com toda evidência, o Dr. Ramberg não está certo de que os egiptólogos sejam verdadeiramente condescendedores...) e que o princípio de Rachewiltz também não é *expert*. Tem-se a impressão de que Tulli foi enganado e que o papiro seja falso..."

Temo-nos interrogado — sem referência aos documentos Condon — ao mesmo tempo o Vaticano e a Universidade de Saint-Louis, onde a Biblioteca Comemorativa Pio XII abriga cópias microfilmadas da Biblioteca do Vaticano. Nesta última, por carta pessoal de 10 de fevereiro de 1970, de Charles J. Ermatinger, responsável pelos microfilmes do Vaticano, comprovamos que a Universidade de Saint-Louis não possui microfilmes dos papéis egípcios do Vaticano.

Todavia, do Vaticano recebemos uma resposta do próprio Monsenhor Nolli onde ele afirmou que falou pessoalmente com Rachewiltz, onde estão sublinhados os seguintes pontos: 1.^º) O papiro Tulli nunca figurou nas coleções do Vaticano; 2.^º) O papiro foi visto pelo professor Tulli em 1934, no Cairo, no antiquário Tano; 3.^º) A transcrição da escrita hierática em hieróglifos foi feita por E. Drioton; 4.^º) A opinião de Drioton era de que esse papiro não era de característica "mágica", mas descrevia a queda de um meteorito (*um interessante meteoro*); 5.^º) Tulli não adquiriu o papiro pelo alto

preço pedido, mas pensou em comprá-lo através de uma pessoa particular ou por um museu do Cairo; ou que ele estivesse ainda nas mãos de Tano.

Pode-se observar que a apresentação geral desta carta não implica que o papiro é (ou era) uma farsa, como o insinuou a declaração do Dr. Ramberg.

Mas onde ele nos conduz?

A nenhuma parte em particular. O *papiro meteorológico* ou *papiro Tulli* pode ser autêntico. Pode ser que ainda exista. Se assim for e se lido verdadeiramente como o afirmava Rachewiltz, permanece extremamente obscuro quanto à natureza dos acontecimentos aos quais ele se refere.

Uma conclusão pode ser tirada, apesar deste lodaçal papirológico: que o ceticismo de Rosenberg é bem merecido... mas pode-se ter também igual ceticismo diante tanto do Vaticano quanto dos conselheiros do *Relatório Condon*. E ter-se-ia provavelmente vantagem ao seguir Rosenberg “considerando nenhuma opinião como certa”.

O caso do Papiro Tulli não seria exposto pela excelente revista italiana “Il Giornale dei Misteri” de Florença (n.º 4, pág. 1) que publica a fotografia de uma carta datada de 30 de maio 1971 do príncipe Bóris de Rachewiltz.

A despeito das dúvidas expressas a seu respeito no Relatório Condon, este bem parece ter uma certa notoriedade científica. Há mesmo um endereço sério: “The Ludwig Keimer Foundation for Comparative Research in Archeology and Ethnology, Elisabethenstrasse 15, 4.000 Bale, Suíça”.

Nesta carta, Rachewiltz, sem negar a existência do Papiro Tulli, contesta a exatidão da tradução que lhe foi atribuída e, sobretudo, a interpre-

tação que lhe foi dada. Depois dele, ninguém permitiu afirmar que se tratava de uma invasão de extraterrestres.

Outros pesquisadores têm relacionado o texto (traduzido) do papiro Tulli com aquele da Bíblia que descreve “rodas de fogo” por ocasião da levitação misteriosa do profeta Ezequiel.

A questão fica aberta.

O MILAGRE DE ROBOZER

POR JACQUES BERGIER

A União Soviética foi testemunha de um grande número de acontecimentos. Escolhi, na minha vasta documentação a esse respeito, um velho enigma de três séculos: o milagre de Robozer, por três razões:

1.º) A série Comissão dos Contactos, organismo oficial fundado pela revista soviética Saber e Força, crê que lá existe um fenômeno a ser estudado. Esta Comissão eliminou, como mistificação, todos os discos voadores, assim como um bom número de outros erros de boa fé. O cuidado é, portanto, precioso.

2.º) É de meu conhecimento que nenhuma publicação em francês existe a esse respeito. É, portanto, um documento com efeito inédito que relaciono como contribuição para essa obra.

3.º) Sobretudo após três séculos, e malgrado todos os esforços dos sábios racionalistas do século XIX e dos sábios soviéticos de espírito mais aberto, o enigma de Robozer permanece intacto. A ciência o esclarecerá certamente um dia, mas esperando-a, ela nos deixa um belo problema.

O que se passou em Robozer, local de um mosteiro na região de Moscou, no ano de 7171 da criação do mundo, pela Igreja Ortodoxa da Mui Santa Rússia, o que corresponderia a 1663 da era que denominamos cristã, mas que os soviéticos, que não crêem em Jesus Cristo, chamam simplesmente “Era Moderna”.

A data é 15 de agosto, um sábado (calendário gregoriano). As autoridades eclesiásticas interrogaram imediatamente as testemunhas. Dois deles, Ivachko Rjevski e Levka Fiedorov, o primeiro trabalhador agrário, e o segundo camponês cultivador de sua própria terra, eram os menos aterrorizados que os outros e deram descrições concordantes.

Segundo essas descrições, no pequeno lago de Robozer, com aproximadamente 2km de comprimento, apareceram em pleno meio-dia chamas imensas sobre uma extensão de mais ou menos 140 metros de diâmetro. O céu estava claro e sem nuvens. As chamas eram cercadas de uma fumaça azul. Duas luzes ardentes jorravam desse fenômeno.

Este desapareceu durante uma hora, depois reapareceu a 500 metros das cercanias do local primitivo. Ainda dez minutos mais tarde, o fenômeno desapareceu novamente e tornou a reaparecer em seguida. Era acompanhado de um barulho espantoso e desprendia um calor intenso, que impedia a aproximação de canoas. Numerosos peixes foram mortos, enquanto outros fugiram. Após o fenômeno, uma camada avermelhada, semelhante à ferrugem, recobria o lago.

Um segundo interrogatório pelas autoridades eclesiásticas teve lugar a 30 de novembro do mesmo ano, com os mesmos resultados.

Esses interrogatórios foram publicados integralmente em 1842, por uma comissão arqueológica, que examinou os arquivos do Mosteiro de São Cirilo de Robozer.

O segundo interrogatório nos deu a envergadura do fenômeno: 40 metros em termos modernos.

Uma das testemunhas precisou que a luz era de tal forma intensa que se via o fundo do lago, tendo este local 8 metros de profundidade. Várias das testemunhas estavam sob o pórtico do mosteiro e outras haviam procurado aproximar-se das chamas em canoas. Estes sofreram leves queimaduras.

Diga-se que numerosas hipóteses foram emitidas, mas nenhuma resistiu. Primeiro, falava-se de miragem, fenômeno que já era bem conhecido na época.

Mas uma miragem não transmite tanta energia para fazer queimaduras e não deixa uma camada espessa de um óxido metálico assemelhando-se à ferrugem.

Quando do início do século XIX, os trabalhos do sábio Chladni teriam provado a realidade dos meteoritos; malgrado o ceticismo racionalista de Lavosier, procurou-se explicar o enigma de Robozer por um meteorito. Somente não se encontraram vestígios e um meteorito, uma vez caído, não reaparece por duas vezes um pouco mais tarde. A queda de um meteorito é um fenômeno quase instantâneo, chegando a uns 20km por segundo. Ora, a bola-de-fogo de Robozer persistiu, na sua primeira aparição, durante uma hora e meia, a água queimava, o que equivale a decompor-se em hidrogênio e oxigênio que se combinavam explosivamente.

A teoria do meteorito foi defendida energicamente por D. O. Swiatsky em 1915, numa brochura

editada em Petrogrado (atual Leningrado). Esta hipótese foi completamente repelida por todos os especialistas.

Falou-se de colisão com um cometa, o que não se sustentou; seria um cometa minúsculo. Por outro lado, se um cometa entrasse em colisão com a Terra, seria uma vez mais, um fenômeno instantâneo, e não duraria uma hora e meia.

Os rationalistas modernos logo ressaltaram a hipótese da bola-de-fogo. Esta, após ter sido demonstrada impossível, é muito popular no momento. O professor Kapitza reproduziu-a em seu laboratório e tirou belas fotos. A bola-de-fogo é um plasmóide, isto é, matéria ionizada, eletricamente carregada, mantida coesa até o presente por forças desconhecidas. Só que a bola-de-fogo tem uma existência máxima de cinco segundos e não ultrapassa 25 centímetros.

Se o fenômeno de Robozer fosse uma bola-de-fogo, seria uma bola-de-fogo excepcional e cientificamente impossível.

Além do mais, a bola-de-fogo é aliada a trovoadas, e é provavelmente produzida pela faísca comum. O milagre de Robozer se produziu sob um céu sem nuvens e sem nenhuma trovoada. Ademais, existem observações de bolas-de-fogo caindo na água. Uma dessas observações, na qual se pôde medir com um termômetro, a elevação da temperatura de uma selha de água onde a bola-de-fogo caiu, serviu depois de base para as estimativas da energia.

Em nenhuma dessas observações se constatou camada de ferrugem na superfície da água. Isto seria, por outro lado, impossível, a bola-de-fogo sendo composta de nitrogênio e oxigênio ionizados e elétrons.

A bola-de-fogo não contém ferro e não pode então se depositar.

Então?

Então Youri Rostzious, da Comissão dos Contactos propõe seriamente, embora com prudência, a hipótese de uma sonda automática interplanetária, vinda de um outro mundo habitado, que teria se espatifado sobre a Terra após um acidente técnico.

Assim, o milagre de Robozer viria de fora.

A hipótese não é desprezível.

Entretanto, vindo de fora, o milagre de Robozer pode não ter sido inteligente. Podia ser que uma pequeno fragmento de antimateria viesse bater na superfície do lago e teria explodido em contacto com a água.

Seria necessário que uma partícula cósmica de energia excepcional houvesse caído neste local. Há três séculos de distância, protestarão os céticos? Há três séculos passados, o lago permanece. E pode-se ver se seu fundo contém minério, podendo retornar à superfície e deixar uma camada de ferro.

Se não continha, seria uma forte presunção para que uma espécie de ferrugem trazida à superfície do lago fosse produzida pela combustão da superfície de uma máquina. É possível, por outro lado, que esta máquina pudesse fragmentar-se após dois ensaios infrutíferos e após ter perdido uma parte de sua superfície por ablação.

As cápsulas espaciais terrestres que retornam do espaço perdem assim uma parte notável de sua superfície. Os viajantes, entretanto, sobrevivem. Outras explicações interplanetárias, não incluindo máquinas, são concebíveis igualmente.

O objeto de Robozer pode ser uma partícula cósmica super intensa, tendo produzido transmu-

tações por feixes de subpartículas que ela teria emitido chocando-se com a Terra.

Pode, igualmente, ter sido um fragmento de antimateria tendo produzido um intenso desprendimento de energia e a partir deste desprendimento, um plasmóide teria se transformado duas vezes antes de se dissipar.

Podemos igualmente encarar, com espírito fortiano, uma porta se abrindo para um outro universo.

Não falemos de universos paralelos, pois justamente as paralelas não se encontram nunca. Mas as lendas abundam sobre um outro universo que pode se abrir para o nosso, um universo do qual o escritor americano pôde dizer:

“Alguns o chamam Avalon e outros Tir-Nam-Béo e outros ainda o Inferno.”

Esta esgota, parece-me, as hipóteses que se possa imaginar a respeito do milagre de Robozer. A verdadeira solução talvez esteja fora do raio de nossa imaginação.

Não conheço outro exemplo em que se tenha visto reproduzir o mesmo fenômeno.

Pelo menos na Terra.

Observaram-se em Marte erupções luminosas muito longas, difíceis de se atribuir a um vulcanismo que parece ser inexistente.

Outras erupções luminosas foram observadas na Lua. O astrônomo soviético Nikolai Kozyrev pôde examinar a luz emitida e encontrou compostos de carbônio, correspondendo a uma chama a temperatura elevadíssima.

Essas emissões foram constatadas em muitas crateras lunares.

Talvez se trate do mesmo fenômeno de Robozer. Sobre Marte existe uma atmosfera muito di-

luída, sobretudo composta de nitrogênio e gás carbônico, e que poderia, se ela contivesse uma temperatura suficientemente elevada, formar uma bola luminosa.

Na Lua não existe atmosfera e pensa-se que os gases incandescentes observados por Kozyrev provinham do interior da Lua. Qual é a força então que as pode transportar incandescentes?

Não mais que de Robozer, não se sabe. Um jato de energia proveniente de um laser forneceria evidentemente uma explicação, mas *quem* maneja esse laser interplanetário?

É muito difícil dizer-lo.

Peço-lhes não me dizer, sob pena de castigos corporais, que é um disco voador que explodiu em Robozer. Como não existem discos voadores, não se vê como um desses engenhos inexistentes poderia ter explodido.

É igualmente inútil dizer-me que os súditos do Czar se entregavam a experiências nucleares. Isto parece extremamente improvável.

Não se assinala por outro lado na história da região nenhum alquimista, nem mágico. Os habitantes pareciam ter sido bons cristãos e fiéis súditos de seu pai, o Czar.

Seria evidentemente interessante saber se, no dia 15 de agosto de 1663, houve uma importante perturbação magnética. Não se exclui a possibilidade de que um dia se saiba, porque teve início nesses nossos tempos meios de se detectar as perturbações magnéticas que foram produzidas no passado.

Estas perturbações deixam vestígios nos minerais. Seu estudo chama-se paleomagnetismo e é uma ciência muito séria.

Ela deve muito ao Prêmio Nobel francês Louis Néel. Se ocorreu um deslocamento dos polos magnéticos em 15 de agosto de 1663, saber-se-á e tender-se-á a provar que uma imensa quantidade de energia foi liberada. A ciência não disse ainda sua última palavra e teremos, provavelmente, em um dia próximo uma parte da verdade sobre o milagre de Robozer.

Pode ser que saibamos toda a verdade, se um dia o contacto com os extraterrestres nos indique que uma astronave de exploração sofreu uma avaria na Terra no dia 15 de agosto de 1663 do nosso calendário.

Terceira Parte

OS SERES ESTRANHOS

OS RASTROS DO DIABO, ENIGMA NÃO RESOLVIDO

POR PAUL J. WILLIS

Muito se escreveu a esse respeito — muito, di-
rão alguns — assim eu me contentarei, para não
aborrecer o leitor, com um simples relato de fatos.
Levantando-se na manhã do dia 8 de fevereiro de
1855, os habitantes de uma vasta região do sul de
Devonshire (na Inglaterra), constataram que, so-
bre a neve que cobria o solo, entrecruzavam-se um
número enorme de rastros estranhos, pequenos e
assemelhando-se a cascos de um animal e de uma
incrível multiplicidade. Havia, provavelmente, mais
de 160km de rastros!

Os desenhos que reproduzimos dão uma idéia do
aspecto geral das impressões. Elas são decalcadas
do desenho publicado no *Illustrated London News*
de 3 de março de 1855, página 214, e mostra este
desenho nos dois sentidos. As pegadas mediam cada
uma cerca de 10 centímetros de comprimento por 7
centímetros de largura e estavam regularmente se-
paradas de 20 a 22cm. Os rastros estavam em linha
reta.

Quem os tinha feito? Explicações muito avan-
çadas, que vão de cangurus a passarinhos (passan-

do por uma idéia expressa em alguns espíritos de que um viajante de uma nave espacial extraterrestre as havia deixado). Parece-me lembrar que o falecido Harold T. Wilkins esposou esta idéia. Por razões evidentes esta hipótese jamais encontrou partidários nos grupos de zoólogos profissionais.

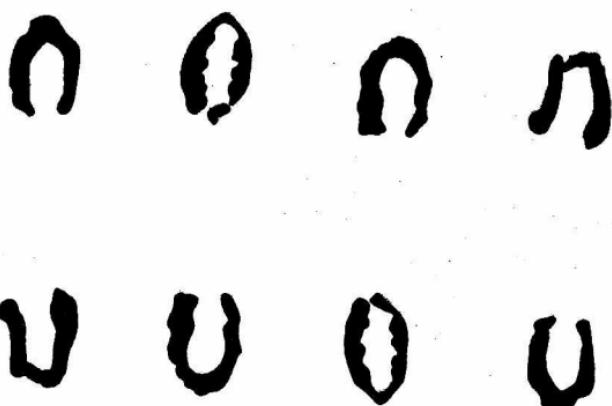


Fig. 4. Marcas das patas do Diabo, diversas formas.

Há alguns pontos relativos ao problema de identificação de quem ou o que deixou estas pegadas, que não foram, em nosso modo de ver, suficientemente ressaltados nos relatos já publicados ou, mais exatamente, nem frequente e nem suficientemente próximas umas das outras. Merece atenção:

a) Se as pegadas forem atribuídas a um animal terrestre qualquer (compreendendo os pássaros), o elemento mais difícil de explicar (ainda que o mais importante) é a sua *colocação* fantástica: "O misterioso visitante passou de modo geral apenas uma vez em cada local e o fez em quase todas as casas de numerosas partes das diferentes cidades, assim como nas fazendas esparsas no arrabalde;

esta pista regular, passando em certos casos por sobre os tetos das casas ou por sobre os palheiros, ou por sobre muros muitos altos (um com cerca de 4,50 metros), sem deslocar a neve nem de um lado nem do outro e, sem modificar as distâncias entre as pegadas, como se o obstáculo não fosse absolutamente incômodo. Os jardins cercados de sebes altas ou de muros e com portas fechadas foram visitados, assim como aqueles que não tinham obstáculos nem eram fechados...". Um cientista de meu conhecimento informou-me que ele seguiu uma mesma pista através de um campo até um palheiro. A superfície deste palheiro estava totalmente virgem de toda marca mas, do lado oposto, numa direção correspondente exatamente à pista traçada até aqui, as pegadas recomeçavam! O mesmo fato foi observado de um lado e de outro de um muro... Dois outros habitantes da mesma coluna seguiram uma linha de pegadas durante três horas e meia, passando sob bosque de groselheiras e de árvores frutíferas em renques; perdendo-se em seguida o rastro e reencontrando-o sobre o teto de casas nas quais suas pes-

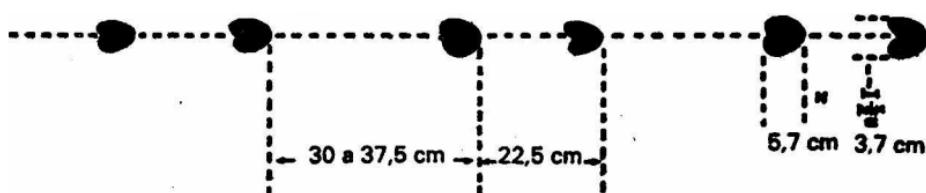


Fig. 5. Os rastros do Diabo com uma escala de comprimento.

quisas haviam começado... (*Illustrated London News*, 24 de fevereiro de 1855, pág. 187). O artigo indica igualmente que as pegadas passavam por

uma “abertura circular de 30cm de diâmetro” e em um “dreno de 15cm”. As pegadas pareciam atravessar um estuário de quase 3,5 km de largura. De nada serve atribuir a mais de um animal estes rastros (a conclusão, alias, parece inevitável), porque isto não explica como, qualquer que seja o animal e qualquer que seja o seu número, possa “passar pelos muros” ou subir aos tetos como se eles não oferecessem nenhum obstáculo; e, também, ter capacidade de passar por pequenas valas de menos de 30 cm de largura. É igualmente digno de nota, se acreditamos nas descrições, que os rastros não pareciam voltar para trás e nem circundar aleatoriamente, o que é, direi eu, já bastante esquisito.

b) Numerosos são aqueles que propuseram, como solução, o efeito da atmosfera sobre aquelas marcas, mas como seria possível que a atmosfera afetasse uma pegada e não outra? Na manhã em que elas foram observadas, a neve apresentava pegadas frescas de gatos, cães, coelhos, pássaros e homens, nitidamente definidos. Por que então uma pista ainda mais nitidamente definida — tão nitidamente que mesmo a fenda do meio de cada casco era nitidamente visível — por que então esse traço particular seria, somente ele, afetado pela atmosfera e todas as outras marcas deixadas como eram? Ademais, a circunstância mais singular levantada a esse respeito era a de que, onde quer que aparecesse essa marca, a neve estava completamente revolta como se tivesse sido talhada com diamante ou mareada com ferro quente. Não falo de seu aspecto depois que foi pisoteada e revolta pelos curiosos nas ruas da cidade e nos arrabaldes. Em um caso, esta pista entrou num celeiro coberto onde a

atmosfera não a podia afetar e atravessou saindo por uma brecha na parede oposta.

O autor do que precede (no mesmo artigo, no *Illustrated London News*) passou cinco meses de inverno nas florestas do interior do Canadá e tem uma longa experiência em rastros de animais e de pássaros sobre a neve. Ele assegurou que "jamais viu uma pista tão nitidamente definida e nem uma pista que parecesse tão pouco afetada pela atmosfera".

Estas circunstâncias são desconcertantes; os rastros são feitos, bem entendido, por pressão e mostram sinais nítidos de compressão na neve que envolve cada pegada. Mas, se estas das quais se trata, são feitas por *revolvimento* da neve, como explicar esse fato?

c) Um outro pormenor — notado por Fort, mas que eu não encontrei em nenhum outro lugar — é que, segundo uma descrição (se bem que feita 35 anos após o acontecimento), as pegadas de Devonshire alternavam-se por "intervalos enormes, mas regulares, que pareciam ser marcas da ponta de um bastão (*O Livro dos Danados*, capítulo 28). O que isto pode significar permanece extremamente problemático.

d) Charles Fort, Rupert T. Gould, Bernard Heuvelmans e Eric Franck Russel mencionaram descrições curiosamente similares provenientes de regiões muito afastadas geograficamente. Não entrarei em pormenores; notadamente porque algumas destas descrições, senão todas, podem muito bem não ter nenhuma relação com o caso de Devonshire; eu me contento em apresentar a lista dos incidentes relatados: Escócia, 1839-1840 (*Times* de

Londres, 14 de março de 1840); ilha Kerguelen, Oceano Índico 1840 (*Viagem de descoberta e pesquisa nos Mares do Sul e Oceano Antártico*, do capitão Sir James Clark Ross); Polônia perto de 1855 (*Illustrated London News* de 17 de março de 1855, pág. 242); Bélgica, 1945 (o artigo de E. F. Russel no *Doubt* n.º 20, reproduz as medidas das pegadas menores e diferentemente espaçadas das de Devonshire); Brasil, antes de 1954 (*pé-de-garrafa*, B. Heuvelmans, *Na pista das bestas ignoradas* (Plon, ed. 1955)).⁽¹⁾ Os autores se referem a casos que podem ser ou não pertinentes. Um deles diz: “Após o sismo de 15 de julho de 1757, nas praias de Penzance, na Cornualha, numa zona de uma centena de metros quadrados, foram encontrados vestígios semelhantes a de cascões, salvo que estes não eram em crescente” (notar a proximidade de Devonshire. Os vestígios do Brasil não eram em forma de crescente). Uma menção, ainda mais obscura, diz respeito a um extrato dos anais chineses que se relaciona com o caso de Devonshire: “Da corte de um palácio [...] habitantes do palácio, levantando-se uma manhã, encontraram o pátio marcado com rastros, parecendo pegadas de um boi [...] supuseram que o demônio os tivese feito”. Convém observar que alguns destes depoimentos não falam de neve, mas de rastros encontrados na areia ou na lama.

No *New York Herald Tribune* de 10 de julho de 1953, a crônica (“A propósito de Tudo”) de William Chapman White contava uma história vin-

(1) Numa carta de 24 de maio de 1966 ao autor, B. Heuvelmans declarou não ter recebido “novas informações” após a publicação de seu livro.

da de Burnham-on-Crouch, em Essex, na Inglaterra. Parece que um chefe de escoteiros da vizinhança havia prometido aos seus comandados que um mágico deveria vir ao acampamento, apresentando em seu número “cinco cangurus selvagens”. O mágico não possuía cangurus, mas o diretor utilizou esse anúncio sensacional a fim de aguçar o interesse dos meninos por uma representação bastante banal. Quando o mágico chegou, o diretor forjou a explicação: os cangurus haviam escapado. Desde que essa notícia chegou aos arredores, o diretor recebeu relatos de pessoas que haviam “visto” cangurus até mais de 35km de distância...

Algumas teorias aventadas para explicar os rastros do demônio sugerem um pouco a explicação do diretor a respeito de cangurus fujões... Sugere-se um animal e encontram-se fatos que correspondem à explicação; mas infelizmente não muitos fatos.

Pode-se igualmente lembrar a declaração magnificamente sardônica de Fort: “Minha explicação pessoal é de que pelo menos mil cangurus pernetas, cada um calçando uma pequena ferradura, teriam marcado a neve de Devonshire”.

O autor não pretende ter citado tudo aquilo que foi publicado. Entre outros, pode-se mencionar Alfred G. Leutscher que propôs o arganaz (*Apodemus sylvaticus*) como o responsável pelas pegadas de Devonshire (artigo do *Journal of Zoology* de Londres, n.º 148, 1966: “Os rastros do Diabo — a solução de um mistério de 100 anos”). Em carta do dia 21 de junho de 1966 ao autor, o Dr. Burton escreveu que considera a hipótese do Sr. Leutscher,

a mais interessante até agora mas que, "depois que ele completou sua teoria, eu examinei os rastros destes camundongos na neve, e, observando-os, parece muito improvável". Imaginemos como camundongos saltariam sobre tetos ou muros de 4,5 metros de altura.

O DIABO PASSEIA NOVAMENTE

POR VINCENT GADDIS

Completando o artigo antecedente, eis um caso publicado no *To Morrow*, número de outono de 1957, sob o título: "O Diabo passeia novamente?"

O artigo estava assinado por Eric J. Dingwall, o erudito autor inglês, que foi um dos colaboradores do Dr. Alfred Kinsey, bem conhecido por seus trabalhos antropológicos e suas pesquisas sexopsicológicas. "Entre todas as histórias estranhas que ouvi, escreve o Dr. Dingwall, esta foi uma das mais esquisitas e inexplicáveis."

A história foi contada por um tal "Sr. Wilson". Inglês de nascimento, Wilson veio rapazola para a América e prosperou em seus negócios em Nova York. Na quebra da Bolsa perdeu muito dinheiro. Retornou para a Inglaterra onde se instalou em um vilarejo e montou, em pouco tempo, um bom negócio comercial.

Um dia, numa revista britânica, leu um artigo sobre "os rastros do Diabo", em 1855, em Devon. Jamais ouvira falar deste enigma antes. Como o nome do Dr. Dingwall foi mencionado no artigo, Wilson escreveu-lhe uma carta. Até então ele estava tão dominado por sua aventura, que havia contado somente a três amigos de confiança.

O Dr. Dingwal visitou Wilson para uma entrevista. Wilson apareceu-lhe como um homem de alta estatura, solidamente constituído, de espírito prático. Não era “evidentemente um sonhador que imaginasse histórias inacreditáveis”.

Conta Wilson que, em outubro de 1950, ele decidira tirar férias numa pequena cidade da costa oeste de Devon, onde passara a juventude. No último dia de sua permanência, foi ver a antiga casa de sua família e a praia onde havia brincado quando criança. Esta praia era inteiramente orlada de falésias abruptas. Penetra-se nela por uma passagem estreita entre e sob dois enormes rochedos, cuja entrada é barrada por uma alta grade de ferro. No verão, as pessoas que vão a esta praia pagam uma taxa para entrar na caverna. Mas naquela tarde triste de outono a grade já estava fechada para o inverno.

A casa da infância do Sr. Wilson estava próxima. Lembrou-se que seria possível chegar até à praia passando pelo jardim, utilizando uma outra passagem. Tomou este caminho e cedo se encontrava sobre a areia da praia deserta. O mar atingira a parte mais elevada da praia, porém quando ele chegou a maré era vazante, deixando a areia tão lisa como vidro. Foi então que Wilson fez sua apavorante deseoberta.

Uma série de pegadas começava no alto da praia, bem abaixo de uma falésia vertical, e atravessava a praia em linha reta até o mar. Estavam extremamente nítidas “como se fossem esculpidas por um objeto cortante”. Espaçadas em cerca de 1,80m, elas pareciam ser os vestígios do casco de um bípede e assemelhando-se muito com o de um forte pônei não-ferrado. Não eram fendidas e eram

mais profundas que as pegadas feitas por Wilson que pesava 80 quilos.

Um pormenor perturbou especialmente Wilson: a areia não havia sido “escavada” na borda das pegadas — “dir-se-ia que cada pegada havia sido recortada na areia com ferro quente”. Tentou compará-las com as suas, andando ao lado delas, depois tentou saltar de uma marca à outra, mas o passo era maior que o dele, ainda que ele fosse um homem de alta estatura e longas pernas. Não havia marcas regressando do mar e a estreita praia era limitada em cada extremo por pontas rochosas.

O Dr. Dingwall fez então algumas perguntas que ficaram sem resposta: Qual a criatura possível terrestre ou marinha, capaz de deixar aquelas marcas? De que tamanho podia ser ela para possuir um passo tão longo? Se fosse um animal marinho, porque teria cascos? Se fosse um animal terrestre porque teria entrado no mar? Ou teria então asas?

O Sr. Wilson declarou que os rastros eram frescos e que a maré vazante estava justamente além da última pegada da pista. Que teria visto se chegasse um pouco antes? O Dr. Dingwall assinala que semelhantes sinais foram vistos em 1908, nos Estados Unidos, ao longo da costa de Nova Jersey, entre Newark e o cabo May. Elas foram atribuídas ao “Diabo de Jersey”. Ele acrescenta: “existem ainda descrições de marcas como as do casco de um pônei na neve espessa e, também, as pegadas saltam ceras para depois continuarem do outro lado, mesmo quando as barreiras estavam a apenas polegadas umas das outras”.

O Dr. Dingwall conclui dizendo que, quanto mais se fazem perguntas, mais o mistério se torna desconcertante.

EU ENCONTREI O MATAH KAGMI

POR T. WAKAWA (*)

Os abdomináveis homens das florestas americanas, que se assemelham aos abdomináveis homens das neves tibetanos e aos abdomináveis homens malaios, levantaram um problema irritante. O Tibete e a Malásia são pouco explorados e, aliás, "uma bela mentira que vem de longe". Mas na América industrial, humanóides de uma altura de 2 a 3 metros, senão mais, circulam sem serem capturados, e é o que não se comprehende. Há muito tempo, empresários de circo, como P. T. Barnum não pouparam despesas para capturá-los e exibi-los nos capitais dos grandes circos.

As florestas americanas são sobrevoadas por helicópteros e aviões munidos de detectores infravermelhos (para prevenção de incêndios na floresta): porque esses detectores não reagem a eles? Seria interessante explorar as florestas americanas com detectores de seres vivos em movimento, como os empregados no Vietnã. Como as diversas testemunhas que apresentaremos a seguir são muito numerosas, ou muito precisas, não cremos que os

(*) Extraído de *Many Smokes*, revista nacional indo-americana, outono de 1968.

abomináveis homens das florestas americanas sejam somente lendas.

Meu avô nasceu na Alta Califórnia, perto do Monte Shasta, em 1853. Ele tomou parte na guerra de 1872-1873, que fizeram os índios Modoc para defender seu país natal; isto foi como sempre, a mesma história: a derrota e o envio pelos brancos a uma reserva.

Ele me contou a história quando eu era criança, e que nunca mais esqueci. Isto aconteceu numa noite de outono de 1897, quando ele se encontrou pela primeira vez com o Sasquatch. Seguia a pista de um cervo, perto de um lago, no crepúsculo, quando viu diante de si uma coisa que se parecia com uma alta moita. Aproximando-se um pouco, sentiu um forte odor vagamente almiscarado. Então, olhou melhor a moita e de súbito se apercebeu que não era bem uma moita, pois estava coberta da cabeça aos pés com um rude pelo, que se parecia com crina de cavalo. Avançou um passo, mas a criatura emitiu um som ou um grito como "naiiaaaaah"! Meu avô então se apercebeu que era um daqueles que ouvira os velhos falarem: um Sasquatch!

Ainda que a noite caísse, meu avô pôde ver nitidamente dois olhos marrom-claro num montão peludo que era a cabeça, pois a criatura se mexeu ligeiramente; meu avô fez um gesto de amizade e colocou em terra a fileira de peixes que carregava. A criatura compreendeu, evidentemente, mesmo porque se apoderou vivamente dos peixes e desapareceu através da mata próxima. Ela não parou senão por um instante e lançou um novo grito que meu avô não esqueceu nunca... um grito longo e surdo "Eéegoooomm"!

Meu avô não contou esta história a ninguém que não fosse da família e falava dessas criaturas como seres humanos chamados Matah Kagmi. Há algo de interessante e é duvidoso que possa ser uma simples coincidência: é que os tibetanos chamam o famoso "homem das neves" de Metoh Kangmi. Estes dois nomes são muito semelhantes!

Algumas semanas após seu encontro com o Matah Kagmi, meu avô foi despertado por ruídos insólitos em torno da cabana. Foi ver e encontrou uma pilha de peles de cervos recentemente esfolados e prontos para serem curtidos. Ao longe, ouviu de novo o grito estranho "Eéégoooooomm!". A seguir, outras coisas foram deixadas de tempos em tempos: madeira para queimar, bagas ou frutas selvagens.

Alguns anos mais tarde, meu avô teve o segundo — mas muito mais espantoso — encontro com o Sasquatch. Trabalhava com alguns brancos da região de São Francisco, ajudando-os na busca de um tesouro que se supunha estar no Monte Shasta.

Quando o pequeno grupo atingiu o sopé da montanha, os homens brancos se puseram a beber muito; meu avô lhes disse então que iria adiante e exploraria algumas das baixas cornijas rochosas, pois eles não estavam em condições de fazê-lo. De manhã cedo tomou um atalho da montanha e, após longa e difícil subida, atingiu uma cornija, que resolveu examinar. Então aconteceu. Foi mordido na perna por uma cascavel (*Crotalus horridus*)!

Meu avô matou a cascavel e tentou descer por um lugar mais confortável, mas logo teve dificuldades de continuar e, do que se lembrou, foi assaltado por dores de estômago, desmaiando. Ao recuperar a consciência, acreditou estar sonhando, pois estava cercado por três grandes Sasquatch da altura

de 2,5 a 3 metros. Notou que haviam cortado ligeiramente a mordida da serpente e, depois, retirado, não soube como, uma boa parte do veneno, colocando musgo sobre a ferida. Então, um dos Sasquatch emitiu uma espécie de grunhido e os outros dois ergueram meu avô e o carregaram por uma pista que ele desconhecia. Após uma pequena descida no flanco da montanha, colocaram-no sob um arbusto sarçoso e o deixaram. De novo, ouviu-se o grito lugubre dos Sasquatch “Eéegoooomm!”.

Ao cabo de um momento, começou a se sentir melhor e tomando de sua velha pistola calibre 44 (11, 17 mm), pôs-se a dar alguns tiros para o ar. Finalmente, os caçadores de ouro o encontraram. Vovô nada disse o que acontecera referente aos Sasquatch. Retornou ao local onde as mulas de carregamento estavam amarradas e de lá ao mais próximo vilarejo. Repousou alguns dias e voltou ao lago Tule. Meu avô falou deste encontro apenas à sua família e a partir daí não mais conduziu ninguém, por dinheiro nenhum, na região do Monte Shasta. Simplesmente dizia: “Matah Kagmi existir! Este lugar sagrado, tenho amigos lá”.

Durante vários anos a seguir, na calma da noite, por vezes tarde da noite, ouvia-se ainda o grito que ele conhecia muito bem: “Eéegoooomm”. o apelo dos Sasquatch. Meu avô acrescentava que os Sasquatch não eram maldosos, mas muito esquivos, especialmente frente a frente com homens brancos e que saíam geralmente à tarde ou à noite. Alimentavam-se sobretudo de raízes que desenterravam e bagas que comiam somente em tempo frio muito rigoroso. Viviam em buracos profundos dos flancos da montanha, desconhecidos do homem.

O ABOMINÁVEL HOMEM DOS ESTADOS UNIDOS

POR LOREN E. COLEMAN E MARK A. HALL

Um vasto folclore e a crença em um povo muito primitivo, de hábitos revoltantes, encontram-se da Califórnia do Norte até as próprias terras árticas. Esta tradição cobre não só toda a extensão da costa do Pacífico, mas também grande parte das regiões accidentadas do leste dos Estados Unidos e vai até mesmo à Groenlândia. Geralmente, estes sub-humanóides são descritos como muito grandes, inteiramente cobertos de pelo e ariscos. Por vezes, carnívoros.

Antes de estudar esta tradição, convém fazer menção do folclore da Ásia do nordeste. Wladimir Bogoras, no "O folclore da Ásia do Nordeste comparado ao da América do noroeste" (*American Anthropologist*, n.º 4, 1902), encontra nos Chuckchee, duas palavras: *kele* (¹) espírito mau e *kele* (²) tribos de tempos antigos ou canibais. Nenhuma distinção bem definida pode ser encontrada entre esses dois termos. Entretanto, Bogoras nota que entre as palavras dos esquimós do norte da América, têm as mesmas significações, respectivamente *tornait*

(no singular *tornaq*) e *tornit* (no singular *tuneq*), existe uma nítida distinção de sentido.

No Alaska — exatamente no Point Barrow — Roberto F. Spencer, em seu artigo “O esquimó do norte do Alaska” (boletim n.º 71 do Serviço de Etnologia Americana, 1959), nota:

“O esquimó do oeste não parece ter desenvolvido idéias tão distintas como as que encontramos nas regiões do centro e do leste, com referência a uma raça de seres antigos, que são muitas vezes chamados de *tornait*. Este termo é, entretanto, aparentado a *tunarat* que no Alaska do norte designa, especificamente, os poderes do chaman (religião grosseira dos povos da Sibéria oriental, tendo por base o culto à natureza e dos espíritos que a governam, N. d. T.).”

Spencer parece ter confundido *tornit*, as tribos dos tempos antigos com *tornait*, os espíritos que governam as coisas (aos quais os chamans por vezes invocam). Registra, não obstante, que “gigantes faziam igualmente parte da circunvizinhança. Eles não possuíam poderes especiais e eram simplesmente “homens grandes”... Eram considerados esquivos e evitavam o contacto com outros humanos”. Esses gigantes têm, por isso, traços comuns com os *tornit* do leste e pergunta-se de onde vem a confusão de Spencer.

Franz Boas em sua obra *O esquimó do Centro* (Nebraska Press, Universidade de Nebraska, Lincoln, 1964), relata as histórias dos esquimós do centro acerca dos *tornit*:

“Nos tempos antigos, os Inuit (isto é, os esquimós) não eram os únicos habitantes do país, onde vivem atualmente. Uma outra tribo semelhante a eles partilhava seus terrenos de caça. Os Tornit

eram muito maiores que os Inuit e possuíam braços e pernas muito longos. Quase todos eles tinham os olhos turvos. Eram extremamente fortes e podiam levantar grandes rochedos que eram muito pesados para os Inuit...

Não faziam nem caiaques nem arcos...

Os Tornit não limpavam as peles de foca tão bem como os Inuit, deixando fragmentos de gordura presos ao couro. Sua maneira de preparar a carne era repugnante, porque deixavam-na apodrecer, colocando-a entre as coxas e o ventre para requentá-la.

Pode-se ver por toda parte as velhas casas de pedra dos Tornit. Geralmente não construíam casas de neve mas viviam todos em casas de pedras em que o teto era quase sempre suportado por costelas de baleia."

Os *Tornit* devem ser recordados pelas tradições, como relacionados aos índios que são chamados *Adla* ou *Equigdleq* (isto é "meio cães"), segundo Boas (na "Tradição dos Ts'ets' a ut" *Jounal of American Folklore*, n.º 10, 1897). Alfred L. Kroeber (no "Contos dos Esquimós do Estreito de Smith", *Jounal of American Folklore*, n.º 12, 1899) relaciona histórias de *Tornit* dos esquimós do estreito de Smith e nota-se que elas se encontram frequentemente nos textos da Groenlândia. Ouve-se igualmente falar do *Tutuatin*, uma criatura fabulosa de pelos hirsutos; se bem que a verdadeira importância desta criatura seja desconhecida, ela talvez faça parte da tradição dos Tornit sob um nome diferente.

No norte da terra de Baffin, os *Tornit* são chamados de *Toonijuk* e assemelham-se sob muitos aspectos (muito grandes e com costumes asquero-

sos). Um certo indício da espécie desses seres é dada por seu temperamento porque:

“Os Toonijuk não eram perigosos; pelo contrário, eram esquivos e tinham medo terrível de cães; eram ainda estúpidos e lentos. Os esquimós de Pond Inlet (pequeno braço de mar) dizem que estas grandes criaturas nunca atacavam esquimós, mas se batiam entre si até que se destruíssem mutuamente (entretanto outras tribos de esquimós pretendem dizer ter perseguido esses gigantes estúpidos e tê-los matado, um por um, como caça). Desapareceram do Ártico canadense, num passado muito mais longínquo do que alcançam as mais antigas lembranças do mais velho esquimó e deles restam apenas histórias fragmentadas tão vagas quanto deformadas. Quando se perguntou a Idlouk em que época viviam os Toonijuk, ele respondeu tão-somente: “Há muito tempo, antes mesmo que meu avô nascesse”. O que para um esquimó significa além de qualquer memória.

“E de avô para neto, chegaram do passado obscuro, algumas histórias semi-esquecidas de sub-humanos desdenhosos e rupugnantes”. (Katherine Scherman, *Primavera sobre uma ilha ártica*, Little, Brown & Co, Boston, 1956).

Os *Tornit* dos esquimós são uma tradição muito divulgada de pré-homens gigantes que existiam em tempos passados; ela é completada por histórias similares.

“Os Mahoni que erram através do Rio Peel, no Yukon do Norte, são enormes gigantes peludos com olhos vermelhos, que comem carne humana e devoram bétulas inteiras de um só bocado. Os Sasquatch, predadores das cavernas das montanhas da Colúmbia britânica, têm um porte de 2,5 metros e

são cobertos de uma pelagem lanosa preta da cabeça aos pés. Há outros, aparentados com estes: o terrível Homem das Matas dos Loucheaux do Mackenzie superior, de cara negra e olhos amarelos, que toma como presa mulheres e crianças; o Weetigo das Tundras, horrível canibal nu, de semblante enegrecido pelo frio, de lábios roídos mostrando dentes longos como presas; os 'homens-montanhas' dos Nahanni, caçadores de cabeças, de uma estatura de 2,50 metros; e esses seres imaginários do Grande Lago do Escravo que os índios Dogrib chamam simplesmente 'o Inimigo', dos quais têm tanto medo que constroem sempre suas casas nas ilhas, longe do rio onde ronda o Inimigo" (Pierre Berton, *O Norte misterioso*, Alfred A. Knopf, Nova York, 1956).

Existe um conjunto de descrições muito próximas, desses seres desconhecidos, de leste a oeste do Canadá e dos Estados Unidos.

Entre os Miemac, grupo índio que habita o Novo-Brunswick e a Nova Escócia, circulam alusões aos *Gugwes*: "Esses canibais têm grandes mãos e faces peludas, como de ursos. Quando vêem um homem, deitam-se e batem no peito produzindo um ruído semelhante a uma perdiz (Elsie Clew Parsons, "Contos dos Micmac", *Journal of American Folklore*, n.º 38, 1925).

Se bem que a relação entre um primata que se deita e a emissão de um barulho não seja claro, este tema de uma espécie de ossobio monótono (que é o chamado da perdiz cinza, *Perdix perdix*, do sudeste do Canadá) se encontra em outras regiões como uma característica do comportamento desses seres (Chandler Robbins, S. B. Brunn e H. S. Zim, "Os Pássaros da América do Norte", *Golden Press*, Nova York, 1966). Essas criaturas são co-

nhecidas entre os Micmac sob outros nomes: *Kook-wes*, *Chenoo*, *Djenu* (Wilson D. e Ruth Sawtell Wallis, "Os índios Micmac do leste do Canadá", University of Minnesota Press, Mineápolis, 1955).

No Maine, entre os Penobscot, contam-se histórias do *Kiwakwe*, um gigante canibal (Frank G. Speck, "Contos dos Penobscot", *Journal of American Folklore*, n.º 48, 1935). Os gigantes são seres bem conhecidos, tanto dos Hurons como dos Wyandot sob o nome de *Strendu*. São quase tão altos quanto uma árvore e enormes comparados aos homens.

Esses seres são muito semelhantes àqueles do norte de Nova York. Assim como os Gigantes de Pedra são homens colossais "cobertos" de sílex e outras pedras:

"Os Gigantes de Pedra dos Iroqueses, como seus congêneres entre os Algonquins (por exemplo, os Chenoo dos Abnaki e dos Micmac), pertencem a um grupo muito divulgado de seres míticos, em que os *Tornit* dos esquimós são um exemplo. Eles são [...] de uma estatura colossal, não conhecem o arco e se servem de pedras como armas. Batem-se um contra o outro em combates pavorosos, arrancando as maiores árvores para usar como arma e escalvando a terra em sua fúria [...] são descritos comumente como canibais; e pode muito bem ser que esse povo mítico, cuja lembrança vem de longe, seja uma reminiscência, colorida pelo tempo, de tribos atrasadas que viviam ainda em época histórica. Bem entendido, se existe um elemento histórico nesses mitos é deformado e recoberto por idéias inteiramente míticas de titãs ou de demiurgos encouraçados em pedra". (Hartley Burr Alexander, 10.º volume, América do Norte, de "A mitologia")

de L. H. Gray, *Cooper Square Pub. Inc.*, Nova York, 1964).

Esses gigantes são o mesmo que *Windigo* (ou *Witiko*, *Wendigo*⁽¹⁾, *Wittiko* e outros nomes) de origem algonquiana (povo índio da América do Norte). Esta vasta tradição cobre o leste e o centro do Canadá, e é muito documentada. Entre os Cabeças-redondas do Quebec, este homem gigante, de tendência canibal, traz diferentes nomes: *Witiko*,



Fig. 6. O *Wendigo*, ogro gigante da floresta canadense.

Kokotsche, Atshen (Reverendo Joseph E. Guinard, “O Witiko entre os Cabeças-redondas”, *Primitive Man*, n.º 3, 1930). O *Chenoo* dos Micmac parece-se com o *Witiko* dos Cree; John M. Cooper declara (“A Psicose Cree do Witiko”, *Primitive Man*, n.º 6, 1933): “Os dois têm as mesmas características [...] O nome *Chenoo* parece ser idêntico ao nome *Atcen* dado pelos Montanheses e os Cabeças-redondas (Cree) ao *Witiko*”. Pois entre os Naskapi também “a mais próxima analogia do nome e de caráter com o *Atcen*, entre as tribos vizinhas, é o *Chenoo* (ou *Tcenu*) da lenda Miemac” (Frank G. Speck, “Naskapi”, Universidade de Oklahoma, Norman, Okla., 1935).

Da mesma forma, pormenores específicos parecem nitidamente àqueles de criaturas similares de outras regiões.

“O Witiko não usa roupas. No outono como no inverno anda nu e não sofre com o frio. Sua pele é negra como a de um negro. Tem o hábito de se coçar, como os animais, contra os abetos e outras coníferas resinosas. Depois de coberto de resina e de goma, rola na areia, se bem que se poderia pensar, após inúmeras operações desse gênero, que era feito de pedra” (Rev. J. E. Guinard, obra já citada).

Cooper, na obra já citada, nos diz igualmente:

“[...] um hábito similar é atribuído aos Chenoo de Passamaquoddy, que tinham o hábito de se esfregar inteiramente com resina odorífera de pinheiro e em seguida rolar sobre o solo, de tal forma que tudo se adere a seu corpo.”

(1) O Wendigo forneceu a Algernon Blackwood o personagem de sua mais bela novela que leva esse título. (Página anterior.)

Este hábito faz pensar fortemente nas Arma-duras de Pedra dos Iroqueses, gigantes canibais se-dentos de sangue, que se cobriam diligentemente com breu e rolavam em seguida na areia ou nas en-costas das dunas.”

Os Windigos têm uma boca assustadora e amea-çadora, sem lábios. Emitem sempre um assovio si-nistro ou um som descrito como estridente, muito ressonante e prolongado, acompanhado de uivos aterradores. *O Windigo* é um ser enorme “que anda nu pelos matos e come índios. Muitas pessoas sus-tentam tê-lo ouvido rondar nas florestas” (D. S. Davidson, “Alguns Cabeças-redondas”, *Journal of American Folklore*, n.º 41, 1928). No Quebec, os grupos do Grande Lago Vitória contam histórias do Misabe, gigante com longos pelos (D. S. Davidson, “Contos Populares do Grande Lago Vitória do Quebec”, no mesmo número do *Journal of Ameri-can Folklore*). Entre os Ojibwa do Minnesota do Norte, Sir Bernard Coleman descreve “os *Memeg-wicio*, ou homens das terras desérticas. Alguns os descrevem como “uma espécie de macacos” [...]. Descreveu-os como sendo mais ou menos da estatura de crianças de 10 a 12 anos [...] com o rosto co-berto de pelos.” (“A religião dos Ojibwa do Minne-sota do Norte”, *Primitive Man*, n.º 10, 1937).

Eles pareciam ser *Windigo* de pequena esta-tura e, podem, com efeito, ser uma tentativa dos índios de crer numa categoria particular de jovens dos Windigos. Entre os Ojibwa Timigami, os *Me-megwesi* são “uma espécie de criatura que vive nas cornijas rochosas afastadas. São pequenos e pos-suem pelos por todo o corpo. Os índios pensam que são como macacos, a julgar pelos espécimens que

viram em livros de figuras" (Frank G. Speck, "Mitos e Folclore dos Algonquin Timiskaming e dos Objibwa Timigami", na série antropológica do estudo geológico do Departamento Canadense de Minas, 1915). Nos arredores da Baía James, os Cree conheciam o *Memegwecio*, "o pequeno ser que parece ser humano exceto que é recoberto de pelos e tem o nariz muito achatado" (Regina Flannery, "A cultura dos índios do nordeste", no "O homem do nordeste da América do Norte", sob a direção de Johnson, vol. 3 das *Memórias da Fundação Robert S. Peabody para a Arqueologia*, Massachussets Phillips Academy, Andover, 1946). O tema geral da pelagem (ou os enfeites de areia e de pedras que são fixados) dá a esses seres, como a todas as criaturas do gênero *Windigo*, um caráter não-humano. Com efeito, após informações dos Micmac, W. D. e R. S. Wallis dizem que o "*Gugwes* é uma criatura fingida que, em 1911-1912, era comumente comparada a um babuíno; em 1950 descrevia-se-a como um gigante" (obra já citada).

No início da década 60, James W. Van Stone anota a seguinte crença entre os Chipewa, da reserva de Snowdrift no Grande Lago do Escravo.

"Notam-se igualmente muitas discussões entre os índios de Snowdrift a respeito dos pretensos "homens das matas", que a crença diz rodearem as terras sarçosas durante os meses de outono. São, por vezes, utilizados para fazer medo às crianças... Entretanto, os adultos crêem, também e, vários falaram ao autor de encontros com "os homens das matas." ("A cultura em transformação dos Chipewa de Snowdrift". Boletim 209 do Museu Nacional do Canadá, Ottawa, 1965).

No decurso do século precedente, no Forte Resolution, próximo de lá, Bernard R. Ross observou entre os índios a crença de "inimigos". Ele relata que "em várias ocasiões, sibilando simplesmente, escondido nas matas, fiz correr em tropel para o forte, para se refugiarem à noite, todos os índios que acampavam nos arredores". ("Os Tinneh do leste", relatório anual do Conselho dos Regentes, Instituição Smithsoniana, 1866, Washington D. C., 1872.)

June Helm MacNeish ("Crenças populares contemporâneas de um grupo de índios do Escravo", *Journal of American Folklore* n.º 67, 1954) e Cornelius B. Osgood ("A etnografia dos índios do Grande Lago do Urso", Boletim 70 — Relatório anual para 1931 do Museu Nacional do Canadá, Ottawa, 1932) dão as características e as tradições relativas aos Nakani entre as tribos da região do Grande Lago do Urso. Mais adiante, em direção ao oeste, a existência desta crença está bem documentada entre os Kutehin do norte do Yukon e do Alaska (Osgood, Contribuições à etnografia dos Kutchin", *Anthropology*, n.º 14, Yale Univ. Public, 1936 e Richard Slobodin "Algumas funções sociais da ansiedade dos Kutchin", *American Anthropologist*, n.º 62, 1960) e da península Kenai (Osgood, "A etnografia dos Tanaina", *Anthropology*, n.º 16, Yale Univ. Public., 1937). Esses Nakani são tipicamente acusados de raptar mulheres e crianças. A atitude dos índios para com essas criaturas parece resultar de acontecimentos recentes atribuídos a encontros com elas, pois desaparições e pretensos ataques criam um temor em certas regiões, especialmente entre mulheres e crianças.

O tema do “gigante de pedra” reapareceu nos relatos dos índios Shoshoni. “Os Shoshoni no norte dizem que outrora numerosos Gigantes de Pedra (*Dzoavits*) viviam nas montanhas” (Alexander, obra já citada, 1964). Se bem que nenhuma informação fosse dada sobre a natureza da “pedra” desses gigantes, a mesma evolução da pelagem hirsuta com uma espécie de camada de resina ou de goma coberta de areia e de seixos, provavelmente deve ter-se produzido como nos casos relatados no leste.

No norte do interior da Colúmbia Britânica, entre os índios Kaska contam-se histórias de homens com pelagem rude e espessa (James Teit, “Contos dos Kaska”, *Journal of American Folklore*, n.º 30, 1917). Num outro grupo do Athabasca, os Sinkoyne, encontramos histórias de homens parecidos com ursos (E. W. Gifford, “Contos dos Yuki da costa”, *Journal of American Folklore*, n.º 50, 1937). Os índios da região de Anderson e do lago Seton, na Colúmbia Britânica, falam de numerosos gigantes (W. C. Elliot, “Contos do lago Lillooet”, *Journal of American Folklore*, n.º 43, 1931). Como vemos, esta tradição atinge personificação mais marcada na Colúmbia Britânica. Por exemplo, entre os índios Carrier, um desses monstros “deixou enormes impressões na neve... Tinha o semblante de ser humano, era excessivamente grande... e coberto de longos pelos” (Diamond Jenness, “Mitos dos índios Carrier da Colúmbia Britânica”, *Journal of American Folklore*, n.º 47, 1934). Uma tradição similar é comum entre os Lillooet. Essas criaturas denominadas *Hailó Laux* ou *Haitló Laux* são muito grandes com aproximadamente três metros, robustos e muito fortes. Possuem pelos no peito e aspecto de urso. Sua cabeleira é longa. A

maior parte deles tem pelo negro, acreditam que são seres maus, perambulam durante a noite, jamais dormindo (James Teit, "Tradições dos índios Lillooet da Colúmbia Britânica", *Journal of American Folklore*, n.º 25, 1912). Esta última idiossincrasia pode resultar do hábito natural do animal ir e vir na noite. Entre os Karok e os Yurok, como assinala Alfred L. Kroeger ("Manual dos índios da Califórnia", Boletim 78 do Serviço de Etnologia Americana, 1925), encontra-se a impressão mais marcada da "idéia de uma raça pré-humana antiga, mas paralela". Esta crença parece ser muito difundida em todo o noroeste, hoje passando pelas histórias dos Bigfoot (Grandes Pés) e dos Sasquatch (Ivá T. Sanderson, *Os abomináveis homens das Neves, uma lenda tornada realidade*, Chilton Co., Filadélfia, 1961; John W. Green, *Na pista do Sasquatch*, Cheam Publ. Ltd, Agassiz B C, 1969; Roger Patterson, *Os abomináveis homens das neves da América existem realmente?* Franklin Press, Inc., Yakima, Wash., 1966).

Se bem que encontros com essas criaturas no noroeste da região do Pacífico sejam, nos nossos dias, um acontecimento raro, uma outra tradição ainda permanece viva no leste; conhecem-se notadamente os fatos assinalados em Monroe, no Michigan. O que é notável é a cronologia dos acontecimentos antes e depois das principais observações. Em 9 de agosto de 1965, a leste de Smithville, Ontário, um motorista de caminhão de Lakeview declarou ter visto um animal peludo de uma estatura ultrapassando 2 metros, com possantes espáduas, uma pequena cabeça e longos braços, na margem de uma estrada afastada. Perto de Monroe, no dia 13 do mesmo mês, alguma coisa de mais de 2 metros de altura e

com pelos “como espinhos” passou a pata pelo vidro aberto de um automóvel e feriu o olho esquerdo de Cristine Van Acker. Outras “observações” foram assinaladas em seguida, nos arredores de Monroe. Uma das mais extraordinárias, aos olhos das autoridades locais, foi aquela dos dois pescadores no Lago Voorheis no condado de Oakland, que declararam ter visto uma criatura anfíbia surgir da água. Depois, no início de setembro de 1965, surgiram rumores de um monstro que rodeava as cercanias de Tillsonburg, Ontário. As impressões eram nitidamente visíveis (na areia) e mediam 45 centímetros de comprimento⁽¹⁾.

Após essas observações, um “Windigo” errante, se vocês preferirem, parece ter passado por Smithville indo ao Michigan e regressando por Tillsonburg. Testemunhas imprecisas vindas de Newmarket, Ontário, em 1965, não podem ter sido senão um outro ramo do itinerário deste animal. Seria o frio do outono de 1965, o mais frio após 1950, que teria provocado a incursão de um abominável homem das neves isolado nas regiões habitadas pelos homens? Talvez, mas os anais mostram que as testemunhas de agosto e setembro de 1965 não foram distinguidas por sua correlação no tempo e no espaço. Conhece-se o encontro de um abominável homem das neves registrado perto de Frémont, Winsconsin, em novembro de 1968, mas houve igualmente outros no mesmo ano, em Easterville, no Manitoba e em La

(1) A polícia provincial ‘explicou’, chegando à conclusão de que esses traços foram deixados por um “trabalhador cansado, rastejando sobre suas mãos e seus joelhos entre as fileiras de plantas de tabaco” (Kitchener-Waterloo Record, sábado, 4 de setembro de 1965). Como diria Charles Fort: eles têm o talento de encontrar explicações maravilhosas...

Crescent, no Minnesota. Em junho de 1964 foi nos Lagos Sister, no Michigan, que um encontro "se deu", mas não deve ter surpreendido muito Phillip Williams e Otto Collins que já haviam sido capturados e levados a uma pequena distância por um ser semelhante a um macaco, de odor pestilento, perto de Marshall, no Michigan, em maio de 1956.

O fundamento das tradições indígenas pode parecer nebuloso ao folclorista e ao antropólogo, porém, para as pessoas que se encontraram frente a frente com um membro da população de Sasquatch ou Grandes Pés, no noroeste da região do Pacífico, é duvidoso que se possa convencer essas testemunhas da ausência total da validade nas histórias de sub-humanos.

* * *

A respeito dos abomináveis homens da América, um testemunho pouco conhecido do século XIX, no Arkansas, foi assinalado por Otto Ernest Rayburn (*A região de Ozark*, Duell, Sloan Pearce, Nova York, 1941).

"Um conto interessante das montanhas Ouachita é aquela do Gigante das Montanhas. Este homem selvagem, foi visto algumas vezes nas montanhas afastadas do Condado de Saline, no decurso dos anos que se seguiram à Guerra da Secessão. Era de raça branca, não usava roupas e seu corpo era coberto de longos e espessos pelos. Passava a maior parte do tempo nas cavernas, mas foi visto algumas vezes nos caniços altos das margens do Rio Saline.

Se bem que nunca se viu fazer mal a quem quer que fosse, o gigante era extremamente temido por todos os colonos, a quilômetros em redor, que fugiam dele como do demônio. Nunca se ouviu pronunciar um som e isso aumentou o mistério. Finalmente, decidiu-se que era necessário capturá-lo e uma expedição foi organizada. Um jovem audacioso encabeçou-a, com uma matilha de grandes cães de caça. O homem selvagem foi seguido até uma caverna e capturado a laço. Quando a rede caiu sobre suas espáduas, emitiu um estranho som como de um animal preso numa armadilha. Foi conduzido a Benton e alojado numa prisão – pequeno pavilhão construído de madeira. Ele arrancou imediatamente as roupas que lhe haviam colocado e fugiu de sua frágil prisão, todavia foi recapturado, desta vez nos caniços.

“O que aconteceu exatamente com este homem selvagem, ninguém parece saber. Os velhos da região dizem que desapareceu e nunca mais o viram pelos arredores. A história seguinte se enquadra bem como sequência da precedente.

“Pouco após o gigante ter fugido, o jovem que encabeçara a primeira caçada precipitou-se na cabana de seus pais, agarrou seu fuzil e gritou para sua mãe: “Mãe, não me procure até que eu volte um dia; talvez um dia, talvez um ano”. Ele encontrara impressões gigantes e queria segui-las enquanto a pista estava fresca.

Essas pegadas tinham 35cm de comprimento e o espaçamento entre elas era de 1,20m. O local estava situado, como foi dito, no alto do condado de Saline, não longe de Benton, o local-chave. Segundo esta história, o jovem saiu na perseguição das pega-

das através do sul de Arkansas, até o Texas. Ao longo do caminho, encontrou nove homens que haviam encontrado as enormes impressões e as seguiam. Nesta companhia, atravessou o Texas nutrindo-se quase que inteiramente de carne crua, conseguida no caminho.

"Passou-se quase um ano, antes que o jovem voltasse a Arkansas, com a novidade enganadora de que nenhum dos que seguiam a pista havia avistado o gigante que deixava essas pegadas, bem como encontraram várias pessoas que asseguravam tê-lo visto, deslocando-se sempre na escuridão da noite."

As notas e documentos do falecido Sr. Rayburn estão agora nas coleções da Universidade de Arkansas, em Fayeteville (sob o título coletivo de "Encyclopédia do folclore do Ozark"). Na carta de 18 de maio de 1966, Marvin A. Miller, diretor das bibliotecas da Universidade de Arkansas, escreveu: "[...] Verificamos os artigos possíveis da Encyclopédia do folclore do Ozark, de Rayburn, e não encontramos referência ao "Gigante das Montanhas".

Seria interessante saber mais sobre o fundamento do relato do Sr. Rayburn.

Um outro "monstro" teria aparecido mais recentemente no condado de Cass, no Michigan, não longe de Detroit, numa região pouco habitada. A revista *True* de junho de 1966 continha um artigo intitulado "A louca caça ao monstro de Michigan" por Gene Caesar, que dá uma boa idéia da melhor maneira de *não* se encontrar um "monstro". A criatura de Michigan foi igualmente assinalada no sério *New York Times*, de 17 de agosto de 1966, e mesmo

pela televisão NBC no mesmo dia (na emissão "Huntley-Brinkley Report").

* * *

A caça ao Abominável Homem das Neves da América, Sasquatch, Grandes Pés etc.. Prosegue sem cessar, mas parece que se tem atualmente um curta-metragem de uma fêmea Grandes Pés. Em 20 de outubro de 1967, Roger Patterson (de um grupo de pesquisas de chiste, de Yakima, Washington) rodou dez metros de filme na Califórnia do Norte, cujas provas mostram uma grande criatura humanoíde de 1,80 a 2 metros. Coberta de pelos negros brilhantes, nádegas proeminentes e uma espécie de "crista" sobre a cabeça.

Como se podia esperar, esse filme provocou controvérsias; alguns o rejeitaram, porém numerosos sábios aceitaram, sob restrição de exame, a idéia de que possa realmente existir alguma coisa além, nessas regiões selvagens, e que os biólogos fariam bem em determinar exatamente de que se trata. Ivã T. Sanderson considera o filme válido. O Sr. Sanderson é reconhecido como o melhor especialista neste campo. Analisou seriamente o problema durante longos anos e escreveu a obra mais completa a esse respeito: *Os abomináveis Homens das Neves, uma lenda reanimada* (Chilton Co., Filadélfia, 1961).

O Dr. John Napier, do Programa de Biologia dos Primatas da Instituição Smithsoniana de Washington, diz que "nada observado do ponto de vista científico indicaria um embuste". O Dr. Osman Hill, do Centro Regional Yerkes de pesquisas sobre

primatas, da Universidade Emory em Atlanta, Geórgia, sugere que estudos suplementares deveriam ser feitos com toda objetividade.

George Haas, de São Francisco, é também um investigador incansável de rumores de Grandes Pés nos Estados Unidos e no noroeste do Canadá. Numa carta, menciona uma informação referente a um Grande Pé, morto na Colúmbia Britânica no outono de 1967 e cuja carcassa ficou recoberta na neve todo o inverno. Seria muito interessante que esse trabalho fosse seguido e examinado rapidamente e com seriedade.

A Procura do Abominável Homem das Neves nas Rochosas

Extraído de *La Presse* de Montreal, Canadá, de 2 de setembro de 1969.

Nordegg, Alberta (PC) — Numerosos habitantes da região estão convencidos de que um bando de criaturas peludas, de tipo humanóide, vive nas vizinhanças das Rochosas.

Um comerciante da cidade — situada a 190km a sudeste (*sic, a sudoeste*) de Edmonton — tem a intenção de organizar uma expedição que iria à procura do “Abominável Homem das Neves do Pacífico”.

“Tantas pessoas o viram e foram assinalados até rastros, que estou convencido que há qualquer coisa lá”, declarou esse comerciante numa entrevista de fim de semana.

Cinco testemunhas oculares

As mais recentes testemunhas oculares desses antropóides são cinco operários que trabalham num

vasto estaleiro de construção na barragem de Big Horn, no rio Saskatchewan do Norte. Segundo uma dessas testemunhas, o Sr. Floyd Engen de Eckville, em Alberta, a criatura de estatura de mais de 4 metros, de cor sombria, provavelmente por causa de seus pelos e de espáduas caídas.

O redator-chefe do *Weekly*, de Agassiz, Colúmbia Britânica, o Sr. John Green, pensa que esse antropóide seja um Sasquatch pesando cinco toneladas.

Muitas pessoas incluindo índios, sábios, trabalhadores, técnicos, têm apresentado descrições que correspondem ao gênero "yéti" que caminha com passos gigantescos.

Um Especialista dos Sasquatches se Declara Certo Desta Observação

Extraído do *Sun* de Vancouver de 2 de agosto de 1969.

Agassiz — O mais conhecido dos caçadores de Sasquatch da Colúmbia Britânica está convencido de que a última observação no Estado de Washington corresponde bem a um verdadeiro Sasquatch.

"Não há dúvida que ela seja autêntica", diz John Green, editor e redator de *Advance*, de Agassiz. Green voltou sexta-feira de uma viagem de um dia a Grays Harbor, no Estado de Washington, onde um xerife-adjunto declarou ter visto um animal misterioso. Green disse que não teve tempo de perseguir a caça, mas encoraja outros caçadores de Sasquatch a irem nesta região extremamente arborizada.

O xerife-adjunto, cuja identidade não foi revelada, declarou a Green ter visto o animal no meio da estrada, após o trabalho. Ele afirmou que o ani-

mal não era um urso. Não tinha focinho e sua face tinha aspecto de couro.

A estatura era de um pouco mais de 2 metros e pesava entre 130 a 150kg, acrescenta a testemunha. Tinha mãos com dedos e pés com artelhos.

O xerife disse ainda a Green que havia fotografado uma pegada na beira da estrada, a qual media aproximadamente 45 centímetros de comprimento. O animal andava de pé.

(Em seguida, o xerife de Grays Harbor declarou que seu adjunto não-designado estava, entretanto, convencido de que se tratava de um urso...)

Um Sasquatch Visto nos Estados Unidos?

Extraído do *Herald* de Calgary, Alberta, Canadá, 31 de julho de 1969.

Hoquiam, Washington (AP) — O xerife-adjunto em tempo parcial, que se considera "sensato", afirma ter visto, nos bosques próximos daqui, uma criatura de 2,40 metros, com um rosto quase humano que correspondia à descrição do legendário Sasquatch.

O Sasquatch é um ser fabuloso meio macaco, meio homem, da lenda índia da costa do Pacífico um pouco parecido com o abominável homem das neves mais conhecido do Himalaia.

O xerife-adjunto, que recusou dar seu nome, diz que a criatura pesava mais ou menos 180 kg., com pés e mãos sem pelos e "um rosto quase humano".

"Encontro-me numa situação difícil, diz ele, porque todos dizem que estou doido."

Homens Estranhos Observados

Extraído do *Chicago Tribune* de 23 de julho de 1969.

Rangoon, Birmânia, 22 de julho (Reuter). — As autoridades birmanesas estudam relatos que falam de duas criaturas da altura de um homem médio, cobertas de pelos castanhos e escuros, tendo sido vistas na fronteiras da Birmânia, a oeste do Rio Mekong.

A Procura dos "Homens Peludos"

Extraído do *Sun* de Vancouver do dia 7 de agosto de 1969.

Kuala Lumpur, Malásia (UPI) — O filho do sultão de Prahang encabeçou uma expedição à procura das misteriosas "criaturas peludas" que dizem terem sido vistas nas selvas do Estado de Prahang, a 250 km a leste de Kuala Lumpur.

Cortadores de vime e lenhadores, que pretendem ter visto essas criaturas, dizem que elas tem o ar misto de macacos e de homens.

Têm perto de 1,20m; as fêmeas são mais claras e têm pelos mais compridos que os machos, dizem eles ainda.

A Secretaria dos Negócios Aborígenes, após ter estudado as pegadas deixadas pelas criaturas, declarou acreditar que os vestígios eram dos Orang Batik (os homens de Batik), uma tribo primitiva muito feroz.

O filho do sultão Tengku Mahkota disse: "É uma coisa que quis ver pessoalmente. Tenho a intenção de voltar à floresta, assim que disponha de novos recursos".

*O Exército Malaio em Alerta. Um "Gigante"
aterroriza a Aldeia de Segamat*

Extraído do *Diário de Las Palmas*, ilhas Canárias,
8 de agosto de 1966.

O exército territorial malaio recebeu ordens de alerta e de atirar em um "gigante" que assusta a cidade de Segamat, situada a 160km a sudoeste da capital, segundo um artigo aparecido no *Utusan Melayu*.

Neste artigo, o referido "gigante" fez vários soldados acampados passarem por um grande susto. Um deles declarou que havia ouvido passos quando estava de plantão, à noite e, ao clarão de uma fogueira, viu um monstro de 6 metros de altura (!). O gigante desapareceu imediatamente após ter sido visto pelo sentinela.

Os habitantes do Estado de Kampong Bangis, a 15km de Segamat notificaram, na semana passada, que haviam encontrado marcas de pés com 45cm de comprimento, 15cm de largura e 12,5cm de profundidade, no solo.

O guarda de uma reserva de caça declarou que o "gigante" não constituía perigo para ninguém.

AINDA EXISTEM DINOSAUROS?

POR Ivã T. SANDERSON

(Artigo originalmente publicado com o título “Poderia existir dinossauros”, no *The Saturday Evening Post*, em 1948, copyright The Curtiss Publishing Co.)

Três homens, o francês Bernard Heuvelmans, o russo Boris Porchner e o americano Ivã T. Sanderson crêem ainda em nossos dias e fazem progredir uma ciência estranha: a procura de animais que a zoologia oficial não pretende admitir.

Os leitores franceses conhecem certamente Bernard Heuvelmans por tê-lo visto na televisão ou por ter lido seus livros, notadamente “Na pista dos Animais Desconhecidos” e “A Serpente do Mar” (Plon).

O artigo que publicamos aqui é histórico; em sua forma original data de 1948, e provocou escândalo na época. Sanderson, zoólogo reputado e professor, nada alterou em 1972.

Depois, outros fatos foram se acumulando que parecem demonstrar sua tese.

Parece seguramente que existem na terra e nos oceanos criaturas gigantes que podem ser autênticos fósseis vivos. A menos que eles não sejam resul-

tado de mutações relativamente recentes, e que lembram as formas do passado apenas em virtude das leis de convergência da evolução que não conhecemos ainda...

A ciência tem, talvez, muito que aprender sobre estas aparições que parecem surgir de romances e de filmes de ficção científica.

Algo de muito curioso sucede na África que merece ser analisado clara e atenciosamente. O simples fato de se pensar nisto é uma abominação para os cientistas, mas é uma tarefa que não deixa de excitar nossa imaginação. Ela gira em torno da questão, sem dúvida nascida de sonhos, que podemos propor a qualquer momento e que qualquer um de nós pode tê-la colocada: será possível que alguns dinossauros ainda vivam nos rincões mais isolados da Terra?

Não temos realmente senão provas negativas para justificar nossa asserção de que os dinossauros desapareceram; ainda que isto possa parecer estranho, existem pessoas que crêem realmente na sua existência. As provas que eles se atribuem são positivas, ainda que não possam negar que sejam puramente indiretas. Uma grande parte delas poderia provavelmente e muito justamente ser rejeitada como muito imaginosas, como exemplos de erros sobre o assunto, de entusiasmo científico levado ao extremo, de tolices de indígenas ou mesmo de sonhos de estúpidos; existem, entretanto, certas coisas, como o tuatera da Nova Zelândia (ou *Sphenodon punctatus*) um tipo de lagarto com 60cm de comprimento, e alguns milhões de crocodilos que não podem ser rejeitados, porque esses répteis são tão reais quanto os elefantes de nossos zoológicos ou o gado de nossos campos. Todos os fatos ademais, são patentes; examinemo-los, começando pelo que

será, sem dúvida alguma, considerados no limite da extravagância.

Um caçador sul-africano de grande fama, muito conhecido, que se orgulhava de seu nome de Sr. F. Gobler (em inglês, *gobbler* significa aproximadamente “matador”), anunciou num jornal do Cabo, o *Cape Argus*, regressando de uma viagem na Angola, que existia um animal de grande porte e cuja descrição correspondia a de um dinossauro, que vivia nos pântanos do Lago Dilolo e que era muito conhecido dos indígenas pelo nome de *chipekwe*.⁽¹⁾ “Seu peso, declarou, seria de aproximadamente 4 toneladas e ele ataca rinocerontes, hipopótamos e elefantes. Os caçadores ouviram um chipekwe — à noite — devorando um rinoceronte morto, quebrando os ossos e arrancando enormes pedaços de carne. Possuía a cabeça e a cauda de um enorme lagarto. Um sábio alemão fotografou-o. Saí à sua procura, mas os indígenas me disseram que ele era extremamente raro e não consegui encontrar esse monstro. Além disso estou convicto de que o chipekwe existe de fato. Eis a fotografia.”

É justo que isto tenha provocado uma formidável explosão de comentários nas colunas de cartas à redação, contudo o mais espetacular é que a maioria dos especialistas, tanto cientistas como caçadores, todos possuindo uma grande experiência, confirmavam que este monstro podia realmente existir. Suas razões tornar-se-ão muito mais claras um pouco adiante.

Duvido que alguém, dentre nós, acreditasse em semelhante história, mesmo que ela fosse contada com toda a solenidade pelo mais famoso explorador

(1) Cf. Bernard Heuvelmans, *Na pista dos animais desconhecidos*, t. II, pág. 263, Plon ed., 1955.

e, portanto, um outro caçador de muita experiência, o major H. C. Maydon, que possui mais de dez anos de experiência em caçadas de animais na África, descreveu, a propósito desse testemunho e em outros do mesmo gênero: "Será que eu creio? Certamente, por que não? Desconto 50% de exagero dos indígenas, mas creio que existe "alguma coisa" nestas descrições. Encontrei um homem, um velho caçador-explorador, certa vez em Livingstone, na Rodesia, que jurava ter visto um monstro aquático no Lago Mweru (ou Moéro) e havia examinado os rastros. Por que ninguém ainda viu esses animais em carne e osso, com certeza, ou ainda não capturou um? Porque habitam florestas ou pântanos. Muitas pessoas têm visto um bongo (grande antílope *Tragelaphus*, das florestas e dos pântanos) ou um porco-gigante da floresta (hilóceros de Meinertzhangen, parente do babirussa), ou um duyker de dorso amarelo (pequeno antílope *Cephalophus*, das florestas) e no entanto são animais muito raros."

Ainda pior que isto, portanto, nos faz considerar o fato de que o maior traficante de animais de todos os tempos, Carl Hagenbeck, não somentecreditava em tais narrativas como aplicou uma soma considerável numa expedição que enviou à África, sob o comando de seu melhor caçador, ao encalço dessa criatura. Um homem de negócios, experiente, com muitos anos de prática na compra e venda de animais, não faria simplesmente semelhante coisa se não houvessem razões suficientemente reais e que seu dinheiro apresentasse resultados compensadores. Hagenbeck, aliás, estava convencido de tais razões o que exprime em suas próprias palavras, como se segue: "Recebi relatos de duas fontes distintas sobre a existência de um gigantesco animal e

completamente desconhecido que habita o interior da Rodésia. Estas descrições, praticamente idênticas, foram-me relatadas, de um lado por um dos meus viajantes e, de outro, por um senhor inglês que estivera num safari na África Central. Os dois relatos eram totalmente independentes um do outro. Os indígenas, ao que parece, haviam dito aos meus dois informantes que, nas profundezas dos grandes pântanos, viviam monstros enormes, metade elefante, metade dragão. Este não é, entretanto, o único testemunho da existência do animal. Há várias dezenas de anos que Menges (Joseph Menges, viajante-caçador de Carl Hagenbeck) que é, fique bem claro perfeitamente digno de fé, ouviu precisamente uma história semelhante entre os negros e, ainda mais notável, sobre as paredes de certas cavernas da África Central encontrarem-se desenhos autênticos desta estranha criatura. Pelo que ouvi dizer do animal, pareceu-me que devia ser uma espécie de dinossauro aparentemente próximo do brontossauro".

Evidentemente, é muito fácil zombar-se destas histórias e mesmo ter pena do Major Maydon e do crédulo e infeliz comerciante de animais. É, entretanto, permitido cuidar de tais relatos com bastante ceticismo, e que é seguramente prudente fazê-lo, a menos que vocês não queiram todo o círculo de conhecedores atrás de vocês. Ademais, deixar tudo aquilo ficar como estava seria completamente anti-científico. O próprio fundamento da ciência é um grande ceticismo que, ademais, deve pôr em dúvida tanto o cético que nega a possibilidade de não importa o quê, quanto o viajante incompetente que ousa afirmá-lo.

As fronteiras da zoologia são amplas; o número de animais que restam a descobrir neste pe-

queno planeta é muito maior que o público imagina e para o que a ciência não está em condições de pronunciar-se. E não são todos microscópicos, nem minúsculos e obscuros coleópteros tropicais, porque uma grande espécie perfeitamente distinta de guepardo, maior que o leopardo⁽¹⁾, foi descoberta numa parte muito conhecida na África Oriental, há poucos anos atrás e o famoso caso do ocapi, animal tão grande quanto o cavalo, e que não passava de beato até 1900 e que agora é bem conhecido. O número de tipos inteiramente novos de animais que são descobertos a cada ano é estupendo.

Isto nos leva a um conjunto de fatos que qualquer um, tendo espírito verdadeiramente isento de preconceitos, deveria levar em consideração.

Uma idéia que, por uma razão ou outra, obteve crença geral é aquela de que a superfície da Terra está sendo inteiramente explorada e, na maior parte, bem conhecida e mesmo cartografada. Jamais houve idéia tão falsa. A porcentagem da superfície da Terra que é de fato habitada, quer dizer, sobre a qual se vive, que é delimitada, cultivada ou regularmente atravessada, é muito reduzida. Mesmo que se acrescente o território explorado apenas pela caça ou colheita, vastas regiões permanecem completamente inutilizadas.

Existem tais regiões em todos os continentes, zonas nas quais não entra um homem sequer durante anos a fio. São os ardentes desertos das regiões tórridas ou os desertos gelados dos pólos. Visitei uma casa em Nova Jersey atrás da qual, numa di-

(1) O guepardo (*Acinomix*) denominado Real, apareceu em 1927, na Rodésia do Sul. Parece, hoje, que ele não é uma espécie distinta, mas uma simples variedade accidental.

reção, as florestas se estendem por mais de 35km, sem serem interrompidas por uma única estrada.

Em algumas partes dos trópicos existem regiões de uma imensidão realmente incrível, onde homem algum foi capaz de penetrar. Cadeias inteiras de montanhas da Austrália foram até agora vistas do sopé, grandes partes do Himalaia do norte não foram ainda visitados, regiões da Nova Guiné jamais foram percorridas. Os pântanos de Addar, na África Central, cobrem 4.700 km² e os do Bahr el Ghazal são pouco maiores. O fato de um mapa estar coberto de nomes não indica que o país seja conhecido. Os relevos topográficos aéreos, por meio de técnicas fotográficas modernas, apenas colaboram para manter esta idéia falsa do público porque quantidades de pormenores físicos são registradas com precisão e aparecem rapidamente nos atlas. Recebem nomes e preenchem vazios, mas durante esse tempo a região permanece absolutamente inviolada.

Consequentemente, a idéia de que um animal não possa existir, seja devido às suas dimensões, seja porque ninguém o viu, é realmente absurda. Poderia haver criaturas tão grandes como elefantes, que vivessem, com relativa abundância, diremos, por exemplo, nas fronteiras da Guiana que não fica mais do que algumas horas de vôo, em avião comercial, de Miami.

Tais animais poderiam ser bem conhecidos por milhares de seres humanos, depois de centenas de anos, mas sua presença seria ainda insuspeitável, porque nenhum dos ameríndios, pelo que se saiba, por relevos topográficos aéreos, que vivem nesta região jamais saem, nem mesmo são vistos por outras pessoas.

Um outro fato que, muitas vezes, não se leva em conta suficientemente, mesmo entre os especialistas, é a extraordinária seletividade que demonstram numerosos animais na escolha de seu *habitat*. Os grandes animais têm tendência em morar numa zona das mais limitadas que é, muitas vezes, particularíssima, no que se refere à vegetação e às outras características ambientais. Mesmo as criaturas nômades não se deslocam normalmente de uma parte a outra de um tipo especial de floresta, evitando todos os outros tipos como evitariam o fogo. Os hipopótamos abundam em certas partes de um rio e jamais serão vistos em outros.

Esse traço explica, muitas vezes, a raridade suposta de numerosos animais, mesmo que existentes e deixados à parte, cujas espécies estão realmente em vias de extinção; não existe provavelmente animal “raro”. Não é uma simples questão de saber onde ele vive e como vive e, por este lado, ele se revelará ser comum. Toda criatura que vive num pântano tropical, circundado pela selva seca aí permanecerá para sempre e, se esse pântano não puder ser penetrado pelo homem, ela poderá ser vista. Num certo pântano, que se estende por 4.700 km², poderiam se esconder animais muito grandes.

As possibilidades tornar-se-ão ainda maiores, se os animais em questão forem semi-aquáticos e, é interessante notar a esse respeito, que todos os testemunhos a propósito destes animais ainda não identificados que tem aspecto de dinossauros, referem-se a criaturas dos pântanos que se refugiam na água quando estão inquietas.

A imensidão da África é indiscutível e pode ser atestada por milhares de pilotos do tempo de guerra, mas para ser devidamente apreciada, deve

ser vista ao nível do solo. E é também sobre o solo que se chega a compreender a verdadeira natureza das florestas e dos pântanos tropicais. Com um colega, passei certa vez cinco bons minutos a espiar, num cantinho de mato, esperando ver um animal aparentemente tão grande, que nós dois pudemos ouvi-lo muito bem respirando. Não o vimos mais, mesmo quando ele ficou com medo e fugiu, fazendo quase tanto barulho quanto um pequeno tanque. Outra ocasião, eu estava num bote entre caniços na África e, após ter olhado o sol para me orientar, inclinei-me para apanhar um cigarro. Quando ergui os olhos, havia um elefante macho adulto quase sobre mim. Enquanto eu o observava, tremendo, ele se escondeu atrás dos caniços e embora eu me levantasse no bote, de forma que pudesse enxergar, sobretudo o canavial, não vi o enorme animal, nem simplesmente vi mexer-se um único caniço.

Estava a quase um quilômetro e meio de um vilarejo indígena com 2.000 almas, numa região, onde pelo que pude saber, não se havia visto elefantes.

Não é espantoso, então, que pessoas habitantes da África e, especialmente aqueles que caçam caça grossa nos recantos mais retirados, não riem desses relatos aparentemente ridículos... Narrativas como aquela trazida do Congo por um certo Sr. Lepage em 1920.

Esse senhor voltou de uma expedição de caça e anunciou que encontrara um animal extraordinário, de grande porte, num pântano. O animal o havia atacado emitindo uma espécie de grunhido; ele correu como doido mas vendo que não o fazia parar, bateu em retirada precipitadamente. Quando o

monstro abandonou a perseguição, Lepage se voltou e observou, de binóculo, durante um tempo prolongado. Declarou que o animal tinha 8 metros de comprimento, um longo focinho pontudo, um pequeno chifre abaixo das narinas e uma corcova escamosa sobre as espáduas. Suas patas dianteiras pareciam de uma única peça como a de um cavalo, porém as patas traseiras se dividiam em dedos separados.

A coisa mais espantosa dessas narrativas não é, entretanto, sua freqüência, mas, sim, a extrema dispersão de seus pontos de origem. Mesmo Atlas modernos são muito enganadores em razão do hábito, nascido muito normalmente de necessidade de fazer caber numa única página toda a África, o que causa a impressão de que os Camarões não ficam de fato muito longe do curso superior do Nilo. Esta distância é de aproximadamente 2.500km e o território intermediário é uma vasta região de florestas, de pântanos e de savanas. Os indígenas de um lado não tem, absolutamente, nenhuma relação com os do outro lado e, no entanto, histórias muito semelhantes pululam nas duas extremidades.

Essas histórias indígenas se encontram em toda grande floresta da zona das chuvas equatoriais, da Gambia, a oeste do Nilo, ao leste e ao sul até a Angola e a Rodésia. Os caçadores de Carl Hagenbeck as têm encontrado na Libéria, e o chefe de expedição alemã nos Camarões, em 1913 (o capitão Barão von Stein zu Lausnitz) estabeleceu um interessante relato que nunca foi publicado por completo, mas foi citado por vários autores. Nas regiões muito afastadas umas das outras, ele recolheu descrições de um pretenso animal chamado *mokelém-bembé*, segundo guias indígenas experimentados que não se conheciam mutuamente.

Em sua descrição, declarou: "O animal seria de cor marrom-acinzentada com pele lisa, a estatura se aproxima à de um elefante ou, pelo menos, à de um hipopótamo. Teria um longo pescoço muito flexível e uma única presa, mas muito longa; *alguns dizem que é semelhante a um chifre*. Alguns falam de uma longa cauda musculosa como a de um crocodilo.

"Os botes que se aproximam, diz-se, estão perdidos; o animal os ataca imediatamente e mata seus ocupantes, mas sem comer os corpos. Esta criatura viveria nas grutas escavadas pelo rio, no barro das margens de curvas pronunciadas; diz-se que ela sobe à margem em pleno dia, à procura de alimentação, que seria inteiramente vegetal. Este pormenor não convém a uma explicação possível como sendo um mito. A planta preferida foi mostrada a mim; é uma espécie de cipó com grandes flores brancas, uma seiva leitosa e frutos semelhantes a maçãs. Nas margens do Rio Ssombo, foi-me apresentada uma trilha que teria sido feita por este animal para ir à procura de alimentos. A trilha era fresca e plantas do gênero descrito se achavam nos arredores. Mas havia tantas trilhas de elefantes, hipopótamos e outros grandes mamíferos que foi impossível determinar uma trilha especial com um mínimo de certeza."

Isto levanta a questão dos relatos indígenas, sobre a qual a discussão seja talvez mais acrimoniosa que sobre outro assunto. As opiniões parecem estar sensivelmente divididas entre as que vieram da África, porém os dois lados tendem a negligenciar alguns fatos. Segundo suas crenças animistas, o africano vive num mundo povoadão por uma multidão de fantasmas, que no entanto são tão reais para

ele como os animais o são para nós, podendo descrevê-los com grande clareza de expressão.

Todavia devemos, ao mesmo tempo, opor àquela seu habitual e notável conhecimento da história natural e o fato de que o africano tem, geralmente, não somente um nome para todos os animais de seu país, mas que conhece igualmente seus costumes e suas menores variantes com grandes pormenores.

O africano, no entanto, pode adquirir um grande hábito de exagerar ou inventar coisas para agradar um estrangeiro curioso. Mas é preciso ainda opor àquilo sua repugnância muito difundida de revelar o que esteja em seu território, que imagine tenha valor para um estrangeiro, como aprendeu por experiência desagradável, que uma nova taxa não venha imediatamente onerá-lo. Se você conseguir adquirir a confiança do africano de uma tribo, quando ele se puser a falar de animais, distinguindo-se das criaturas fantasmas de seu país, vale a pena ouvi-lo atentamente, porque é preciso não esquecer que alguns africanos sempre afirmaram que os mosquitos tinham alguma coisa a ver com a malária, fato que provamos recentemente. Do mesmo modo, outros falaram do ocapi, muito tempo antes que um homem branco realmente matasse um.

Por vezes, a paciência do africano frente a nós e da nossa incredulidade das coisas que ele conhece bem, se esgota, chegando mesmo a usar versões oficiais.

A narrativa, hoje célebre, do falecido rei Lewanika, da tribo dos Barotsé é deste gênero. Este rei, que se interessava vivamente pela fauna de seu país, ouvia constantemente falar de um réptil enorme que vivia nos grandes pântanos. Havia transmitido suas

informações, mas porque quase ninguém acreditou, então deu ordens estritas para que a próxima vez que um de seus súditos visse o animal, o informasse imediatamente. Ao fim de certo tempo surgiram três homens, declarando que haviam encontrado o animal nas cercanias de um pântano, que ele tinha um longo pescoço e uma pequena cabeça parecida com a de serpente e que se retirara do pântano arrastando-se sobre o ventre. O rei Lewanika foi sem demora ao local e declarou, em seu relatório oficial, que o animal havia deixado uma trilha nos caniços “tão larga como teria feito um grande *trek-wagon* (carroça de transportes dos Boërs similar aos famosos “vagões cobertos” da conquista do Far-West) se suas rodas estivessem levantadas”.

Outras testemunhas indígenas provinham de fontes muito distanciadas. Um caçador branco experimentado chamado Stephens (um certo “sargento” Stephens, citado pelo grande naturalista inglês John Guille Millais) que também era encarregado de uma grande seção da linha telegráfica que corre ao longo dos rios do Alto Nilo, deu informações a respeito de um grande réptil, habitante dos pântanos e conhecido de muitas tribos sob o nome de *lau*. Os indígenas descreveram o animal a Stephens com muitos pormenores e mais de um dentre eles afirmou ter estado presente quando se matou um *lau*. Eles o apresentam de diversas maneiras, como tendo entre 12 a 30 metros de comprimento, mas concordam ao dizer que o corpo era grosso como o de um burro, de cor amarelo-sombrio e a cabeça de aspecto assustador, parecendo-se com a de uma serpente, com tentáculos grandes, ou com “grandes espinhos”, que usava para agarrar sua presa. Posteriormente, um administrador colonial belga, no

Congo, afirmou várias vezes ter visto um lau e atirado nele.

Entretanto, o relato indígena mais convincente provém da Rodésia do Norte. Trata-se de um animal semelhante ao chipekewe e, um inglês (um "escritor" chamado J. E. Hughes) que passou 18 anos no Lago Bangweolo, neste país, deu um depoimento da perseguição e morte de um desses animais, tal como havia sido descrito pelo chefe da tribo do lugar, que obteve de seu avô. Aparentemente os homens da tribo haviam matado esta criatura com lanças. Possuía corpo liso, sem pelos, de cor sombria e a cabeça ornada por um único chifre de marfim branco. A história estava profundamente enraizada na tradição local e o inglês em questão acreditava na existência do animal, porque ele relatou a um administrador colonial reformado (um funcionário inglês chamado H. Croad) que ouviu um grande animal chafurdar num lago à noite e, de manhã cedo, examinou grandes pegadas desconhecidas na margem.

A indicação de um único chifre de marfim nos trouxe, ao mesmo tempo, fatos muito interessantes que foram reunidos a partir de uma outra fonte. Em certo número de anos (em 1902) descobriu-se o famoso pórtico de Ishtar da Babilônia, pelo professor alemão Robert Koldewey, que trouxe à luz de um bom número de baixos-relevos extraordinariamente realistas de um animal que assemelhava-se a um dragão de caracteres curiosamente misturados. Possuía corpo escamoso, longa cauda e grande pescoço; patas posteriores de pássaro e patas dianteiras de leão, com uma estranha cabeça reptiliana, ornada de um único chifre erguido como de um rinoceronte, rugas sob o pescoço, crista como de um

iguana moderno e uma longa língua bipartida de serpente. Primeiramente, esta fabulosa criatura foi classificada como os touros de cabeça humana e outros monstros lendários da mitologia babilônica, mas pesquisas aprofundadas conduziram gradualmente o professor a uma conclusão muito diferente.

A criatura chamava-se *sirrouch* e dizia-se que os sacerdotes a traziam encarcerada numa caverna obscura do templo. Ela estava representada em grande número nos muros do pórtico de Ishtar, associada a um grande animal semelhante a um boi, que se sabe agora ter sido o auroque desaparecido e que foi um animal real.

Quando analisado, menosprezando a considerável licença artística babilônica, os caracteres estranhos misturados ao sirrouch parecem ser muito menos fabulosos do que de início se supôs e, a despeito de sua sólida tradição teutônica, o professor Koldewey estava cada vez mais convencido de que não era uma imagem mítica, mas uma tentativa de representar um animal real e que um espécime ou espécimens haviam verdadeiramente sido guardados vivos na Babilônia pelos sacerdotes dos templos.

Após ter-se interrogado muito, nas profundezas de sua prudente alma científica, ele animou-se até a declarar, por escrito, que este animal era um destes dinossauros vegetarianos com patas de pássaro, que numerosos animais da época possuíam, reconstituídas a partir de restos fósseis. Ele salientou que não se encontraram fósseis nem na Mesopotâmia nem nos arredores e que o sirrouch não podia ser uma tentativa babilônica de reconstituir o animal a partir de fósseis. Suas características, tais como as mostra a arte babilônica após as épocas mais remotas, permaneceram imutáveis e revelaram nume-

rosos pormenores nas escamas, chifre, rugas do pescoço, crista e língua forcada que, no conjunto, não podem ter sido todas imaginadas a partir de um esqueleto fossilizado.

Após uma análise mais precisa, o sirrouch parece apresentar características de chipekwe do Lago Bangweolo, do animal congolês do Sr. Lepage, do elefante-dragão de Carl Hagenbeck, do mokelém-bembé e mesmo do lau. O chifre único no focinho, a bossa escamosa sobre as espáduas, as patas dianteiras maciças e os pés traseiros forcados, o pescoço longo e a pequena cabeça de serpente, e mesmo os tentáculos do lau, aparecem todas no sirrouch.

A malha final da trama vem, entretanto, de um dos caçadores de Carl Hagenbeck que recolheu na África Central, na região onde narrativas de chipekwe são mais divulgadas, alguns tijolos vidrados do tipo igual aos utilizados na construção do pórtico de Ishtar e que, pelo que se sabe, é absolutamente igual à época e à região da Babilônia. O fato é menos fantástico do que parece, porque há provas absolutas de que um comércio marítimo havia se estabelecido mesmo pelo sumérios antes do nascimento da Babilônia, entre a Mesopotâmia e a costa oriental da África, que era chamada Me-Lukh-kha e que se dizia habitada pelos Salmuti, que significa “homens negros”. Se um dinossauro chifrudo, herbívoro, com pés de pássaro, existisse na África nesses tempos, um ou vários espécimes capturados poderiam muito bem ter sido enviados à Mesopotâmia, onde teriam, indubitavelmente, feito sensação e seriam propriedade exclusiva dos sacerdotes dominantes. Sua presença como animais sagrados teria levado à execução de retratos muito minuciosos nos principais monumentos.

Se o sirrouch babilônico e as outras criaturas, cujos rumores vem da África, existem atualmente ou se nunca existiram, é um fato que não pode ser provado de uma forma decisiva, a não ser pela descoberta, de pelo menos um espécime vivo, ou de esqueletos associados a restos humanos. Mas, se existem, uma questão vem imediatamente ao espírito: poderiam ser dinossauros? A resposta, talvez surpreendente, seja sim.

O nome dinossauro, que significa simplesmente “terrível lagarto”, é um termo vulgar e não científico. Seria melhor reservá-lo a dois grupos de répteis que se crê terem desaparecido totalmente, mas se dá também correntemente a maiores espécimes desaparecidos de todos os outros grupos e comprehende os ancestrais das tartarugas, dos crocodilos e dos lagartos. Entretanto, nem na sua acepção genérica nem a acepção específica, o nome dinossauro implica necessariamente uma estrutura primitiva, uma antiguidade geológica ou mesmo um grande porte. Há muitos de porte médio, pequeno e minúsculo. Os crocodilos, como grupo, são tão antigos e individualmente muito maiores que numerosos dinossauros e as tartarugas constituem um dos grupos mais primitivos de todos os répteis. O pequeno tuatera, com forma de lagarto, vive ainda nas ilhas próximas da Nova Zelândia e é, no sentido geral, um dinossauro; é muito mais primitivo e tem origem mais antiga que os dois grupos que denominamos dinossauros no sentido mais restrito.

Desta forma, todo o trabalho toma um caminho inteiramente diferente. Se as tartarugas, o tuatera e os crocodilos conseguiram sobreviver à era dos répteis, não há razão para que membros dos outros grupos, alguns muito menos primitivos e compreens-

dendo aqueles que podemos qualificar de dinossauros, não tenham sobrevivido igualmente. A maioria dos répteis desaparecidos no fim do chamado período cretáceo, após o qual os mamíferos, mais ativos e mais ágeis, tiveram superioridade. Mas não há razão para que alguns não pudessem ser perpetuados até nossos dias nos pântanos imensos e isolados da África, a única parte do mundo que permaneceu tropical e comparativamente estável após o período cretáceo, quase não afetado pelos grandes períodos glaciais e os levantamentos orogênicos das épocas intermediárias.

É verdadeiramente um trabalho bastante curioso que merece nossa atenção e, na minha opinião, algumas pesquisas mais ativas. Toda esta história pode não ser mero produto de simples sonhos? Todos esses caçadores de caça grossa, esses guardas de reservas animais, esses escribas africanos de anais oficiais podem não ser sensacionalistas, ou estão sob o efeito de bebida? O professor Koldewey teria simplesmente ficado louco e sacrificaria sua alta reputação científica com uma desenvoltura descuidada?

Poderia haver dinossauros vivos hoje em dia? Esperemos, portanto, conservar o que deveria ser o verdadeiro espírito científico e dizer simplesmente que, para o momento, não há prova positiva de sua existência.

Um Pterodáctilo Vivo?

Extraído do *The Illustrated London News* de 9 de fevereiro de 1856, pág. 166.

“Um verdadeiro monstro”. Uma descoberta de grande importância científica ocorreu em Culmont

(Alto Marne). Trabalhadores ocupados em cavar um túnel, que permitiria a ligação das vias férreas de Saint-Dizier e de Nancy, explodiam um enorme bloco de pedra e estavam prestes a quebrá-lo em pedaços, quando de uma cavidade que ali havia, viram sair subitamente um ser vivo de forma monstruosa. Esta criatura, que pertencia a uma classe de animais, até aqui considerada como desaparecida, possuía longo pescoço e goela guarnecida de pontudos dentes. Sustentava-se sobre as quatro longas patas que se reuniam por duas membranas, sem dúvida destinadas a levá-lo ao ar e, terminavam por quatro dedos armados de longas garras aduncas. Sua forma geral parecia a de um morcego e não diferia senão pelo porte, que era a de um grande ganso. Suas asas membranosas, distendidas, atingiam uma envergadura de 3,20 metros. Sua cor, de um negro plúmbeo, a pele nua, espessa e oleosa, seus intestinos continham um líquido incolor como água clara. Aproximando-se da luz, o monstro deu alguns sinais de vida, mexendo as asas, mas expirou logo depois, emitindo um grito rouco. Esta estranha criatura, a qual se pode dar o nome de fóssil vivo, foi trazida à Gray onde um naturalista, versado no estudo da paleontologia, imediatamente o reconheceu como pertencente ao gênero *Pterodactylus anas*, do qual muitos restos fósseis foram encontrados nas camadas que os geólogos designam por Lias. A rocha na qual o monstro foi descoberto pertencia precisamente a esta formação cujo depósito é tão antigo que os geólogos o remontam a mais de um milhão de anos. A cavidade na qual o animal estava alojado, apresentava um molde exato de seu corpo, o que indica que ele foi completamente envolto pelo depósito sedimentário (Imprensa de Gray).

Um Monstro nas Montanhas da Califórnia

Conforme o *San Francisco Examiner* de 18 de janeiro de 1960.

“Um monstro marinho no lago dos Trinity Alps?”, *Humboldt Times* de 24 de janeiro de 1960: “O padre Hubbard coloca as salamandras como vedetes”; o *Humboldt Times* de 1º de setembro de 1960: “Professores tentam esclarecer uma velha lenda do lagarto” (ler “salamandra” que não é de todo um réptil.)

Em janeiro de 1960, uma novidade interessante apareceu em alguns jornais do norte da Califórnia. Vern Harden, um criador de animais, conta que, pescando num lago isolado dos Trinity Alps, com corda de piano e anzol de tubarão, pegou uma enorme salamandra de mais de 2,50 metros de comprimento.

Os Trinity Alps e uma boa parte da Califórnia do norte formam uma região muito acidentada e mal conhecida. A despeito de algumas estradas construídas em época relativamente recente, pode-se verdadeiramente ter por lá porções de terras não exploradas. É a mesma região de onde chegam tantos rumores dos Grandes Pés (“Abomináveis Homens” da América).

Conhecem-se, bem entendido, salamandras gigantes no Japão e China (*Megalobatrachus japonica* e *davidianus*) que são mais ou menos da mesma latitude e altitude e do mesmo tipo geral de habitat. Essas salamandras asiáticas antigem no máximo

1,80 metros. A maior salamandra conhecida nos Estados Unidos é o "Hellbender" (pode-se traduzir por "chefe de bacanal") do delta (Menópome aquático, *Cryptobranchus alleganienses*) que chega até 70 cm de comprimento e uma outra salamandra da Califórnia (terrestre, *Dicamptodon ensatys*) chamada gigante, ainda que não ultrapasse mais de 30cm.

A narrativa de Harden foi transmitida a Victor Twitty, um biólogo do Instituto Stanford, que teria dito, segundo a citação feita: "espetacular, se for verdade". O Dr. Roberto C. Stebbins, um zoólogo da Universidade da Califórnia, ouviu a história, com ceticismo, contudo interessado. É um especialista muito conhecido em répteis⁽¹⁾ e se lembrou de uma história contada por outro biólogo do Instituto Stanford, George Myers. Este encontrou um velho pescador do Rio Sacramento que possuía uma salamandra de mais de um metro de comprimento, em sua banheira. Não chegou a comprá-la, nem soube exatamente onde ela havia sido capturada, mas descreveu-a como uma salamandra japonesa. Isto é muito sugestivo porque, afinal, esta criatura vista por Myers é duas vezes maior que a maior salamandra conhecida nos Estados Unidos. Talvez fosse um pequeno espécime da espécie gigante.

Mas de onde veio o animal de 2,50 metros? Harden diz que um *blizzard* (tempestade de neve) se levantou e ele teve que abandonar o réptil (ler anfíbio). Não forneceu nenhuma prova. Poder-se-ia considerar que é uma história suspeita, do tipo daquele do "grande peixe que se desprendeu". Com

(1) Inútil chamar as salamandas de répteis, pois são anfíbios.

efeito, um sacerdote, o padre Bernard Hubbard, do Santa Clara College, emitiu declarações tendendo a desacreditar o relato de Harden. Os artigos dos jornais não são explícitos, bem entendido, porém pode-se suspeitar que um certo rancor entre estes dois personagens esteja na origem da posição duvidosa colocada na história de Harden. Porque o padre Hubbard tem um irmão, o capitão John Hubbard, um engenheiro de minas reformado, que amontoou mais ou menos tudo que possa ser recolhido a respeito das salamandras gigantes da Califórnia do norte. No decorrer dos últimos 50 anos, pescadores da região dizem ter visto tais criaturas, algumas de 2,75 metros de comprimento! Os Hubbard parecem ter aceito essas outras histórias de salamandras rejeitando a de Harden.

Parece que o projeto, de que se falou na época, de equipar uma expedição para ir à procura desses animais não passou de um simples projeto. No outono de 1960, o professor Stebbins, o Dr. Rogers do State College de Chico, Califórnia e o Dr. Cohen do Junior College de Modesta, Califórnia, seguiram para a região com um grupo de escoteiros, à caça das salamandras gigantes. Stebbins declarou que esperava encontrar algumas, mas não seria surpresa se não encontrasse. A expedição contava estudar outros répteis (ler anfíbios) da região, de qualquer tamanho que fosse.

Infelizmente, não temos relatórios sobre esta expedição de 1960, nem de seus resultados. Supomos que foi negativa pois todos os artigos de imprensa a respeito do animal ficam no nível local. Entretanto, há fortes motivos para se pensar que uma espécie gigante deste réptil (ler anfíbio) vive

nesta região. Se os cientistas não conseguem encontrá-lo, cuja existência não afetaria os meios científicos, não seria de se surpreender que eles não encontrem os Grandes Pés, na mesma região, cuja existência tumultuaria as noções de muitos antropólogos.

Ainda Dinossauros Passeando?

Extraído da obra *Strange creatures from Time and Space* "Criaturas Estranhas fora do Tempo e do Espaço" por John Keel, Fawcett Books, Nova York.

"No decorrer do outono de 1969, recebi duas cartas que assinalavam rumores segundo os quais um dinossauro passeava pelo Texas. Segundo um dos relatos, o sáurio havia arrastado um carro por 60 metros da estrada e morto seu motorista. As tentativas feitas para levantar a fonte dessa história revelaram-se inúteis e o dinossauro do Texas foi classificado no nosso arquivo "simples-ouvir-dizer e esquecido."

Mas segundo o *Sunday Express* de 26 de julho de 1970 de Londres:

"Soldados e policiais estão à caça de um monstro que diz-se rondar nas florestas, perto de Forlì na Itália Central. O monstro — que alguns denominam dinossauro — foi visto pela primeira vez, terça-feira última, por Antonio Samorani, um camponês de 48 anos. Declarou que havia sido seguido por "uma enorme coisa escamosa, com pelo menos 4,50 metros de comprimento. Andava sobre as patas espessas e seu respirar era arfante. Fugi à toda pressa e ela me seguiu aproximadamente 200 metros."

Os policiais, de início céticos, mudaram o parecer quando viram grandes pegadas numa clareira perto do lugar onde Samorani diz ter visto o monstro. O chefe de polícia, O Dr. Pedoni declarou: "Estamos convencidos de que uma criatura de enorme tamanho se esconde nas florestas. Três outras pessoas o viram. Vasculhamos a região com policiais e soldados munidos de redes. Queríamos, se possível, pegá-lo vivo. Mais de mil fuzis estariam de emboscada contra esse animal quando a estação de caça seria aberta no dia 1.^º de agosto. Se os caçadores locais o encontrassem primeiro, ser-nos-ia difícil impedi-los."

John Keel acrescentou que soube de um relato similar vindo da França em torno de 1933, que não encontramos no momento. E cita outros casos em sua obra.

Tudo o que pudemos dizer a quem quer que vá à caça de um desses monstros, faria melhor ler primeiro uma novela de L. Sprague de Camp "*Um fuzil para o Dinossauro*". Os leitores podem se livrar de suas próprias especulações para explicar como dinossauros poderiam aparecer hoje no Kentucky ou na Itália. Mas não fujam se vocês perceberem algo de 4 metros de altura nas moitas; observem tudo o que puderem em dois segundos (pelos nossos arquivos) e saiam de mansinho!

Quarta Parte

FENÔMENOS FORTIANOS

FANTASMAS E HOMENS

Diz-se que os fenômenos psíquicos eram as coisas "melhor documentadas" da história humana. Infelizmente para o belo ideal da documentação, não se pode entrar de acordo senão com um certo sorriso. Mas, se uma autêntica atitude fortuna, aliada ao mais alto grau de ceticismo, com os mais sérios esforços de ampla abertura para casos estranhos, o domínio psíquico é talvez aquele que apresenta os maiores problemas. A vontade, ao mesmo tempo de crer e de não crer, é muito viva. A vontade de enganar não é menor. Não tomamos posição sobre a "credibilidade", porque pode-se duvidar que haja uma posição útil a se tomar. Ter fantasmas em casa é talvez irracional — é possível que a própria palavra tenha uma ponta de esquisitice — mas o que acontece de acordo com a "razão", não passa em todo caso de uma crença num conjunto particular de histórias de fantasmas.

Poltergeists na Nova Zelândia

Segundo o *The Evening Post* de Wellington, N. Z., de 25, 26 e 27 de março de 1963.

"Enquanto 12 policiais e mais 20 civis investigavam os arredores, o hotel-pensão Ohiro Lodge no Brooklin (um arrabalde de Wellington) foi bombardeado de seixos, como que por meio de um lança-pedras, durante 7 horas e meia à noite e esta manhã, cedo". Assim iniciava-se um artigo do *The Evening Post* de Wellington, de 25 de março de 1963, duvidando pouco que se abriria uma história clássica e interessante desta entidade um

pouco inquietante: o poltergeist (em alemão: fantasma barulhento ao qual são muitas vezes atribuídos toda sorte de danos, tais como: jatos de pedras, móveis ou objetos deslocados etc., que não se pode explicar).

“Os proprietários do hotel e quinze pensionistas passaram uma noite em claro, ajudando a polícia procurar em vão, foram em seguida incomodados com muitas represálias, quando tentaram finalmente ir dormir.”

Pedras batiam na casa e quebraram quase todos os vidros. Policiais ou locatários do hotel-pensão foram algumas vezes feridos, mas sem maiores gravidades. As pedras foram numerosas, mas atingiram apenas este hotel-pensão — nenhuma outra casa da vizinhança. Na primeira noite, 30 pedras e 4 *pennies* atingiram o hotel. (Para aqueles que não conhecem os *pennies* neo-zelandeses, trata-se de uma grossa peça de bronze que não é desprezível. Deve pesar uma boa dezena de gramas.) O bombardeio começou por um penny que quebrou uma vidraça na extremidade norte da varanda, às 21,30 horas. Os pensionistas refugiaram-se na cozinha, situada nos fundos do hotel quando as pedras e os *pennies* começaram a chover.

Os policiais chegaram em grande número e ficaram completamente desorientados. Era evidente que pessoa alguma poderia lançar projéteis sobre a casa com a força observada, sem ser visto. Aventou-se a idéia de que um tipo de máquina pudesse ser empregado. Mas não foi encontrada. Os proprietários do hotel-pensão, Sr. e Sra R. A. Beatty declararam: “Não pudemos imaginar quem poderia fazer, nem porque.” Fizeram notar que algumas

árvores “macrocarpo”, com mais de 100 anos, havia sido arrancadas da propriedade, mas eles não pensavam que este fato pudesse ter alguma relação com o ataque.

Na noite seguinte, iniciou-se o bombardeio, com grande temor de todos. Iniciou às 19,30 horas e prosseguiu até para além da uma hora da manhã. Todos do hotel-pensão estavam exasperados pela perda de uma segunda noite de sono. Os pensionistas falavam em sair.

Os policiais vieram novamente. Com os pensionistas e um cão policial, foram investigar tudo e não encontraram... nada. Um radar de polícia foi trazido e instalado, mas os jatos de pedras cessaram tão logo foi instalado. Ainda desta vez, ninguém pôde imaginar porque se dava ao trabalho de atacar o hotel e seus ocupantes.

Finalmente, alguém sugeriu um *poltergeist*. Descobriu-se também que houvera um precedente em Wellington para tais manifestações. Há 40 anos, uma casa situada no monte Vitória, havia conhecido um ataque semelhante — um bombardeio prolongado de pedras. Uma mulher e seu filho viviam nesta casa e a despeito de procuras intensivas, nada foi encontrado que explicasse essa agressão.

Na noite seguinte (a terceira), 600 pessoas se atropelavam para presenciar os acontecimentos. Ameaças anônimas por telefone preveniam que alguém seria morto. Às 18,30 horas, as manifestações começaram com a chegada do primeiro *penny*. A multidão aplaudia com a chegada do primeiro *penny* ou seixo que batia na casa. Alguns desses seixos se revelaram ao exame ser de pedra-pomes.

Não existe pedra-pomes em Wellington, mas existe em certas regiões vulcânicas da Nova Zelândia. Por vezes, pedras-pomes eram atiradas através do mar sobre a praia de Wellington. O maior seixo chegou às 20 horas e media mais de 7,5cm de diâmetro. O bombardeio cessou às 21,30 horas.

A multidão concentrada em torno da casa fez prolongar o espetáculo por toda a noite, lançando ela mesma, *pennies* e seixos. Os policiais tentaram frear os culpados, mas a multidão era tão densa que foi impossível. A polícia esperava, sem dúvida, poder encontrar um bode expiatório numa dessas pessoas, mas esta tentativa não deu resultado.

Não se percebeu nenhum barulho anunciando a chegada de um projétil. A polícia foi incapaz de explicar como um dispositivo mecânico teria acumulado tal energia e liberá-la bruscamente sem fazer ruído. Os seixos apareciam subitamente e chocavam-se contra a casa.

Alguém sugeriu que se chamasse “um metallurgista” para determinar de onde provinham os projéteis. Nessas circunstâncias, seria mais racional chamar o padre local (aquilo não parecia de tal modo evidente, *Nota do Autor*) ou ao menos um meteorologista.

Após a terceira noite, às 21,30 horas, o fenômeno cessou por completo. A casa foi demolida em seguida e um prédio de apartamentos foi construído no lugar, em outubro de 1969. Mas nenhum acontecimento desusado, de qualquer espécie que seja, foi assinalado nem durante a demolição nem nos novos apartamentos.

E eis ainda uma boa sequência de fantasmas, bichos e coisas que vagueiam à noite. Tudo isto é autêntico. Tudo isto poderia ser multiplicado por 100: é suficiente ler minha crônica "a atualidade misteriosa" na revista Nostradamus. Não me peçam explicações, já que não as tenho.

Uma Família foge de sua Casa Assombrada

Extraído do *Sunday Morning Herald* de Sidney, Austrália, de 25 de fevereiro de 1970.

Um jovem casal e sua filha de 4 meses e meio deixaram sua casa num subúrbio de Newcastle (Austrália), pois pensavam que estava assombrada. O Sr. Michel Cooke, de 19 anos, e sua mulher Diane, de 18 anos, passaram sua última noite numa meia-casa que alugaram como apartamento na rua Hereford, em Stockton. Refugiaram-se na casa de um vizinho, na segunda-feira, e o Sr. Cooke passou o dia inteiro de hoje procurando, em vão, outro alojamento.

O Sr. e a Sra. Cooke estão firmemente convencidos de que a casa está assombrada pelo fantasma de um homem. Eles se recusam a entrar sem estarem acompanhados pela polícia ou por amigos. Mesmo para um simples observador, seu medo é real e contagiente.

Citaram oito amigos e vizinhos que ouviram ou viram misteriosos acontecimentos desta espaçosa casa branca, durante as duas últimas semanas. "Ontem à noite, passando, vi um horrível semblante branco que olhava por uma das janelas, declarou o Sr. Cooke. Os olhos eram brancos, esverdeados no

centro. Sinto tanto medo que lágrimas me vêm aos olhos. Isto foi o fim. Pensava em comprar a casa, mas eu não viverei lá nunca mais”.

Ontem à noite, o policial W. Manning, de Stockton, vasculhou a casa e a fechou à chave, às 22 horas. Nesta manhã, os leitos estavam desarrumados, mas as janelas ainda estavam fechadas do lado de dentro. O policial e o Sr. Cooke vasculharam novamente a casa e o teto hoje, sem encontrar traço de intrusão humana. O policial não pôde dar nenhuma explicação e o incidente foi registrado pelo comissariado de polícia de Stockton, com a típica prudência oficial como: uma casa pretensamente assombrada na rua Hereford, em Stockton”.

A outra metade da casa é habitada pela proprietária, de 67 anos, que está em tratamento hospitalar, em Newcastle, há uma semana. O Sr. Cooke declarou que a proprietária havia pedido para ocupar seu apartamento enquanto ela estivesse fora. “Fiz as camas quatro vezes neste semana e todas as manhãs estavam desfeitas, diz ela. Pensamos primeiro que fosse um ladrão, mas quando coisas começaram a acontecer sem razão, ficamos com medo.”

O Sr. e a Sra. Cooke contaram como a maçaneta da porta se agitava bruscamente, mesmo quando o pára-vento gradeado de fora estava solidamente fechado à chave. “Minha filhinha que não tem senão 4 meses e não pode ainda sentar-se sozinha, vimo-la no meio da noite endireitar-se, assentando-se como se alguém a segurasse pelos braços”, declarou a Sra. Cooke. “Depois o bebê gritou e caiu para trás em seu pequeno leito. Por vezes encontramos seus brinquedos deslocados de um lugar pa-

ra outro. O locatário precedente me disse que havia acordado uma noite com alguma coisa que não pôde ver e que escorria pelo ombro. O locatário que estava aqui anteriormente a ele, já dormia e viu algo que o observava.”

Jenny Zrodowski, de 17 anos, uma vizinha, declarou que viu ontem um vulto de pé, atrás de uma separação de vidro entre os dois apartamentos, mas quando a Sra. Cooke e ela foram verificar, não encontraram ninguém.

Um Poltergeist Canadense

Extraído do *The Edmonton Journal* de Edmonton, Canadá, de 16 de fevereiro de 1970.

St. Catharines, Ontário (CP) — Parece que um fantasma que levanta pesos e muda móveis, ronda esses dias o apartamento de uma família de St. Catharines. Dois médicos, dois advogados, dois padres e um grupo de policiais de St. Catharines dizem ter visto este espírito em ação.

Eles asseguram que uma cadeira, sobre a qual se sentava um menino de onze anos, elevou-se várias vezes a 15 ou 20cm acima do solo, mas um policial que pretendia elevar-se nas mesmas condições, não o conseguiu. Leitos erguiam-se sobre uma ponta e cômodas deslocavam-se de uma parede à outra.

Um policial da cidade, com 23 anos de serviço, declarou no sábado: “Conheci pelo menos cinco dos meus colegas que foram testemunhas dessas manifestações e, que... estão convencidos de que aconteceu alguma coisa sobrenatural”.

A polícia, que prefere não revelar o nome da família, diz que ela fez vir físicos e outros especialistas a fim de investigar. Os funcionários de água, gás, eletricidade, serviço de incêndio e o inspetor das construções da cidade estão todos impossibilitados de fornecer uma explicação lógica.

A família habitou o apartamento por mais de 10 anos, porém os aborrecimentos com os móveis iniciaram-se nas últimas duas semanas.

Uma Família se Muda por Causa de Um Fantasma

Extraído do *The Evening Review* de 14 de março de 1970.

Uma família de St. Catharines , cujo menino de onze anos foi alvo de manifestações sobrenaturais, resolveu o problema mudando-se de seu apartamento. Um policial de St. Catharines, uma das testemunhas que viu móveis se deslocarem de lugar sem razão visível, no apartamento, diz que Peter Walchuk e sua família mudaram-se de sua casa da rua Church.

No fim de janeiro, o rapazinho tornou-se o pí- vô de estranhos deslocamentos de móveis. As camas balançavam-se sobre três pés, quadros levantavam vôo das paredes e uma cadeira sobre a qual o menino estava sentado se inverteu. Policiais, médicos e padres dizem ter sido testemunhas destes fatos.

Agora que o rapazinho partiu, o mobiliário não oferece mais problemas. Não há nenhum indício de que os movimentos inexplicáveis que alguns dizem ter sido causados por um *poltergeist* (um fantasma malicioso que faz brincadeiras sobretudo com

crianças) tenham seguido o menino em sua nova morada.(¹)

Um "Espírito" Mantém Um Lar Sob Terror

Extraído do *Edmonton Journal*, de Edmonton, Canadá, 11 de novembro de 1969.

Gillingham, Inglaterra (AP) — Uma calma moradia de beira-mar tornou-se uma casa de medo, onde uma menina de três anos é aparentemente tomada de convulsões, à vista de um crucifixo. A menina estava possuída por um mau espírito, disse a mãe, Cristine Adams. Uma entidade sobrenatural apoderou-se de sua filha e de sua modesta casa avarandada desta pequena cidade da costa de Kent.

O terror começou há um ano, disse a Sra. Adams, quando luzes se acendiam e se apagavam, portas fechadas se abriam, cinzeiros caíam das mesas e peças quentes tornavam-se geladas. "O mais assustador de tudo, foi a transformação de Carol", acrescentou ela. A criança se pôs a conversar com uma pessoa invisível, servindo-se de palavras que uma menina de sua idade não podia conhecer, e por vezes, ela respondia a si mesma com uma outra voz de pessoa adulta.

"Às vezes ouvíamos alguém cantar — dir-se-ia uma canção de ninar — ao mesmo tempo em que ela falava", disse a mãe. Seu marido e ela olharam

(1) Na ocasião, onde se sucediam estas manifestações, John Gibson, um repórter do *Spectator* de Hamilton foi convidado a deixar a cidade e rápido, senão ele seria encarcerado. A polícia alega não apreciar a forma com que a imprensa relatava este caso. Gibson fez notar que o Canadá é benfeitor da liberdade de imprensa e por isso fez sua reportagem. (A polícia não aprecia de forma nenhuma, histórias que ela não consegue explicar, é um fato bem conhecido).

para uma cruz de madeira em sua sala de estar para tentar combater esta presença.

"Quando Carol aproximava-se da cruz, seu seu rosto se crispava, prosseguiu a Sra. Adams, de 27 anos. Esticava os dedos como garras e mostrava os dentes. Era espantoso."

Uma vizinha, a Sra. Marjorie English, falou do dia em que ela viu Carol pender-se para fora de uma janela do andar. "Eu me precipitei para prevenir sua mãe, mas ela me disse que era impossível — as janelas estavam fechadas e pregadas. Quando o Sr. Adams entrou em casa, constatou que as janelas não podiam estar abertas. Eu sempre ri deste gênero de coisas. Mas agora eu vi."

O filho da Sra. English, Graham, de 17 anos, declarou que a Sra. Graham e ele ouviram, certa noite, barulhos que vinham do quarto de Carol e que eles subiram para ver o que acontecia. A menina estava "metida numa fronha do travesseiro".

"Nós a desvencilhamos e a colocamos no andar térreo quando, alguns minutos mais tarde, subimos e encontramos o pequeno leito refeito e a fronha, que havia sido lançada ao chão, colocada na cabeceira."

"Estou convencida de que uma entidade sobrenatural apoderou-se da casa e se manifesta por intermédio de Carol", concluiu a Sra. Adams. Ela chamou uma médium, Elizabeth Langridge, para ajudá-la.

"Não vimos nada, mas realmente sentimos influências indesejáveis, diz ela. Um espírito se serviu desta criança."

A Ilha do Terror no Estreito de Torrès

Extraído do *Sunday Mirror* de Sidney, Austrália.

O medo afasta as pessoas de um paraíso tropical no Estreito de Torrès. A ilha assombrada, Gabba, a cem quilômetros ao norte do cabo York, é coberta de florestas e de flores selvagens. Suas árvores são carregadas de frutas tropicais, a água de seus rios é clara como cristal e suas praias são magníficas. As baías e angras abundam de caranguejos, lagostas, camarões e peixes. A temperatura do mês de agosto é ideal, cerca de 30.^º, e assim permanece a maior parte do ano.

No entanto, os habitantes das ilhas do Estreito de Torrès fogem do Jardim do Éden como da peste. Estão certos que ficar em Gabba após o por-de-sol, é morte certa.

Jimmy Levi, um indígena da ilha Thursday, nos falou de Gabba e da “feiticeira” que a frequenta. Ele é mecânico do barco-naveta *Melbidir* e diz conhecer o grupo de ilhas do Estreito de Torrès como ninguém.

“Ela é como o demônio, declarou num tom tranquilo, reservado, típico dos insulares. Nossos pais já diziam, ela mata aqueles que lá passam à noite. Faz cair enormes pedras sobre eles para esmagá-los.”

Jimmy diz também que Gabba era outrora uma das ilhas mais povoadas do Estreito de Torrès. Mas, segundo a lenda, há cerca de 300 anos, uma terrível doença se espalhou sobre a ilha após alguns habitantes terem comido tartarugas venenosas. Os sobreviventes pegaram seus botes e fugiram a remo para outra ilha. Todos, exceto uma velha mulher

que, gemendo e uivando contra as pessoas dos botes, se arrastou até o alto dos rochedos.

Após isso, todos aqueles que iam à Gabba ouviam estranhos gemidos e gritos horríveis. Quando a noite caía, enormes pedras se abatiam sobre eles. Alguns voltaram para contar. Tremores pavorosos, eles diziam ter visto a silhueta terrificante de uma velha sobre um gigantesco rechedo oscilante da ilha, uivando e zombando.

“Todos creem... mesmo os jovens, diz Jimmy. Eles baixam a voz quando falam da feiticeira. É muito mau, porque Gabba é uma ilha muito boa. Encontramos lá alguns dos melhores peixes das ilhas. Mas a feiticeira do rochedo não vai deixar ninguém habitá-la.”

Um Vampiro de Minissaia Terrifica a Polícia

Extraído do *Mirror* de Londres, de 9 de novembro de 1967.

Na última noite, policiais deram caça a um “vampiro” de minissaia que rondava um balneário. A polícia informara que este vampiro aterrorizava as pessoas, à noite, numa praia da cidade brasileira de Manaus. Várias pessoas que foram atacadas descrevem o vampiro como “uma mulher loura com dentes longos e pontiagudos, usando uma minissaia e meias negras”. Duas pequenas feridas redondas foram encontradas perto da veia jugular de uma criança que foi mordida. Um despacho recebido de Manaus acrescentava que, dos trinta policiais enviados à caça da misteriosa vampira fêmea, dezessete abandonaram a caça. Manaus, capital do Estado do Amazonas, no Brasil, está situada perto do Ama-

zonas, o famoso rio que foi assim denominado porque uma população de mulheres guerreiras e ferozes — semelhante às amazonas da mitologia grega — habitavam suas margens.

Um Vampiro Perto da Tumba de Karl Marx!

Extraído do *Mirror* de Londres, de 15 de março de 1970.

A "diabólica criatura morta-viva" que a lenda diz estar escondida no cemitério onde está enterrado Karl Marx, escapou ontem de uns cem caçadores de vampiros. Esta caça foi organizada pelo especialista em vampiros Alan Blood (nome particularmente bem adaptado porque *blood* significa sangue, em inglês) no cemitério de Highgate em Londres... e fez várias vezes passar calafrios pelas costas dos caçadores. A multidão se aglomerou um pouco antes da alvorada após ter ouvido, na sexta-feira à noite, uma entrevista na televisão, na qual um homem havia declarado que ia exorcizar um mau espírito que ele dizia ter visto três vezes. O sr. Anthony Robinson, de 27 anos, de Ostel Road em Hampstead, dirigiu-se ao cemitério após ter ouvido falar desta caça, à luz de tochas. "Ouvi um ruído muito agudo. Depois, vi alguma coisa cinzenta que atravessava lentamente a estrada. Aquilo me apavorou." O especialista, Alan Blood, 25 anos, professor de História, veio de Chelmsford, em Essex, após ter ouvido David Ferrant, de 24 anos, falar na Televisão BBC de seu projeto de transpassar o coração do vampiro com uma cruz de madeira. "Todo este trabalho foi mal planejado, disse o sr. Blood, havia muita gente nos arredores, o que te-

ria inquietado não importa qual morto-vivo no cemitério.”

A Lua Cheia Brilha... Um Homem Vai à Caça de Um Vampiro

Extraído do *Mirror* de Londres, sem data.

Munido de uma cruz de madeira e de uma estaca, Alan Ferrant, de 24 anos, introduziu-se num cemitério à meia-noite, a fim de acossar um vampiro. À luz de uma tocha e da lua-cheia ele procurava por entre as tumbas. Depois o silêncio foi rompido pelo barulho de um automóvel... Era uma viatura da polícia. A expedição de Ferrant terminou aí. E por sua vez, ele teve que explicar o que havia feito no cemitério de Highgate de Londres, àquela hora da noite. “Soube que um vampiro saía das catacumbas deste cemitério; se a polícia não tivesse chegado, eu teria entrado e examinado os caixões. Assim que encontrasse essa criatura sobrenatural, teria transpassado o coração com minha estaca e a seguir desaparecido.” O magistrado declarou que Ferrant deveria ver um médico e remeteu o caso para outra sessão.

Um Homem Morto numa Emboscada para Capturar um Vampiro

Extraído do *Mirror* de Londres, de 27 de fevereiro de 1969.

Os habitantes da cidade de Korogwe, na África Oriental, estavam certos de que um “vampiro” arrebatou alguns deles à noite. Decidiram então tentar uma emboscada. Parece que acreditavam

que o “vampiro” fosse um europeu; eles matariam o primeiro branco que chegasse de carro na emboscada: um alemão, diretor de plantação, Klaus Kaufmann, de 41 anos, foi abatido e morto a golpes de longas facas e lanças, no retorno de uma caça a patos. Ontem, um dos sete homens acusados da morte de Kaufmann declarou, diante de um tribunal de Dar-es-Salam, que os habitantes do vilarejo ficaram tomados de medo do vampiro, após várias pessoas terem desaparecido misteriosamente.

Borboletas Noturnas Vampiras

Extraído do *Jornal de Edmonton*, Canadá, 13 de dezembro de 1968.

O Dr. Hans Banziger, um entomologista suíço a serviço na Malásia, observou hábitos nocivos de uma borboleta noturna que pica a pele e suga o sangue. Este vampiro noturno chama-se *Calyptra eustriata*, poderia ser um exemplo vivo de evolução em curso. Algumas dessas borboletas adquiriram órgãos bucais tão sólidos para perfurar o couro dos búfalos, cervos, taurinos e antílopes. Os seres humanos que foram picados dizem “ter a impressão de serem picados com uma agulha abrasante”.

Um Vampiro Assombra os Habitantes de Humahuaca

Extraído de um jornal do México, não especificado, de 7 de janeiro de 1969.

Jupuy, Argentina, 6 de janeiro de 1969 (UPI)
— Um gigantesco vampiro que pesaria de 5 a 6 kg,

segundo testemunhas, aterrorizou a população do desfiladeiro de Humahuaca, uma região pitoresca desta província do nordeste da Argentina.

O almoocreve Meliton Juarez, uma das testemunhas, afirmou ter sido atacado por esta enorme criatura quando cavalgava sua mula. Sua montaria ficou assustada quando o vampiro afetuou várias evoluções acima dela e de seu cavaleiro. Juarez acrescentou que o vampiro tinha um "horrível" aspecto e teve que se servir várias vezes de seu chicote. Declarou que o estranho morcego tinha intenção de pousar na mula e sugar-lhe o sangue.

Outros habitantes do desfiladeiro supunham que se tratava do mesmo vampiro que havia feito, recentemente, incursões nos ranchos da região, onde parecia que numerosos pássaros estavam mortos, esváídos de seu sangue.

Os *experts* zoólogos dizem que a aparição de vampiros de porte tão ameaçador é confirmado por um fato acontecido no México, há vários anos, quando dois vampiros monstruosos mataram uma mulher e um homem enquanto dormiam.

A CLÍNICA APEDREJADA DE ARCAHON

É a qualidade do principal testemunho que dá valor e originalidade à singular história que vou narrar.

O Dr. A. Cuénot pertencia a uma ilustre família de biólogos. Tem espírito científico ao mesmo tempo que aberto.

Escreveu um livro, As Certezas Irracionais (edições Planeta), que é um modelo por sua vez de rigor intelectual e de expansão de visão. No prefácio, Aimé Michel escreveu muito justamente: "Não existe ainda ciência do homem total. Entre todas as hipóteses possíveis sobre nosso futuro, a menos tola e a mais inverossímil é que este futuro é ilimitado e que não começamos nossa própria exploração. Os extraordinários êxitos do gênio humano, aos quais assistimos presentemente, dão de nós mesmos a imagem de uma criança que acaba de descobrir uma nova brincadeira". A história que se segue mostra os poderes do homem total que nos são ainda largamente desconhecidos.

O lugar: uma clínica ortopédica em Arcachon. Esta clínica é dirigida pelo Dr. Cuénot, durante 25 anos. É especializada no tratamento de tuberculoses ósseas.

A época: de maio a setembro de 1963.

O fenômeno: um bombardeio da clínica por seixos, pedras de alvenaria, fragmentos de tijolos, objetos cuja origem não pôde ser determinada, o que é bastante surpreendente.

Mais de trezentos desses objetos foram arremessados a toda hora do dia e ao cair da noite. Os doentes, estendidos em seus leitos, pareciam particularmente os visados. O fenômeno estava ligado à presença de uma jovem de 17 anos, que será chamada de Jacqueline. Ela mesma foi bastante apedrejada.

Sob plano psicológico e social, é preciso assinalar que o fenômeno foi precedido pelo anúncio, de 19 de abril de 1963, da venda da clínica, que deveria fechar no dia 30 de setembro seguinte.

É este anúncio que parece ter desencadeado reações com... não se sabe o que.

Falar de “inconsciente coletivo” dos doentes da clínica é falar do efeito soporativo do ópio. São palavras e nada mais.

Os arremessos de pedras visaram a uma jovem, que chamaremos de Angelina. Após sua partida da clínica e a chegada em 16 de junho de Jacqueline, os fenômenos se acentuaram. As indicações dadas pelo Dr. Cuénot no seu livro já citado e em suas publicações, notadamente a *Revista metapsíquica*, permitem fazer uma análise. Muitas vezes, as pedras caíam verticalmente. Os arremessos oblíquos eram raros.

Elas atravessavam a folhagem de três plátanos do parque da clínica. Tinham uma velocidade muito lenta em relação à velocidade que teriam se caíssem de relativa altura.

O máximo de projeções por dia foi de 48. A polícia local, após queixa no dia 28 de agosto, parece ter considerado o Dr. Cuénot louco, o que contrasta profundamente com a atitude franca da polícia alemã no caso de Rosenheim, evocada mais adiante. O Instituto Metapsíquico, ao contrário, enviou o professor Tocquet para pesquisa, cuja contribuição é muito interessante.

Nenhuma fraude parece ter sido surpreendida. Jacqueline interrogada, defendeu-se de não ter tido participação qualquer nesta história. A opinião geral na clínica foi de que se tratava de um bando de farsantes que não se sabia quem eram, nem como chegavam a entrar e a sair da clínica.

A partir de 1.º de setembro de 1963, os arremessos de pedra cessaram. Foram seguidos de outros fenômenos, notadamente de golpes batidos nas portas. Estas passaram a abrir-se sozinhas. No dia 4 de setembro, colocaram-se ferrolhos, depois cessou tudo. Não há, evidentemente, nenhuma explicação definitiva. O Dr. Cuénot, com grande boa-fé, aventou a hipótese racional de um maníaco armado de uma catapulta, atirando à distância. Não se encontrou tal maníaco e nenhuma outra casa em Arcachon foi apedrejada. Pessoalmente não acredito nessa hipótese; muito menos naquela de uma farsa organizada pelos doentes: fiscalizavam-se mutuamente e uma farsa teria sido desmascarada.

É preciso pensar, então, numa hipótese paranormal; recusadas, por seu lado fantástico. Os diversos seixos, pedras de alvenaria e tijolos não pareciam provir da construção da clínica que eram velhos, mas de uma outra fonte.

Supondo-se essa fonte: admitamos hipoteticamente que ela se encontre a um quilômetro; não temos idéia de como fragmentos de tijolos se elevem no espaço, passeando nos ares com uma velocidade relativamente fraca, alcançando a clínica. Tudo aquilo exigia um trabalho considerável contra a gravidade e é difícil imaginar que o sistema nervoso de um ou vários doentes possam fornecer esta energia sem prejuízos para o doente.

Trata-se de um fenômeno paranormal, este utiliza uma energia presente na natureza, mas da qual no momento não fazemos idéia.

No mês de agosto, um doente, agente de polícia e por princípio testemunha qualificada e bom observador, viu partir um seixo. Saía de um quarto! De um quarto desocupado de clínica no 2.^o andar. Imediatamente correu: o quarto estava vazio e a porta fechada à chave.

Outro incidente curioso: um dos doentes abundantemente suado se punha a uivar: "Quando este imbecil vai parar?". E o fenômeno parava... para recomeçar meia hora depois, porém mais moderadamente. Cremos que o fenômeno em questão seja capaz de ter reações...

Fenômenos desse gênero são muito freqüentes para que se possa atribuí-los a farsantes ou a loucos. Houve um caso em Bordeaux, onde um jovem louco, com um lança-pedras, arrasou todo um quarteirão. Há também, numerosos casos de loucos atiradores que certamente foram detidos. Mas numa maioria de casos, os arremessos de pedras, e algumas vezes blocos de gelo, não têm, no momento, explicação científica.

Não se pode falar de alucinações, coletivas ou não, visto que os seixos permanecem após os fenômenos.

O Dr. Cuénot fez uma análise psicológica em Jacqueline, muito interessante por sinal, mas que nada revelou de especialmente anormal.

A jovem não parecia aterrorizada e achava muito engraçado ser o centro de um fenômeno que nenhum adulto pode explicar. Ela não queria se vingar do que quer que fosse e, no fundo, nada provou que tivesse qualquer relação, paranormal ou não, com o fenômeno. A clínica é bastante antiga, mas sem nenhum precedente paranormal ou sobrenatural.

Então?...

Então, como no caso de Rosenheim, encontramos em presença de uma força não conhecida da ciência e que parece apresentar, com os fenômenos científicos, uma diferença essencial: uma manifestação da consciência. Esta força se ligava a um ser particular, Angelina primeiro, Jacqueline em seguida, no caso da clínica; esta força parece ser sensível às reações humanas e não se manifesta mais quando o ser parte.

Depois ela se liga a uma outra pessoa. Um animal se comportaria assim, um pássaro por exemplo. Salvo que não se conhece caso de comportamento deste gênero por parte dos pássaros. Conhecem-se roubos de objetos brilhantes, como as pegas, mas não pássaros que perseguem alguém. Um pássaro teria por outro lado, sido visto.

Haveria em torno de nós animais invisíveis, "coisas danadas", como dizia Ambrose Bierce?

A hipótese é inquietante, mas sem o menor elemento de prova. Em 1969, em Carcassonne, uma vítima de arremesso de pedras chegou munido de um saco de farinha e uma máquina fotográfica. No momento dos arremessos das pedras, esta pessoa lançou o saco de farinha para o ar. Tirou uma foto que foi publicada no *France-Soir* e que mostra uma espécie de vulto. Não é muito convincente. Pode-se admitir que esta foto tenha sido montada porque a farinha está fixada sobre um objeto invisível. Pode-se igualmente admitir que seja um embuste.

Finalmente, eu exigiria muito mais provas antes de crer na realidade de um novo reino animal invisível.

Não creio muito nas explicações espíritas: fantasmas, ectoplasmas etc. porque, em laboratório, esse gênero de manifestações revelou ser truque. Sempre e sem exceções. Ver a este respeito minhas notas na obra de Robert Amadou *Os grandes médiums* (edições Denoël, coleção La Tour Saint Jacques).

A título humorístico citarei a hipótese do professor Nandor Fodor: segundo esse psicanalista húngaro, digno discípulo de Freud, os espíritos lança-pedras seriam fantasmas, não fantasmas de pessoas, mas fantasmas de complexos!...

Dito de outra forma, haveria complexos de tal forma humilhados que seus complexos ficariam, após sua morte, como um nó no espaço-tempo... Voltemos às possibilidades mais sérias.

O físico americano George O. Smith, inventor do foguete de proximidade e autor de ficção científica, emitiu a hipótese de que os espíritos agitadores

são produzidos por forças naturais que de hábito se neutralizam completamente no espaço.

As correntes elétricas do cérebro, segundo Smith, romperiam este equilíbrio e produziriam movimentos turbilhonantes que aprenderemos um dia a dirigir mas que, para o momento, são controlados unicamente por impulsos inconscientes.

Isto pode parecer suficientemente plausível para justificar uma pesquisa ulterior. É preciso esperar que esta procura nos trará a chave do enigma dos espíritos agitadores e lançadores de pedras e, quem sabe? Talvez a antigravitação.

O FANTASMA ELÉTRICO DE ROSENHEIM

Os fenômenos extraordinários que aconteceram em novembro de 1967 na Alemanha, em Rosenheim, na Baviera, não foram somente examinados por psicólogos ou por parapsicólogos. Ao mesmo tempo que o professor Hans Bender do Institut fur Grenzgebiete der Psycologie (Freiburg) (Instituto para as fronteiras da psicologia em Friburgo, Brisgau), dois físicos, F. Karger e G. Zicha, os estudaram de forma aprofundada.

Depois dos romanos ao menos, reconheceram-se os fenômenos parapsicológicos em que há uma absorção de energia: a temperatura baixa. Mas o fenômeno de Rosenheim absorve também energia elétrica. É, portanto, novo e merece um estudo sério.

Em novembro de 1967, num tabelionato de Rosenheim, tubos luminosos de 2,50 metros no teto se puseram a desaparafusar-se sozinhos. Os disjuntores saltavam sem motivo. Os líquidos da máquina de fotocópia saíam das cubas e saltavam, sujando tudo. Os quatro telefones soavam ao mesmo tempo, sem ninguém na linha. As contas de telefone eram enormes: o alarme tocava milhares de vezes. Um primeiro estudo do fenômeno foi feito pela companhia

de eletricidade e a Sociedade Siemens, assim como pela televisão alemã, que apresentou o fenômeno em duas emissões.

Depois o professor Bender foi convocado. Constatou-se que o fenômeno se produzia sempre em presença de uma empregada de 19 anos, que designaremos sob a abreviação de Anne-Marie Sch.

A polícia criminal, por sua vez, por queixa do diretor do escritório, Herr Adam, abriu um inquérito. Nenhuma fraude foi constatada. Registrhou-se, por exemplo, uma rotação de 320.^o em um quadro suspenso na parede. Esta rotação pareceu ser produzida por forças paranormais.

Os tubos luminescentes foram substituídos por lâmpadas incandescentes, que estouraram.

Na presença de peritos, gavetas se abriam sozinhas e um classificador, pesando 175kg, afastou-se 30cm da parede.

Fraulein Sch. ficou doente, recolheu-se em sua casa, onde os mesmos fenômenos se produziram. Mudou de emprego: os mesmos fenômenos se produziam. Instrumentos de medida mostravam que o fenômeno absorvia energia elétrica. O mesmo fenômeno toca o alarme cinco vezes por minuto, sem se tocar no mostrador!

Os impulsos apareciam diretamente na linha. Algumas análises foram feitas em Fraulein Sch., e demonstraram que os fenômenos estavam ligados a estados de hipertensão. Pelo que se pode julgar, ela não teve nenhuma intenção maldosa ou hostil e toda sua atitude parecia mostrar que ela queria ajudar seu patrão Herr Adam, e mesmo porque estes fenômenos a inquietavam muito. Se bem que em licença médica, ela comparecia ao escritório

quando lhe pediam, o que permitiu estabelecer correlação séria entre os fenômenos e sua presença.

Foi também submetida a testes de parapsicologia. Durante seus momentos de tensão, ela manifestava faculdades de clarividência de nível elevado. As últimas experiências desta jovem são bastante desalentadoras. O fenômeno em questão, tendo aparentemente seguido-a na rua, entrou com ela num boliche, cujo responsável era o noivo da moça. Todo o dispositivo elétrico de registro do boliche desarranjou-se e o noivo, aterrorizado, rompe o noivado. Após isso, ela caiu doente. Este drama mostra que Fraulein Sch. não tinha nenhum interesse em organizar essas manifestações mesmo que pudesse.

As manifestações em questão, notadamente os chamados do telefone automático, exigiriam uma potência mental extremamente elevada e o exercício de sentidos que o homem não possui ou que lhe são ainda desconhecidos. Trata-se, com efeito, de emitir, à distância, sinais elétricos e de enviá-los a uma linha com uma precisão da ordem de milésimos de segundo. Nenhum ser humano possui normalmente tais poderes e isto é que mais inquieta neste fenômeno.

O estudo dos físicos F. Karger e G. Zicha mostra que o fenômeno de Rosenheim parece fazer oscilar a agulha de um instrumento de medida, sem que nenhum fenômeno natural o explique. As seguintes causas naturais foram examinadas e eliminadas:

1) As variações de voltagem das linhas (apesar da deflexão registrada, a voltagem permanecia constante).

2) A voltagem de alta frequência desmodulada composta com característica não linear (nada de sinal na sonda de tensão, investigação feita por um gerador de sinal de 100 watts).

3) Carga eletrostática.

4) Campo magnético estático externo (nada de sinal na sonda de campo magnético).

5) Mau contacto no sistema de amplificação eletrônica, mecanismo desordenado no registrador. Os mesmos fenômenos foram produzidos com um segundo registrador totalmente novo: hipótese rejeitada.

6) Efeitos de ultra-som ou infra-som, fortes vibrações.

7) A hipótese de fraude por intervenção humana manual no registrador foi totalmente eliminada.

Foi também detectado, colocando-se um microfone, um sinal de amplitude de 10 volts que bem parece ser o resultado de uma pressão mecânica paranormal sobre o cristal do microfone. Nenhum som foi ouvido. O microfone estava sob vigilância e ninguém se aproximou.

Quando se registraram impulsos anormais de corrente, constataram-se deslocamento do lápis registrador correspondentes a correntes de 50 *ampères*. Nenhuma corrente foi detectada.

Os registradores empregados eram todos do tipo padrão e perfeitamente regulados. A rotação de um quadro foi registrada no escrinio por um dispositivo Amplex Videó Recorder, do tipo correntemente utilizado em TV. Foi a primeira vez que um dispositivo desse gênero registra fantasmas...

Conhece-se bem um caso na Grã-Bretanha, onde uma câmera de televisão com a qual procurava-se registrar um fantasma em uma casa assombrada, foi puxada por mãos invisíveis e caiu no vão da escada, apesar do *câmera-man*. Mas a partir desse dia nunca mais se viu aparelhagem eletrônica padrão registrar fenômenos de origem paranormal. Por esta razão, o caso Rosenheim permanecerá histórico. É preciso acrescentar, sob o plano da eletrônica, que os fenômenos continuam ainda, quando se alimenta o local com acumuladores sem ligá-lo ao setor. Isto elimina a possibilidade de irregularidades do setor, aliás elas teriam sido detectadas pelo serviço de manutenção que vigiou, durante toda a duração dos acontecimentos, um registrador Siemens Unireg na linha de chegada da corrente. A única coisa interessante no relatório do serviço de manutenção é o testemunho de um empregado, que viu Fraulein Sch. passar no corredor e constatou que as lâmpadas balançavam-se atrás dela.

O exame médico de Fraulein Sch. mostrou espasmos musculares inquietantes de um tipo histérico, que cessavam quando ela deixava o tabelião.

Os pais de Fraulein Sch. se opuseram a um interrogatório e a um tratamento hipnótico. Talvez eles tivessem razão; o hipnotismo é um fenômeno ainda mal conhecido.

Para resumir: os relatos das testemunhas, os relatórios da polícia, os relatórios do serviço de manutenção da rede elétrica de Rosenheim, os relatórios dos parapsicólogos e dos físicos concordam: fenômenos de origem desconhecida se desenrolaram em Rosenheim.

Estes fenômenos são tipo *poltergeist* (ou “espíritos brincalhões”). Constataram-se em toda parte

e em todas as épocas. São muitas vezes acompanhados pela presença de adolescentes ou raparigas, mas não sempre.

O escritor inglês Arthur Machen, que fez várias pesquisas a esse respeito para jornais, recebeu numerosos testemunhos controlados, de casos onde nenhum adolescente estava presente. Entre esses testemunhos, havia um de uma verdadeira perseguição numa pensão familiar de Londres, onde havia apenas pensionistas idosos e o testemunho de um bispo anglicano que viu, na África, uma choça literalmente picotada e reduzida a pequenos pedaços, na presença de várias centenas de testemunhas. Esta choça, que havia sido evacuada, fora habitada por um casal de velhos e nenhum adolescente se achava presente.

Não há nenhuma hipótese, nem mesmo nenhuma correlação suficientemente precisa para ligar os fenômenos a forças naturais conhecidas.

Pela primeira vez em Rosenheim, nota-se uma correlação com a eletricidade. É possível que a mesma correlação poderia ter constatado, no passado, fenômenos elétricos com os instrumentos, detectando-os e registrando-os.

Plínio, o Velho, descreve um caso muito análogo ao de Rosenheim, mas não dispunha evidentemente das idéias nem dos instrumentos que lhe teriam permitido verificar como os fenômenos se produziam.

É necessário salientar o valor dos Drs. Karger e Zicha, que estudaram o fenômeno sob o plano científico. Fazem eles parte do Instituto de Plasmáfisica Max-Planck em Munich-Garching, uma instituição científica das mais idôneas. O fato de serem autorizados a participar do inquérito e a fazer um

relatório oficial, que possuo, é a prova de uma abertura de espírito muito rara entre os cientistas oficiais.

Também a polícia, o serviço de distribuição elétrica e a televisão alemã provaram, neste caso, uma compreensão e uma larga visão absolutamente notáveis.

A própria polícia aceitou uma queixa contra X, mas não mudou de “espírito” até o presente.

É preciso dizer que o local do fenômeno não era um castelo maldito e discutível, mas um escritório de um advogado alemão e não se pode imaginar nada de frívolo.

Pequenos efeitos psicocinéticos, onde a vontade humana parece agir sobre a matéria, parecem ter sido constatados pelos pesquisadores, embora outros o desmintam.

Mas nunca um efeito com deslocamento de 30cm de um objeto de 175 kg foi observado em laboratório, nem em outros lugares.

Se existe uma força da natureza desconhecida emanando do espírito humano e agindo sobre a matéria, ela pode igualmente agir com elétrons que são materiais, produzindo assim uma corrente elétrica. Ou ainda, agir nas molas de um mostrador telefônico automático, ou sobre uma agulha de um instrumento de medida.

A força de Rosenheim produzia fenômenos que, segundo o professor Bender, “deviam ser dirigidos por uma inteligência possuidora de um conhecimento técnico perfeito, capaz de estimar intervalos de duração na ordem de milésimos de segundo”.

É o que há de novo e assustador no fenômeno de Rosenheim: estão *em progresso* fenômenos análogos.

Ao lado de nossa vida, uma outra vida de natureza elétrica está acabando de nascer e de evoluir?

Vai um dia apoderar-se de nossas máquinas, como na terrificante novela de Theodore Sturgeon "Killdozer"?

PESSOAS QUE SE QUEIMAM ESPONTANEAMENTE

POR RONALD J. WILLIS

A combustão espontânea e sem razão, de seres humanos ou de objetos, diz respeito a um problema singular, o do "fogo secreto". Segundo os alquimista existiria uma outra variedade de fogo além da que conhecemos. Este fogo secreto seria extremamente perigoso. Em termos de física moderna, poder-se-ia interpretar este fenômeno como intermediário entre a energia química e a energia nuclear. O artigo de R. J. Willis é uma excelente contribuição para os estudos desse gênero.

A proprietária levava um telegrama à porta da sra. Reeser, em Saint Petersburg, na Flórida. Bateu três vezes e esperou. Nenhuma resposta, bateu novamente. Nada. Procurou ouvir algo. A maçaneta estava quente, o que lhe evocou um leve odor de fumaça, que ela havia notado um pouco antes. Mas o odor desapareceu e ela não chamou os bombeiros. Após bater ainda várias vezes, chamou a polícia, que chegou e forçou a porta. Uma visão horrível os aguardava.

No centro do apartamento, uma grande poltrona estofada estava queimada até em suas molas me-

tálicas. Havia um pouco de fuligem no teto e o tapete estava queimado ao redor da poltrona; a não ser isso, o fogo havia sido sem importância. Mas onde estava a sra. Reeser? Adiantando-se até a poltrona, a polícia descobriu o que restava. Seu crânio estava lá, completamente carbonizado e reduzido à dimensão de uma bola de tênis. Encontrou-se também um fragmento de sua coluna vertebral e um pequeno pedaço do pé. Era tudo, salvo algumas cinzas ao redor da poltrona.

O *coroner*⁽¹⁾ ficou estupefato. Como um incêndio tão insignificante, que queimara apenas o estoafamento de uma poltrona e que não havia sido notado na casa, poderia ter consumido completamente um corpo humano? Chamou-se o Dr. Wilton Krogman, especialista muito conhecido em mortes pelo fogo, da Escola de Medicina do Estado da Pensilvânia, que estava de férias nos arredores. “É a coisa mais estupefaciente que jamais vi”, disse ele. “Não posso imaginar uma cremação tão completa, sem maiores danos ao próprio apartamento. Nem vi um crânio humano reduzido dessa forma por um calor intenso. Geralmente ocorre o contrário: os crânios são anormalmente aumentados ou explodem em pedaços.”

A polícia encarou o caso como suicídio, crime ou acidente, mas sem encontrar nenhum motivo para esta morte. Sobretudo, não havia nenhum motivo conhecido pelo qual a Sra. Reeser pudesse ter sido morta daquela forma. Seria necessário uma temperatura aproximada de 2.500 graus e perto de três horas para consumir um corpo humano a esse ponto — perguntam a um crematório.

(1) Tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra — é bem conhecido nos romances policiais — é um oficial civil encarregado de fazer o interrogatório, assistido por um júri, em caso de morte violenta ou súbita.

Caso único, estranho, inexplicado, da morte de uma senhora idosa? Não, simplesmente um caso entre outros, de uma longa lista de mortos, muitas vezes classificados sob a designação desusada de "combustão espontânea". Através dos séculos, médicos assinalaram casos em que corpos humanos se incendeiam bruscamente ou são encontrados fantasticamente carbonizados, sem que se possa explicar como aquilo pôde acontecer. Muitas vezes, os arredores permanecem completamente intactos, o que demonstra que o enorme calor é, de uma forma ou de outra, praticamente limitado ao próprio corpo. Esta limitação do calor em círculo imediato é um dos aspectos mais misteriosos deste fenômeno.

Tomemos o caso dos Rooney. Viviam numa fazenda perto de Sêneca, em Illinois. Na noite de Natal de 1885, Patrick Rooney, sua mulher e seu empregado John Larson beberam uísque na cozinha. Larson foi em seguida se deitar e acordou na manhã do Natal com enxaqueca. Em baixo, na cozinha, encontrou sobre o assoalho, todo recoberto com uma película de óleo, Patrick Rooney, morto. Larson pegou seu cavalo e foi prevenir o filho de Rooney, John, que morava perto. Voltando à fazenda, os dois homens notaram um buraco carbonizado perto da mesa da cozinha. Olhando na escavação, encontraram por baixo do assoalho um crânio calcinado, alguns ossos queimados e um pequeno monte de cinzas. O *coroner* julgou que Patrick morrera pela asfixia provocada pela fumaça do corpo de sua mulher que se incendiava. O júri não deu nenhum veredito. A sra. Rooney havia desaparecido no fogo de uma temperatura fantástica, que não se alastrara além dos arredores imediatos. Aquilo ultrapassou a com-

preensão deste júri de fazendeiros do Meio-Oeste do século XIX.

O Dr. Dixon Mann, num trabalho de medicina legal, nos apresenta um certo número de casos de combustão. Um deles refere-se a uma mulher de quem encontraram-se apenas ossos queimados sobre o assoalho de seu quarto. Mann, como muitos autores que discutem casos de "combustão espontânea", pensava que todas saíram das vítimas fossem grandes bebedores e, que, assim embêbidos de álcool, o organismo poderia de uma forma ou de outra queimar-se espontaneamente. Algumas das vítimas eram alcoólatras, mas outras não bebiam uma gota de álcool. A teoria "alcoólica" não é, com toda evidência, satisfatória.

Eric Frank Russel, o escritor inglês, em sua obra *Great World Mysteries* (Mayflower-Dell, ed., Nova York, 1967), estudou dezenove casos de combustão espontânea de seres humanos que encontrou nos jornais do ano de 1958 os quais não são, sem dúvida alguma, senão uma pequena parte de casos que realmente sucederam. O mais espetacular aconteceu em Chelmsford, na Inglaterra. Em meio a um baile, uma mulher se pôs a arder com brilhantes chamas azuis e, em poucos minutos, dela restou apenas um montículo de cinzas carbonizadas. O *coroner* declarou: "Nunca em minha carreira deparei com um caso tão misterioso como esse".

Curiosamente, Russel descobriu uma sinistra "regra de três" para esses acontecimentos. Em dezembro, dia 27 de 1958, uma mulher se consumiu em Downham, no Kent; um outro em Brixton, e um homem em Balina, na Irlanda. Nenhuma dessas pessoas se encontrava perto de fogo, nem sequer fumava.

Os três mortos do dia 7 de abril de 1958 foram ainda mais perturbadores. A bordo do navio cargueiro Ulrich, ao largo da costa da Irlanda, o imediato notou que o navio fazia desvios e se apercebeu que o timoneiro havia desaparecido. Restava um monte de cinzas diante do timão. Não havia vestígios de fogo; a roda, o compasso, o soalho, mesmo os sapatos do morto estavam intactos. Outros marinheiros encontravam-se trabalhando num ponto não longe de lá, mas nenhum ouviu um grito, nem mesmo um ruído. Pensou-se num raio, mas o céu estava claro e não se ouviu trovoadas.

No mesmo 7 de abril, próximo de Upton-by-Chester, na Inglaterra, um caminhão caiu numa vala. A polícia constatou que o motorista, George Turner, havia sido completamente incinerado. Não houve fogo na cabina, salvo o próprio motorista.

O terceiro do dia 7 de abril de 1958 aconteceu perto de Nimègue, na Holanda; William Ten Bruijk foi encontrado morto "queimado além de toda possibilidade de identificação" no seu Volkswagen. Não obstante, os danos do carro foram leves e o tanque de gasolina não se incendiara. Mais uma vez, não houve explicação para a incineração.

Por que essas três mortes de Greeley, Turner e Ten Bruick são tão perturbadoras? Foram produzidas num vasto espaço, a centenas de quilômetros ... *exatamente no mesmo momento!* O que sugere uma certa ligação entre essas três mortes estranhas, ainda que separadas por tais distâncias.

Por que os cientistas evitam tanto envolver-se nesses casos de combustão espontânea? Em parte, porque não se tem bem conta de sua frequência e muitos casos podem não ser publicados pelos jornais e as revistas especializadas falam muito raramente.

Para o pesquisador científico ou médico, esses casos devem ter algum odor medievalesco, então eles se recusam a estudá-los.

O caso de Peter Vesey deixou certo ar propício para uma narrativa com fenômenos ocultos. Vesey há muito tempo escrevera romances de “ficção astrológica” e se envolveu de certa forma com o ocultismo. Trabalhava só em seu escritório numa casa de campo isolada. Como se propusera, na época, a trabalhar num projeto muito especial, pediu à sua mulher e a seu filho para darem um passeio de mais ou menos uma hora e deixá-lo só. Ao retornar, eles encontraram, sobre o assoalho da sala de estar, os restos endurecidos e carbonizados de Peter Vesey. Nenhuma outra coisa havia se queimado. A chaminé estava acesa no outro extremo do aposento. Mas ao que parecia não podia ter relação com a morte de Vesey.

A lista de casos alonga-se de ano para ano. Um, muito recente, aconteceu na França, de um recorte de jornal que Jacques Bergier encontrou, sem infelizmente poder precisar a data, a não ser que deve se situar nos últimos dez anos. Leon Eveille, de 40 anos, foi encontrado completamente reduzido a cinzas no seu Simca, numa floresta de abetos, perto de Arcis-sur-Aube. O mais estranho é que as vidraças do carro estavam totalmente fundidas. Ora, um automóvel que se queima não produz uma temperatura superior a 700°C e o vidro só se funde em torno de 1.000°C. Não se encontrou explicação para este fogo ardente que funde vidro ...

Muito curiosamente talvez, Bergier relacionou com o fato de que em 1954, um certo sr. Réveille — sabe-se que a imprensa muitas vezes estropia os nomes, Réveille-Eveille, é bastante próximo — de-

clarou ter visto a uns vinte quilômetros do local onde sucedeu o caso acima, um objeto luminoso emitindo calor intenso. Se bem que chovesse fortemente, o local onde se achava este objeto antes de voar, ficou seco durante mais de meia hora após, devido ao aquecimento do solo.

Cita-se igualmente o estranho caso de um professor da Universidade de Nashville, no Tennessee. Pouco antes de 1835, voltando de um passeio, retornou a seu escritório. Enquanto anotava indicações de seus instrumentos meteorológicos, sentiu subitamente a perna esquerda como que queimando. Esfregou-a para fazer cessar a dor, mas esta aumentou. Sobre a perna de sua calça, viu uma chama de um ou dois centímetros de largura. Bateu suas mãos sobre ela e logo se extinguiu. Tirou a calça e descobriu que tinha a pele levantada cerca de 7,5cm de comprimento. Seu calção (longo) tinha um buraco queimado no mesmo local mas a calça estava apenas marcada. A queimadura da perna sarou lentamente. Este caso foi qualificado na época como “combustão espontânea parcial”.

Ainda no século XIX, em Londres, a mãe de um tal sr. John Wright abrasou-se de súbito, quando estava sentada diante da lareira onde queimava um pouco de lenha. A criada conseguiu apagar as chamas da roupa, mas um pouco mais tarde recomeçava. De novo, as chamas foram extintas. De manhã cedo encontrou-se a senhora transformada em tocha viva na cozinha. Extinto o fogo, colocaram-na na cama, mais uma vez, ela pegou fogo. Wright ineriminou a criada pelos acidentes, mas sua mãe o desmentiu energicamente. Ela declarou que “algo sobrenatural a atacava”.

Charles Fort cita vários desses casos em sua obra *Wild Talents* (Holt, Nova York, ed., 1941). Vincent Gaddis também no *Mysterious Fires and Lights* (McKay, Nova York ed., 1967) assim como Eric Frank Russel, já citado.

Poder-se-ia continuar uma lista indefinida, mas afinal qual poderia ser a explicação para esses fatos terríveis? Muitas vezes as autoridades atribuem-nas a chamas de lareiras ou imprudência de fumantes que teriam ateado fogo às roupas ou na cama. Mas em quase todos os casos, são apenas “explicações” de circunstâncias, simplesmente para tirar o embaraço das autoridades que não têm nenhuma idéia das causas do fenômeno. Muitas das vezes, as vítimas não eram fumantes, encontravam-se muito longe de qualquer tipo de lareira e, além do mais, nos nossos dias, lareiras descobertas são muito raras. Os autores do século XIX, como já dissemos, supunham que muitas das vítimas fossem bêbadas e assim, embebidas de álcool, queimar-se-iam com facilidade.

Entretanto, todas as experiências embebendo-se grandes quantidades de álcool em tecidos animais mostraram que é virtualmente impossível fazê-las incendiar, nem sobretudo queimar atingindo o calor fantástico de 2.500°C. necessário para incinerar a carne e os ossos. Entretanto poderia existir alguma excepcional condição bioquímica que se produziria no corpo humano e levar a este incendiamento. O caso do professor de Nashville parece indicar essa possibilidade, mas não temos idéia qual seria esta condição.

Alguns desses casos poderiam ser de suicidas “psíquicos”? Muitos, com efeito, referem-se a pessoas idosas, especialmente mulheres, que podem se

sentir abandonadas, esquecidas da vida. É possível que mesmo os Lung Gompa, ascetas budistas, que se dizem capazes de se sentar na neve e fazê-la derreter até 2,50m em torno deles, estas pessoas podem subconscientemente colocar em ação uma energia, emitindo um calor intenso até o ponto de se destruir completamente?

Esses casos de combustão espontânea parecem não ter relação com objetos voadores não-identificados ou pelo menos não foi assinalado por ninguém. Charles Fort cita no *Wild Talents*, casos que se achavam ligados a manifestações de *poltergeists*.⁽¹⁾ Os casos nos quais o corpo se carbonizou sem que as roupas estejam queimadas, são particularmente difíceis de explicar.

Raros são os casos que conheço ou que assinalaram os autores citados acima que parecem ter relação particular com as condições meteorológicas, no momento da combustão espontânea. No caso Greeley, estas condições seriam notadas; se houvesse uma tempestade, o raio poderia ser invocado como explicação. Pode ser que não haja relação nenhuma com fenômenos meteorológicos, mas para nosso melhor conhecimento dos fatos é necessário um certo acúmulo de informações.

Portanto, talvez, a explicação desses casos de "combustão espontânea" seja mais extraordinária de tudo que possamos imaginar. Estudando os casos citados por Russell, Michael MacDougall diz a propósito das três vítimas de 7 de abril de 1958: "Sucedeu como se uma criatura galáctica de um porte

(1) Mesmo, o comandante Emile Tizané, em sua curiosa obra: *O hóspede desconhecido no crime sem causa* (1952), citado por Danielie Hemmert e Alex Roudène no *Universo dos Fantasmas* (ed. Albin Michel, Paris, 1972).

inimaginável sondasse a Terra com uma espécie de tridente, três pontas de fogo que só queimasse a carne.”

É possível que existam inacreditáveis criaturas do fogo⁽¹⁾, dotadas de sentidos, que se fundem sobre determinadas pessoas e incineram-nas misteriosamente? Lembremo-nos da Sra. Wright que declarou que “alguma coisa sobrenatural” a atacava. O motivo que impeliria essas criaturas está além de nossa imaginação e muitas coisas do Universo estão fora de nossa compreensão.

Não é muito agradável de pensar à noite ao deitar-nos!...

(1) O escritor e filósofo inglês W. Olaf Stapledon os imaginou numa de suas obras mais notáveis, um romance intitulado *The Flames* (As chamas, 1930).

O PRESBISTÉRIO ASSOMBRADO DE BORLEY

De todos os casos expostos neste livro, este do presbitério de Borley é o único que apresenta explicação lógica. Por uma boa razão, mas esta razão é de forma inesperada; o final parece-se com os melhores romances policiais; a história do presbitério assombrado de Borley poderia ter sido escrito por Agatha Christie.

Todos os fatos que citamos, compreendendo o inacreditável fim, são perfeitamente autênticos.

Iniciemos pela lenda.

No século XIII, num campo inglês, erguia-se um mosteiro e um convento de freiras. Um monge fugiu com uma religiosa e eles foram capturados e mortos. A religiosa, o veículo na qual ela e o monge foram capturados, e um cocheiro sem cabeça, aparecem sob a forma de fantasmas durante séculos.

No século XIX, este local do condado de Essex, tornou-se o lugar de um presbitério construído em 1863, pelo Reverendo Henry D. E. Bull. Este homem piedoso morava com sua mulher e quatorze filhos, sem aborrecimentos maiores. Seu filho lhe sucedeu como pastor. Em 1900, no dia 28 de julho,

viu-se o fantasma da religiosa, mas à parte isso, é a calma que precede a tempestade.

Em 1928, no dia 2 de outubro, o Reverendo Eric Smith foi nomeado para o presbitério de Borley. Em 1929, tendo o pressentimento de que o presbitério estava assombrado, escreveu ao jornal *Daily Mirror*. No dia 10 de junho de 1929, o *Daily Mirror* enviou para pesquisar, o célebre caçador de fantasmas Harry Price. Em 12 de junho de 1929, iniciou-se o trabalho. Pedras e objetos foram lançados. Golpes eram ouvidos do outro lado dos espelhos. A empregada vê aparições. O reverendo, aterrorizado, deixa Borley. Em 16 de outubro de 1930, após 6 meses durante os quais o presbitério ficou sem titular, as autoridades eclesiásticas nomeiam outro reverendo, Lionel A. Foyster.

A partir daí, foi espantoso. Durante dois anos, os fenômenos se multiplicaram sob todas as formas. Em janeiro de 1932, tentou-se o exorcismo. Um exorcismo assaz esquisito por sinal, pois foi realizado por um grupo espírita. Este acalmou um pouco os "espíritos". Em maio de 1937, Harry Price anunciou que ia trabalhar e se instalou no presbitério. Ele trouxe espíritas que entraram em contacto com a religiosa assassinada, uma francesa chamada Marie Lairre. Os fenômenos pareciam mais belos.

No dia 27 de fevereiro de 1939, à meia-noite, foi a apoteose. O presbitério assombrado incendiou-se e queimou-se até a base. As testemunhas do incêndio viram seres estranhos e não-humanos que caminhavam nas chamas. Após este final esplêndido, sucederam-se alguns pequenos fenômenos.

Em 1943, Price encontrou ossadas humanas que supunha-se ser da religiosa.

Em 1944, um tijolo das ruínas levantou-se e projetou-se sobre Price, por pouco não o acertando.

Grupos de procuradores de fantasmas e de espíritos caminhavam pelas ruínas malditas.

Em 1948, Harry Price morreu. E no mesmo ano, a extraordinária verdade eclodiu: "*Era o próprio Harry Price, o grande caçador de fantasmas, que criava todos os fenômenos.*

Isto nos faz lembrar dos romances policiais em que o detetive é o criminoso. Era Harry Price que lançava tijolos, ruídos, os golpes e depois, muito provavelmente, provocou o incêndio.

Harry Price sabia, desde 1938, que a lenda da religiosa era uma mistificação, inventada com peças do século XVI. Provas formais haviam sido fornecidas e ele tratou bem de publicá-las. Encontraram-se testemunhas que o haviam visto bater ou lançar tijolos. Nada mais resta da lenda.

Isto se fez à custa de muita gente. O dr. Paul Vasse escreveu: "Bem parece ... que Harry Price forjou a nota, aplicou truques, inseriu testemunhas, querendo a todo custo que aquilo fosse sensacional. Mas talvez, como se sugere no fim desse livro, com uma ingenuidade excessiva, queria dar o golpe dos anóezinhos, este golpe dos anóezinhos de Ampère que forjou o fenômeno".

Price é evidentemente responsável, mas o desejo das pessoas de crer a todo preço tem também uma grande parte de responsabilidade.

Durante anos, testemunhas imparciais assinalaram a presença de numerosos ratos no presbitério de Borley. Não se deu atenção. É uma dessas testemunhas célicas, motorista de um carro que transportava um grupo de espíritas, quem fez uma brilhante intervenção quando se queria evocar o re-

verendo Bull, colocando-se na sombra, exclamou com voz gutural: "O reverendo Bull está morto e vocês estão forjando". Este incidente apareceu somente muito mais tarde, quando a lenda desabou. Mas falhou o livro definitivo de Eric J. Dingwall, Kathleen M. Goldney e Trevor H. Hall (*O presbitério Assombrado de Borley*, surgido na França na editora Denoël, em 1958) para estabelecer definitivamente a verdade.

Portanto, desde 1949, numerosas testemunhas afirmavam que era Price o responsável pela mistificação. Ainda nos nossos dias, ele aparece em livros tratando do presbitério de Borley como "a casa mais assombrada da Inglaterra"!

A lição a se tirar desta história é que, em matéria de parapsicologia, é preciso desconfiar de tudo e de todos.

Não só as pessoas inventam no presente, mas um grande número de lendas são puras invenções. Isto não quer dizer que todos os fenômenos sejam falsos, e outros dois artigos nesta mesma série, na clínica maldita de Hossegor e o fantasma elétrico de Rosenheim, concernentes a fenômenos cuja realidade está perfeitamente estabelecida.

No caso de Borley, trata-se ao mesmo tempo de uma lenda que todos coloriram e de um personagem sem escrúpulos, que publicou numerosos livros, participou de reportagens e de emissões de rádio e TV. É possível que antes de Price um certo número de farsantes tenham agido em Borley. Estudam-se de perto as aventuras de pequenos grupos de espíritas e caçadores de fantasmas, variando de quatro a doze que circularam por Borley. Em numerosos casos, nota-se muito bem como a sugestão nasce e

se propaga; sob o plano psicológico esses diversos depoimentos são de enorme interesse.

O que é muito interessante no caso de Borley é que encontramos pessoas prontas a crer absolutamente, não importando em que.

Foi assim que uma jaqueta abandonada por um trabalhador que viera limpar a casa, e que foi identificado depois, foi considerada enviada de forma paranormal. Quatro pessoas viram-no materializar-se! Após isso, não é espantoso que se vejam criaturas andando nas chamas... O que é de se surpreender, é que nenhum disco-voador tenha aterrissado em Borley. Este fato é, provavelmente, duvidoso uma vez que os discos-voadores começaram a aparecer em 1949, e Price morreu em 1948, sem o qual não poderia ter aterrissado disco-voador em Borley. Porém viram-se em Borley luzes estranhas que poderiam ser fogos de pouso dos discos-voadores. Também falou-se que o Santo Graal estaria nos alicerces do presbitério. Por que não? É preciso notar que se organizaram em Borley os "happenings" em termos modernos, mas que se chamavam na época de "festas psíquicas".

O jornal Suffolk Free Press, ao qual deixo a responsabilidade, disse que durante uma dessas festas, em 1942, tinha-se visto em Borley, em plena luz do dia, o veículo-fantasma lendário, completo, com seus ocupantes em costume da época, visitando o presbitério, depois alçando-se nos ares como uma nuvem e desintegrando-se, os membros, as rodas etc., caíram em todas as direções!

Falou-se também de uma mulher que, ao visitar Borley, teve sua aliança arrancada do dedo. Uma carruagem foi ouvida correndo pela alameda.

Mais de trinta pessoas ouviram tilintar campainhas invisíveis na alameda que levava a Borley.

Em 27 de abril de 1941, um pesquisador espírita, M. S. L. Croft, perdeu um lápis em Borley. Segundo ele, este lápis foi carregado para um outro mundo. Este pesquisador enviou uma descrição deste lápis, no caso de ele achar-se implicado nesses fenômenos.

Um outro pesquisador, em 1947, deixou sua capa perto do muro do cemitério: em sua ausência, alguém sentou-se sobre ela.

Houve numerosas outras testemunhas que não se soube o que viram, porque somente contariam em troca de pagamento, por vezes modesto.

Alguns contestar-se-iam por um guinéu, que é pouca coisa, quando pensamos no caso de um casal, na América, levado por discos-voadores e que recebeu 50.000 dólares de um semanário.

Cita-se também o caso de um grupo de estudantes que organizaram uma aparição num relvado; esta aparição foi descrita com pormenores nos relatos espíritas.

Houve também um cão fantasma, mas que foi abatido a tiros de fuzil pelos habitantes, em 1952. Fez-se uma busca sistemática nas cavernas, onde se descobriram acumuladores, fios e lâmpadas elétricas: tudo o que era necessário para organizar luzes fantasmas.

A menos, evidentemente, que esses acumuladores proviessem do além.

Finalizando, eis alguns detalhes da parte de uma testemunha a respeito dos tijolos voadores nas ruínas: Eu lhe falei, então de nossa primeira entrevista, há um ano - observei eu mesmo a mais descarada trapaça da parte do falecido Harry Price.

Em 1944, ele nos conduziu a Borley, David Scherman e eu. A versão do Sr. Price do que aconteceu se encontra no *E.B.R.*, pág. 284. Ele fala de um misterioso tijolo voador fotografado pelo Sr. Scherman. Como ele fez notar, não havia barbante, nem foi amarrado com arame, mas omite o fato de que havia um forte trabalhador ainda no trabalho atrás do muro. Não há nenhuma dúvida que os tijolos voadores, que apareciam em intervalos regulares, eram projetados por este trabalhador no curso de seu trabalho de demolição”.

Em conclusão: em matéria de fenômenos paranormais, a desconfiança mais absoluta se impõe. Isto porque esta regra não tem sido observada muitas vezes de que a realidade do paranormal não é admitida por muitos espíritas sérios que foram desencorajados por casos do gênero Borley.

A história do presbitério tem uma moral.

Eis a moral:

Se a negação sistemática é tão nociva para a pesquisa, quanto a credulidade mais ingênua, a dúvida e a desconfiança se impõem. É preciso desconfiar sempre, é preciso controlar-se sempre. Noventa e nove dos cem casos ruem, porém o centésimo deverá ser retido e utilizado.

É o que desejava o próprio Charles Fort, é o que nós todos tentamos fazer neste livro.